

IZRAEL ROTENBERG

2ª Edição

História da
INSENSATEZ HUMANA



Caro(a) leitor(a),

A aquisição deste e-book - que conta a história da equivocada e decadente civilização em que vivemos como resultado do predomínio, entre a grande maioria dos dirigentes, do cultivo da hipocrisia e da má-fé, levando a todos a prática de um modo de vida fútil e egoísta – demonstra que eu e você temos algo muito importante em comum: **absolutamente não somos indiferentes** à forma equivocada em que a maioria vive e pensa, quando raramente pensa.

Assim como meu espírito, tenho certeza de que o seu espírito também continua inquieto e perplexo diante desse decadente humanismo, e pugnam pela construção de **um novo humanismo** mais representativo dos verdadeiros seres humanos, pensantes, altruístas e generosos para com os demais.

Assim, tenho o prazer de convidá-lo a juntar-se aos que se inquietam pela existência humana em nossa Terra, pelo futuro de nossos filhos e netos.

Abraços,

Izrael Rotenberg

HISTÓRIA DA INSENSATEZ HUMANA

HISTÓRIA DA INSENSATEZ HUMANA

IZRAEL ROTENBERG

2ª EDIÇÃO

Copyright © 2010 by Izrael Rotenberg
Primeira impressão, em brochura: 2000

EDITADO PELO AUTOR

Rua do México, 148 – Grupo 601
CEP 20031-142 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Tel.: (55) (21) 2544-4242
<http://www.rotenberg.com.br>

Título Original: HISTÓRIA DA INSENSATEZ HUMANA
2ª Edição, Revista, 2011

Capa: Rodrigo Rocha Freire
Diagramação: Simone Oliveira da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Nacional – Escritório de Direitos Autorais
Nº Registro: 219.896 Livro 892 Folha 114
ISBN 978-85-910938-0-9
Rotenberg, Izrael, 1926 –

Índices para catálogo sistemático:

1. Materialismo - História da Civilização - Equívocos. 2. Política – Sociologia.
3. Maquiavelismo - Corrupção – Causas. 4. Infelicidade – Causas.
5. Insensibilidade Humana – Indiferença.

II – Título Inclui bibliografia

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito do autor.

Dedico este livro à Eugênia,
minha dedicada e paciente
esposa – com muito amor.

INTRODUÇÃO

Caro leitor, se você *se comove* com algum tópico abaixo pontualizado, se você algum dia se perguntou *por que* isso acontece ainda hoje, se você sente *inquietações* - do latim *inquietudine*: *inquietação*; ou *inquietatione*: falta de sossego -, então você apreciará este trabalho. Espero que assim seja e que dele extraia algum elemento capaz de enriquecer a sua vida e, por extensão, tornar melhor a humanidade. Os temas aqui abordados são de tal magnitude que merecem ser a sua reflexão, qualquer que seja a sua formação acadêmica.

A história da humanidade é a história de guerras, de desentendimentos entre seres e nações; tão evidente é essa afirmativa que é aceita como um axioma pela nossa cultura e nossa civilização, tanto que as guerras acontecem e poucos são os seres que delas se preocupam e, muito menos, procuram suas causas, mas todos sofremos seus devastadores efeitos. A grande inquietude que surge do fundo de cada ser é: *por que o homem continua tão bárbaro?*

A história da humanidade é, pois, a história da estupidez ou insensatez humana. A propósito, o grande pintor e pensador renascentista Leonardo da Vinci (1452-1519), que tinha grande desdém pela maluquice da humanidade, já naquela época dizia “*que pensas, Homem, de tua própria espécie? Não te envergonhas de tua estupidez?*”¹

A estupidez humana acontece em todos os momentos da

¹ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 187.

história humana, passados e presentes, e as ciências ditas “humanas” não se preocupam em buscar suas causas, já que todos somos educados para “apagar incêndios”, “correr atrás dos efeitos, dos prejuízos”. Entretanto, por ignorância e inconsciência, somos ineficientes “bombeiros”. A pergunta que cabe é: *por que essa estupidez?*

A história da humanidade é também a história do fanatismo religioso e as conseqüentes barbaridades que o ser humano vem sofrendo, inimagináveis em uma mente sã, espécime rara. Como merecem serem examinadas suas causas!

A propósito, chama-me a atenção a lucidez de raciocínio, coragem e honestidade do bispo brasileiro Dom Helder Câmara:

“Pergunto-me como é possível haver pessoas acreditando que somente os católicos podem encontrar a salvação... É ridículo! Só se imaginarmos o Espírito Santo lá das alturas a procurar católicos, ou cristãos de um modo geral, para dar-lhes - e apenas a eles - o sopro divino...”

“É evidente que tal discriminação não pode ocorrer! Em qualquer parte do mundo, onde quer que haja uma criatura humana que tenha fome e sede de amar, de auxiliar ao próximo, de superar o egoísmo, que seja capaz de sair de si mesma para atender aos problemas alheios, que ouça o que lhe recomenda a consciência, que se esforce para praticar o bem, não resta a menor dúvida de que o Espírito de Deus estará com ela. Gosto muito de ouvir as palavras do Senhor quando diz ‘... virão muitos do oriente e do ocidente...’ Na casa de nosso Pai encontraremos budistas e judeus, muçulmanos e protestantes, bem como católicos!...”²

Devido às guerras e sofrimentos humanos, a história da humanidade confunde-se também com a história da insensibili-

² CÂMARA, Dom Hélder. *Evangelho com Dom Hélder*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1987, p. 53

dade humana, a maior responsável pela estagnação da cultura espiritual do ser humano. Felizmente, hoje os cientistas estão descobrindo a importância da sensibilidade no desenvolvimento intelectual e humano do ser, sem o qual efetivamente assemelha-se ao animal, com perdão deste.

Como investigador da História da Civilização, crescente foi a minha indignação quanto ao comportamento dos que, com raras exceções, usufruíram ou, melhor dito, usurparam o poder. Mas também aprendi a ser otimista. Concluí que parte da culpa cabe a mim, como integrante dessa sofrida humanidade, e aprendi que muito posso fazer para reverter a História.

Os intelectuais devem sentir-se desconcertados com o espetáculo da vida, devem sentir-se num mundo que aparentemente não lhes pertence, como se fossem peixes fora d'água. Devem buscar compreender o porquê da brutalidade da vida e procurar fazer algo, assumir a enorme responsabilidade que compete a cada um perante a humanidade, buscando a sabedoria onde quer que se encontre, para fazer desta terra um oásis de paz e prosperidade, onde não haja lugar para as misérias humanas, materiais, morais e espirituais.

Este trabalho tem por finalidade chamar a atenção do leitor para alguns aspectos que já foram isoladamente mencionados por um ou outro autor. Certamente, precisarei que a paciência do leitor seja mais forte que qualquer preconceito que possa haver em sua mente. A propósito, cabe um grande e conhecidíssimo pensamento de Voltaire, manifestado em uma de suas cartas:

“Posso não concordar com nenhuma das vossas palavras, mas defenderei até a morte o vosso direito de enunciá-las.” Essas palavras são

*provavelmente a maior contribuição de Voltaire e do século XVIII à civilização do gênero humano.*³

Não estou à procura de um bode expiatório, mas julgo como verdadeiros culpados os historiadores que – com brilhantes exceções -, informam e interpretam os acontecimentos de acordo com suas conveniências pessoais, ludibriando a fé de seus leitores.

Julgo também culpados os filósofos e cientistas que, podendo, não usam suas privilegiadas mentes em busca das causas da persistência dessa *Era da Ambição Material* que, desde os primórdios da civilização até hoje, persiste em nossa sociedade, apesar dos enormes sofrimentos que acarreta à humanidade, e causa principal da insensatez e insensibilidade dos seres humanos.

Por fim, reforço que me julgo também culpado por esse estado de coisas, porque muito mais do que fiz poderia ter feito para ajudar a humanidade a romper o círculo vicioso em que vive.

Em certa ocasião, F. Scott Fitzgerald externou que um autor deve escrever para a juventude da sua própria geração, para os críticos da próxima e para os estudiosos de todo o sempre.

Parodiando Fitzgerald, penso que, ao escrever aos intelectuais contemporâneos, automaticamente escrevo para a juventude da minha geração e, se for mais bem compreendido pela próxima geração, estarei também para os críticos e para os estudiosos de todo o sempre. Esta é a intenção deste livro.

³ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 241.

PRIMEIRA PARTE

A INSENSATEZ HUMANA

CAPÍTULO 1

O EGOÍSMO HUMANO

Os políticos que desfraldam a bandeira da fome, da miséria, das desigualdades sociais e outras mais, mas não há unanimidade, no mundo inteiro, em torno de um projeto político comum contra essa situação extremamente explosiva que vive a humanidade. O governo faz discursos contra a miséria, as forças políticas que lhe dão sustentação o aplaudem, já que são discursos ricos em diagnósticos e soluções, arejados e convincentes; mas como são decepcionantes as aplicações! Egoístas, cada qual se vira para o seu lado, as promessas são esquecidas tão logo são pronunciadas, e a miséria continua.

Neles há algo na imensa proporção dos políticos que os domina: a ambição, uma ambição infinita pelo poder.

Como cada um cuida de si, as dificuldades continuam. Fazem-me lembrar *Fausto*, obra imortal de Goethe, o maior poeta alemão de todos os tempos e um dos maiores vultos da literatura universal:

*“Que lá fora haja guerra e nunca exista paz,
“Contanto que em meu lar tudo esteja tranquilo!”⁴*

Esse egoísmo vem de longe. Os hebreus há milênios celebram o Pessach (*páscha*, em grego, e *pascha*, em latim; em hebraico significa ultrapassar, passar por cima): Deus teria passa-

⁴ GOETHE, Johann Wolfgang Von. *PAUSTO*, Biblioteca Universal, São Paulo, Editora Três, p. 57.

do por cima, isto é, protegido as casas dos israelitas que viviam no Egito, enquanto as demais seriam castigadas.

Evidentemente, Goethe sabia perfeitamente que quem assim pensa está com seu juízo inteiramente fora da realidade — é esse, precisamente, o equívoco dos responsáveis por esse estado de decadência humana em que vive a humanidade. Sensível a essa decadência, Goethe aponta para a responsabilidade do homem perante seu semelhante, destacando que Deus não lhe permite viver tranquilamente como que em uma redoma sabendo que tudo que tem, tudo que sabe, deve ser para uso-fruto de toda a humanidade, única forma de ficar bem com a sua consciência e ser feliz.

A propósito desta nossa decadente civilização, *Shakespeare* tem ditos extremamente populares, muito usados jocosamente: “*Há algo de podre no reino da Dinamarca.*” e “*O mundo está fora dos eixos.*”⁵ Esta também foi a preocupação de Dostoievski, quando diz que pela boca de um ‘demônio’: “*eu não tenho o poder de me criar. Tenho o de me destruir*”⁶.

Fácil, portanto, é o diagnóstico: a insensatez humana tem sua causa na ambição e no egoísmo, já feitos *carne* pela cultura do material, que conseguiu desviar inteiramente o ser humano de seu rumo. Há, portanto, solução para essa problemática humana. Já que a falta de sensatez decorre da falta de senso ou razão, um dia a razão predominará na mente de todos os responsáveis pela Terra, a razão do amor e respeito mútuo, dos direitos e, sobretudo, dos deveres, da liberdade e da justiça.

⁵ SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta, Macbeth, Hamlet, príncipe da Dinamarca, Otelo, o mouro de Veneza*, São Paulo, Editora Abril S.A., 1978, p. 227.

⁶ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 187.

Será, então, o triunfo do juízo sobre a violência e a falta de razão, como uma necessidade imperiosa da conservação e melhoramento da raça humana. Para isso, Deus dotou o ser humano de um conjunto de recursos mentais e sensíveis, e de uma consciência que constantemente o espicaça a cumprir com seu dever como “rei da criação” em potencial.

Mas, dotou-o, também, do livre-arbítrio que lhe faculta a escolha a qualquer momento do caminho que deve trilhar. De acordo com a escolha que faça, torna-se livre ou permanece submergido na escravidão já milenar de seu milenar egoísmo. Usando um pseudo livre-arbítrio – por lhe faltar os conhecimentos necessários para sua verdadeira utilização -, em vez de aprender a se criar, aprendeu a destruir a si mesmo e a todo o criado.

Tenho plena convicção de que, chegando o homem ao fundo do poço - mercê à sua ambição e egoísmo, e à comodidade em permanecer escravo da ignorância -, as Leis Universais, que representam a Vontade do Criador de todas as coisas, hão de prevalecer e recolocá-lo no leito do qual jamais deveria ter saído. Infelizmente, porém, a custa de grandes sacrifícios humanos.

Sejamos, pois, otimistas e responsáveis.

CAPÍTULO 2

CRIME DE LESA-HUMANIDADE: A DESTRUIÇÃO DA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA

Dissemos que a insensatez humana é milenar. Citamos aqui um exemplo que, por repetidas vezes, afetou um mesmo patrimônio da humanidade.

A primeira importante biblioteca, segundo registro dos historiadores, foi organizada em Mênfis, capital do Império Antigo egípcio (2755-2255 a.C.), pelo rei Osymandias, em 2.000 a.C., com um rico acervo de manuscritos em samaritano. Sua importância na vida cultural do Egito de então era de tal ordem que se lia, na entrada da biblioteca: *Remédios da alma*. Na época helenista, principalmente, as bibliotecas tiveram grande desenvolvimento. As mais célebres foram as de Pérgamo,⁷ fundada por Eumenes II (197-159 a.C.) e Attalo II (159-138), que chegou a ter 200.000 volumes, e a grande e famosa de Alexandria, fundada por Ptolomeu I Sóter (367-283 a.C.), rei do Egito (305-285 a.C.), por reunir a maior coleção de livros do mundo antigo. Por volta do ano 250 a.C., Alexandria converteu-se em um dos maiores mercados de livros do mundo e as primeiras publicações e vendas ocorreram nessa grande biblioteca.

Os eruditos encarregados da biblioteca eram considerados os homens mais capazes de Alexandria na época. Zenódoto de Éfeso, poeta e gramático, foi seu primeiro diretor e o po-

⁷ Cidade antiga situada próximo à costa ocidental da Ásia Menor, em Mísia (agora Turquia).

eta Calímaco (310 ou 305 – 240 ou 235 a.C.), também poeta e gramático, fez o primeiro catálogo geral dos livros. Seus bibliotecários mais notáveis foram Aristófanes de Bizâncio (c. 257-180 a.C.), editor e gramático de Bizâncio, e Aristarco da Samotrácia (c. 217-145 a.C.). Sob o reinado de Ptolomeu II, a biblioteca principal do Museu de Alexandria possuía entre quinhentos mil e setecentos mil volumes e o seu anexo, que se localizava no Templo de Serápis continha aproximadamente 43.000 volumes.

A Biblioteca de Alexandria era frequentada por todos aqueles, incluindo nobres, ricos, pobres e plebeus, que quisessem adquirir cultura e conhecimento por meio da leitura. A importância desta biblioteca é literalmente proporcional ao seu tamanho, uma vez que muitas das obras guardadas ali eram copiadas e distribuídas por todas as bibliotecas do mundo civilizado, como, por exemplo, a tradução grega dos livros dos hebreus.

As primeiras obras literárias foram comercializadas, provavelmente, na Grécia, graças aos discípulos de Platão, que vendiam ou alugavam cópias de seus discursos, o que denota a importância dessa biblioteca. Os primeiros comerciantes de livros atenienses confeccionavam os livros em rolos, porém, posteriormente, os fabricantes de livros empregaram copistas. O fato de o lugar funcionar também como uma espécie de editora, multiplicando o número de livros e os distribuindo, teve uma contribuição fundamental para a disseminação da cultura e a preservação de obras raras no mundo de hoje, razão pela qual boa parte de suas coleções literárias foi conservada, apesar dos vários e sérios ataques sofridos no decorrer de sua existência.

A biblioteca de Alexandria foi destruída pelo fogo em quatro principais ocasiões: em 48 d.C., durante a guerra de Júlio

César contra Pompeu, o Grande, na qual um incêndio destruiu boa parte de suas obras e de sua estrutura; em 272, por ordem de Aureliano (214-275), imperador romano (270-275); em 391, quando o imperador Teodósio I (346?-395), imperador romano do Oriente (379-395) e do Ocidente (394-395), defensor do cristianismo dogmático, perseguindo o arianismo e o paganismo romano, arrasou-a, juntamente com outros edifícios pagãos, apesar dos esforços empregados por alguns bispos, como o de Alexandria, que procuravam demover os cristãos dos seus propósitos selvagens, dizendo-lhes que as bibliotecas *não encerravam só obras pagãs*. Estavam com razão. Por esse motivo, a Biblioteca de Alexandria sobreviveu e foi forte o suficiente para nos reservar algumas de suas melhores obras que, só assim, puderam ser conhecidas pela humanidade moderna.

Assim é que, na Europa medieval eram frequentes os vendedores ambulantes de livros, embora durante a alta Idade Média, sua produção fosse, geralmente, monopólio dos *scriptoria*, ou salas de escritura dos mosteiros. Na baixa Idade Média, o desenvolvimento das universidades estimulou o uso dos livros. As publicações e vendas tiveram início, em 1440, com a invenção da imprensa. Os primeiros impressores eram também os editores das obras que produziam. Assim, felizmente para a humanidade, nos mosteiros também se professava o culto dos livros, razão porque muitos deles salvaram-se da fogueira. Evidentemente, não foi por milagre.

Mas tarde, em diversas épocas históricas, as bibliotecas das civilizações antigas foram atacadas e destruídas por cristãos e bárbaros, ficando muitas delas reduzidas a cinzas. Enquanto o Ocidente da Europa mergulhava nas trevas da barbárie, as bibliotecas não podiam deixar de refletir esse lamentável estado social, melhor dizendo, essa incomensurável insensatez humana.

Como ilustração, citemos Leonardo da Vinci: pintor, escultor, arquiteto, engenheiro, músico, anatomista, inventor, desenhista teatral e, fundamentalmente, filósofo, deixou ao morrer cerca de cinco mil páginas manuscritas inéditas. E continuam inéditas! Onde estarão? Existirão ainda? Por que foi subtraída à humanidade a prerrogativa de delas se beneficiar?

Evidentemente, estamos falando de um desvio extremamente sério realizado pelo HOMEM no decorrer de seus erros seculares, atravessando toda a sua história. Seria como que uma lei da história que a própria riqueza material que gera a civilização anuncia a sua decadência?

Com relação às suas sucessivas destruições a que a Biblioteca de Alexandria teve que passar, a humanidade tem o direito de considerá-los verdadeiros crimes lesa-humanidade.

Para que o leitor possa vislumbrar o valor histórico do acervo dessa biblioteca, penso ser pertinente o que nos traz o historiador Will Durant:

“Em 2.000 a.C., os babilônios já tinham uma cuidadosa fixação dos movimentos do planeta Vênus; haviam determinado a posição de várias estrelas e iam aos poucos levantando o mapa do céu. A conquista kassita interrompeu por mil anos esse desenvolvimento. Depois, no reino de Nabucodonosor, os estudos astronômicos foram retomados; os sacerdotes-cientista traçaram as órbitas do sol e da lua, notaram suas conjunções e eclipses, calcularam o curso dos planetas e fizeram a primeira distinção entre planetas e estrelas. Também determinaram as datas dos solstícios do inverno e do verão, dos equinócios da primavera e do outono, e dividiram a eclíptica⁸ nos doze sinais do Zodíaco. Como haviam dividido o círculo em 360 graus, também dividiram o grau em 60 minutos e o minuto em 60 segundos. Mediam o tempo com a clepsidra ou o

⁸ A marcha da Terra em redor do Sol.

relógio de água, ou por meio do relógio de sol - e parece que estes instrumentos foram invenções suas.”

“Foi mais da Babilônia do que do Egito que os gregos levaram para suas cidades-estados, e daí para Roma, os fundamentos das matemáticas, da astronomia, da medicina, da gramática, da arqueologia, da história e da filosofia. Os nomes gregos dos metais e das constelações, dos pesos e medidas, dos instrumentos de música e de muitas drogas não passam de traduções, às vezes meras transliterações, de nomes babilônicos. Enquanto a arquitetura grega derivava suas formas da do Egito e de Creta, a arquitetura babilônica, com o ziggurat, dava ao Islã a torre das mesquitas, dava aos medievais os campanários e a nós americanos nos deu o “setback” da nossa atual arquitetura - o recuo progressivo dos andares. A magnífica coleção de leis do século XVIII a.C., denominada Código de Hamurabi, tornaram-se para todos os povos antigos um legado comparável ao de Roma ao mundo moderno.”⁹

Como foi possível a Antiguidade alcançar esse grau de desenvolvimento?

Desde cedo, o ser humano se preocupou em organizar seus diferentes escritos em bibliotecas para estudo, leitura e consulta, sendo elas, em consequência, anteriores à descoberta da imprensa, no século XV, quando, então, os livros ficaram mais acessíveis, mais baratos e mais duráveis, permitindo o aumento do hábito da leitura.

Na qualidade de depósitos de informação escrita, as bibliotecas surgiram com a própria escrita, no Oriente Médio, entre 3.000 e 2.000 a.C. e, no final do século 1 a.C., já se encontram

⁹ DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, *Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, pp. 266-272.

bibliotecas particulares entre alguns romanos, com obras gregas e latinas, dando origem ao comércio de copistas, ao aparecimento de livrarias e ao estabelecimento de bibliotecas públicas, que surgiram em Roma, próximo ao século II da nossa era. Com um preito de gratidão, não me permito de deixar de citar a figura do seu mais influente editor: Aldo Manuzio (c.1449-1515), que permitiu a Europa tomar conhecimento da poesia e da filosofia grega, imprimindo-as. Muito erudito, merece que seja destacada a academia que fundou e que teve, entre seus membros, Erasmo de Rotterdam.

A ênfase que os historiadores dão à importância dos medíocres vencedores, sem dúvida é uma das razões da persistência da insensatez humana, explicada pela propensão que a humanidade apresenta de rapidamente esquecer seus benfeitores. A essa grande e grave ingratidão, que se soma aos demais defeitos e deficiências, podem-se juntar aos historiadores os filósofos e eruditos de todas as épocas, já que, com raras exceções, regra geral colocam em primeiro lugar seus interesses egoístas e, por último, os dos seres humanos que povoam a Terra.

CAPÍTULO 3

PRECONCEITOS E FANATISMO

Em outubro de 1995, a Oitava Jornada da Associação AIDS, realizada em Marselha, teve que enfrentar um sério preconceito, já que “para os muçulmanos, a Aids é um castigo de Deus e, como tal, os que lutam contra ela lutam contra Deus”, como denunciou Mehdi Youssef, professor de medicina em Argel, Argélia, apesar do medo de ser morto por fanáticos. Uma frase simples, mas de um significado altamente transcendente: descubra - no sentido de levantar o véu - quanta ignorância perambula pelo mundo no que se refere às doenças que podem se transformar em epidemias; mas mostra também quanto Deus é desconhecido, ignorância que O faz ser temido, em vez de amado, e constantemente desrespeitado.

Infinita é a quantidade de exemplos de insensatez que diariamente assistimos na mídia escrita e falada.

Já em sua época, Anaxágoras (500 – 428 a.C.) entendia que todos os corpos celestes eram feitos da mesma matéria que compunha a Terra, concluindo que houvesse vida em outros planetas. Explicou, também, que o Sol não era um deus, mas uma massa incandescente maior do que a Terra até então conhecida, e que a Lua não possuía luz própria, mas que a tirava da Terra.

Natural da Ásia Menor, já maduro, mudou-se para Atenas; acusado de ateísmo pelos pagãos que ali viviam, teve que deixar a cidade, apesar de não existir Inquisição na época.

Isso nada mais demonstra que as verdades aceitas como dogmas são, por definição, as que mais necessitam de revisão! Essa é a grande diferença entre o sábio, que julga que todos seus conceitos devem ser sempre revistos, e o ignorante, que se julga dono e senhor da verdade, a ponto de, com a consciência tranquila, matar os que, segundo a Bíblia, são seus irmãos que tanto dizem defenderem. Não é por quererem. É por não saberem, por ignorância mesmo!

O ignorante apresenta as mesmas características dos fanáticos, e vice-versa. Julgam-se donos da verdade e, em consequência, crentes em si mesmo, que esconde uma profunda falta de confiança em si mesmo: buscam a aprovação nos olhos dos espectadores, e chamam a isso de certeza. Precisam ambos, então, pertencer a um grupamento dirigido por um líder, em que inconscientemente se identificam pela ignorância. Ambos, tanto o ignorante quanto o fanático, são em essência covardes.

Enquanto um valente aceita a responsabilidade de seus atos, quaisquer que sejam, o homem, produto da nossa cultura, tende a nunca assumir seus erros, mas assume qualquer vitória, mesmo que seja dos outros; com algumas exceções, é um ganhador ou um perdedor, e pode transformar-se em perseguidor ou vítima.

É evidente que esta velha cultura em que vivemos não ensina ao homem a compreender, amar e respeitar o Autor da Criação. Em consequência dessa ignorância, os fanáticos agem como animais, por instinto; neles, dão-se as mãos a ferocidade com a covardia e, em consequência, a insensatez neles é uma constante.

Vale acrescentar que a arrogância e a pseudovalentia do fanático e preconceituoso esconde uma psicologia negativista,

arbitrária e destrutiva, derivada de uma suposição de que todas as decisões derivam de uma colocação arbitrária do Criador, diante das quais só resta a obediência.

A construção moral-teológica da cultura vigente, principalmente ocidental, vincula Deus à predestinação, à eleição e ao Juízo-Final; e, ao homem, o arrependimento, danação ou salvação. Essa filosofia de vida, de uma só penada, afasta do homem a necessidade do uso consciente de seu livre-arbítrio e da responsabilidade de suas atitudes perante a humanidade. Como corolário, o fanático o que mais teme é a liberdade, não do próximo, mas dele próprio. Infelizmente, falta-lhe consciência disso.

Quanto a Deus, não tem as deficiências e os defeitos humanos, nada tem a ver com o antropomorfismo que o vulgo, os clérigos e os doutores supõem, nem com o que as religiões reveladas, instituídas ou com o que as variadas formas de superstição costumam imaginar. Mais ainda: o fanático de fato não crê em Deus, crê fundamentalmente em si mesmo, tanto que o que mais teme é ser-lhe demonstrado que tem um conceito equivocado de Deus. Dentro dessa redoma em que seus pensamentos o colocam viver, não consegue perceber quanto agride a Deus. Exemplo? De acordo com o cálculo de Voltaire, nada menos de dez milhões de hereges foram queimados vivos “por instigação da Igreja”.¹⁰

O extremismo constitui uma tendência típica da mente, tanto que é mais fácil agitar um povo do que o pacificar. Quando não cultivada, a mente é extremista e preconceituosa, em razão de sua preguiça mental em examinar todos os ângulos

¹⁰ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 147.

de um problema. Como não poderiam ser de outro modo, as consequências do abandono desse cultivo são os catastróficos processos de evolução da humanidade.

Ocorrem-me uns provérbios populares, aplicáveis, também, à mente: *o uso constante de um conceito deixa a mente torta*, quer dizer, indispõe o ser a pesquisar outros ângulos de uma questão. Surge, daí, um preconceito, isto é, um conceito previamente concebido sem uma análise profunda.

A razão do preconceito advém, em última instância, da preguiça de pensar; o resultado torna-se, como dissemos, calamitoso para o ser, pois sua mente fica indefesa, à mercê dos pensamentos que perambulam em seu redor. Todos os movimentos de massas ocorridas na história o demonstram. Todos os Stalins, Hitleres, sindicatos e igrejas sabem disso: para eles, basta tocarem uma corneta para os chamar, e todos atendem, já que o ato de pensar por si mesmo requer um esforço que as massas não estão dispostas a exercitar.

É a anulação completa do homem racional. Todos os serem humanos são diferentes – e há uma razão transcendente para que Deus os tenha assim concebido -, mas vivem como rebanhos jamais se perguntando quem são, de onde vêm, que fazem na Terra e outras inquietudes existenciais, salvas as exceções que confirmam a regra.

Enquanto essas inquietudes não forem despertadas, o homem continuará a viver rotineiramente, sem capacidade para romper o círculo de sua existência individual: seus hábitos e tradições, tão artificiais que se diferenciam em cada região em que o ser vive.

Considera “normal” esse artificialismo cheio de hipocrisia e ambições materiais, predominantemente egoísta, quando é tão

importante para a existência o questionamento dos hábitos arraigados, estar sempre os reformulando. Este exercício torna o ser mais consciente da vida, é quando passa realmente a viver.

Em consequência, por ser mais cômodo, mais fácil, os seres se aferram ao milagroso, ao sobrenatural e são cegos à linguagem da natureza que sistematicamente nos orienta sobre a primordial função do ser humano. Essa linguagem é a expressão das leis universais ou da Vontade de Deus. Desconhecendo-a, evidentemente desconhece-se Deus a ponto de duvidar de sua existência ou, não O entendendo, sente-se por Ele abandonado. Por desconhecer a sua perfeição - a de Deus, claro -, muitos creem que Deus faz do homem uma marionete. Tal a ignorância sobre a razão de sua Obra!

As pessoas são quase tão desligadas das coisas fundamentais que as cercam quanto os animais, razão porque a ciência as insere no reino animal. Porém um dia o homem verá que por detrás das estrelas e galáxias se oculta a Sua intenção. Para isso, para conseguir “descobrir”, isto é, retirar o véu que lhe oculta o mistério, Deus dotou o ser humano de uma superinteligência. Mas é necessário, em primeiro lugar, exercitar-se em manter os olhos bem abertos a tudo que acontece em seu redor.

Estamos todos na Criação, mas será que, afora uns poucos, os seres sabem o que estão fazendo neste mundo? Será que têm consciência de seus movimentos? A verdade é que estão vivos em aparência, pois não têm consciência se realmente estão vivos. Constroem muitas coisas, chegam à estrutura dos átomos, pesquisam o universo, mas nada sabem de si mesmo!

Essa falta de consciência do homem acerca de sua própria condição é considerada *normal* na cultura vigente, velha e decadente por isso mesmo; daí ser comum a quase todos. Poucos

são os que buscam a sabedoria, que em última instância é a razão do homem ter sido dotado dessa “superinteligência”.

Por falar em sabedoria, no decorrer de sua história, a humanidade sempre tem Mestres que procuram fazer com que o homem encontre seu leito, seu rumo evolutivo, respostas às suas inquietudes existenciais. São de uma enorme importância na vida humana porque têm por sublime missão não permitir que a humanidade se acomode aos seus arraigados costumes e tradições.

SEGUNDA PARTE

GUERRAS: O ASPECTO MAIOR
DA INSENSATEZ HUMANA

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA DAS GUERRAS

O *Homo Erectus* surgiu à cerca de 1,5 milhões de anos; o *Homo Sapiens*, entre 200 e 300 mil anos; o Homem Moderno, o *Homo Sapiens Sapiens*, apareceu pela primeira vez há mais de 90 mil anos; a *Idade da Pedra*, ou Revolução Neolítica, entre 10 mil e 3,5 mil anos; a *Idade do Bronze*, a cerca de 4,5 mil anos (o mais antigo vestígio da utilização do bronze, na Tailândia) e entre 2,5 mil e mil anos no Oriente Próximo; a *Idade do Ferro*, surgiu há cerca de 2,5 mil anos.

Antes do Período Neolítico, que assinala o início da civilização, o homem era nômade e vivia da caça; quando entra na *Idade da Pedra*, inicia o pastoreio de rebanhos - de ovelhas e cabras domesticadas no Oriente Próximo -, ao mesmo tempo em que surge a agricultura, indicando um afastamento da vida nômade do caçador-coletor. É um período em que a civilização tomou um grande desenvolvimento, ao verificar o homem que o solo era mais bem cuidado e produzia mais se o seu produto fosse usufruído pelo lavrador e os seus.

A vida torna-se sedentária, com o desenvolvimento dos assentamentos permanentes e à aparição dos primeiros recipientes de barro para cozinhar e armazenar alimentos. Surgem, assim, os primeiros conceitos sobre a propriedade privada, da tribo para a família e, desta, para o indivíduo mais velho, quando a família vai tomando a forma patriarcal; coletivamente, se agrupam em famílias com o mesmo espaço de terra, com o mesmo totem, os mesmos costumes, as mesmas leis. É a mais primitiva forma de organização social contínua.

Enquanto nômades, os homens caçavam e todo o trabalho manual era realizado pelas mulheres e seus filhos. Quando voltavam, os homens caíam na indolência própria dos animais saciados. Com o surgimento da agricultura, para transformar essa atividade até então espasmódica em trabalho regular, foram necessárias a criação da rotina na lavoura e uma melhor organização do trabalho.

É com o advento da agricultura que o homem começa a cultivar suas imperfeições e defeitos mais proeminentes, tendo por carro-chefe a ambição; aliados àquela indolência que o caracterizava como primitivo, é conduzido não só à propriedade privada como à escravidão.

E com esses novos conceitos de vida, surgem, também, os problemas sociais, presentes quase desde a aurora da humanidade, e as guerras para conquista de terras e de escravos, isto é, o emprego dos socialmente fracos pelos socialmente fortes. Mais tarde, com a invenção e o desenvolvimento da escrita, dá-se uma mudança no princípio da organização social e a passagem do parentesco para a dominação.

Está, então, o homem em plena Idade do Bronze e, logo após, alcança a Idade do Ferro. Surge, então, o Estado como resultado da conquista, do estabelecimento dos vitoriosos em casta dominante sobre os vencidos e, aos poucos, a escravidão é estendida aos condenados pela justiça e aos devedores insolventes.

Em seguida, com o advento da religião organizada dando respaldo ao poder temporal, ou exercendo cumulativamente a função deste, iniciam-se as guerras e os assaltos sistemáticos para captura de escravos.

Na falta de uma evolução espiritual que acompanhasse o desenvolvimento material, surgem os primeiros embriões da

Idade da Ambição Material que, por falta daquela evolução espiritual, perdura até hoje.

Portanto, os grandes movimentos de conquistas de terras para captura de escravos, observados a partir do final do século XV, não apresentam nada de novo, a não serem as barbaridades; feitas em nome de uma civilização e de uma religião que diziam melhores do que as dos povos conquistados por esses ambiciosos.

Na aurora da civilização, o homem é pacífico. Pode-se constatar isso com os esquimós, conforme afirma o historiador Will Durant:

“Os esquimós não podem compreender por que os europeus da mesma fé religiosa - e fé pacífica - caçam-se uns aos outros e roubam-se mutuamente as terras. ‘Que bom que sejas assim’, dizem eles para o solo, ‘que bom que sejas coberto de gelo e neve, e que em tuas rochas não haja o ouro e a prata de que os cristãos se revelam tão ardentemente cobiçosos! Tua esterilidade faz a nossa felicidade e impede que eles nos molestem.’”¹¹

Na Antiguidade, o rei ia para a batalha montado em um cavalo ou de carro, à frente de seus guerreiros armados de arco, setas e lanças, sedentos de sangue e riquezas. As razões oficiais da guerra eram sempre por desavenças quanto às rotas comerciais, ou coisas assim, sem nenhum engodo ideológico. Os vencidos eram vendidos como escravos; se não havia procura, para não os alimentar, eram trucidados no campo da luta. Às vezes, um décimo dos aprisionados era oferecido como oferenda aos deuses. A respeito, escreve Durant:

“É a guerra que faz os chefes, o rei e o estado, como é o estado que faz a guerra [...] Nos intervalos de paz era no sacerdote, ou no mágico, que residia a influência e a autoridade; e quando, afinal, uma realeza

¹¹ DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, *Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 26.

permanente se desenvolveu como o sistema de governo da maioria das tribos, essa realza se formou dum conjunto composto pelo guerreiro, o pai de fato e o sacerdote. A sociedade governava-se por meio de duas forças: a palavra, na paz, e a espada, nas crises. A espada entra em cena quando a palavra perde a força. Lei e mitos têm andado de mãos dadas através dos séculos, cooperando ou se revezando na direção da humanidade; até hoje nenhum estado ousou separar-se do mito".¹²

Mais tarde, no sistema feudal, depois de uma guerra bem sucedida, o rei distribuía parte das terras conquistadas aos seus subordinados e oficiais que, assim interessados diretamente na ordem estabelecida, mantinham a ordem interna de seus domínios e forneciam elementos para as façanhas dos reis. Estes, não precisavam se distinguir pela sapiência e equilíbrio no juízo de valores. Como exemplo pode-se citar o rei Nabucodonossor II, segundo rei da Babilônia, um grande guerreiro, estadista e poderoso monarca, tão enaltecido pelos historiadores - e não retiro o seu valor -, entretanto, iletrado e mentalmente mal equilibrado.

Em toda a Antiguidade, o clero exercia um poder que limitava o do rei. Muitas vezes, ambos esses poderes eram exercidos pelo próprio rei; tanto que, investido dos poderes terrenos e dos deuses, ou de Deus, em certas ocasiões vestia-se de sacerdote. Outras vezes, a influência predominante no exercício do poder e no mando das guerras era exercida pelo clero. Com raríssimas exceções, todos exerceram o poder com uma obstinação material doentia.

Na Babilônia, antigo reino da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, ao sul da atual Bagdá, Iraque, tendo os reis e os padres dificuldade em consumir suas riquezas, tornaram-se agricultores, aplicando-as na terra e manufactureiros. Como possuíam muitos escravos, trabalhadores e capital, foram os

¹² Ibid, p. 26.

primeiros capitalistas que a história tem notícia. E usurários. Principalmente os padres. Competiam com o comerciante privado na venda dos produtos arrecadados com os impostos ou ofertados aos templos, e para giro de capital empregavam o próprio dinheiro ou o muito que recebiam de oferta. A essas atividades, reuniam também as de notários, testemunhas em contratos, redigiam testamentos, arbitravam demandas judiciais e mantinham escritas comerciais e arquivos oficiais.

Prossigo com DURANT:

“Às vezes, o rei requisitava alguma dessas riquezas dos templos, nos casos de emergência, mas era coisa perigosa, porque os sacerdotes lançavam terríveis maldições sobre quem desfalcasse, na mínima coisa, os templos. Além disso, a influência dos sacerdotes no povo era maior que a dos reis, aos quais podiam depor. Tinham ainda a vantagem da permanência; o rei morria, mas deus, não; o conselho dos padres, livre dos perigos da eleição, da doença, dos homicídios e das guerras, formava uma corporação perpétua que tornavam possíveis as políticas de longo alcance - como ainda acontece hoje. A supremacia dos sacerdotes era, pois, inevitável. O destino queria que os comerciantes fizessem a Babilônia e os padres a gozassem.

*“Que deuses formavam a invisível estrutura do estado? Muitos, porque a imaginação do povo é ilimitada, e sendo inúmeras as necessidades humanas, inúmeros tornavam-se os deuses criados para atendê-las. Um recenseamento oficial dos deuses, empreendido no século IX de nossa era, apresentou o número de 65.000. Cada cidade tinha o seu deus tutelar; e, como se dá hoje, as localidades e vilas, depois duma formal admissão do Ser Supremo, adoravam com especial devoção deuses menores. Esses deuses não se distanciavam muito dos homens; muitos viviam nos templos, comiam com excelente apetite e, com suas visitas noturnas às damas piedosas, davam inesperada prole aos sempre atarefados maridos da Babilônia”.*¹³

¹³ DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, *Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 242.

É digna de ser ressaltada a força das tradições e hábitos arraigados, capazes de trazer até os nossos dias o costume dos devotos cristãos, no ocidente, de nomear os santos padroeiros de cada cidade e de cada país. Por extensão, nomeiam também os santos padroeiros de cada profissão. Mencionando isso, não faço a menor ideia do que possa ocorrer na mente desses devotos quando, devido ao progresso material ou político, desaparecem certas profissões – como, por exemplo, ocorreu com a Revolução Industrial e ora está ocorrendo com o advento da era da informática.

Continuemos com DURANT:

“Em geral, a religião babilônica se resumia na estrita observância do ritual, não na vida perfeita. E para cumprir os seus deveres com a divindade, era indispensável o sacrifício no templo e a repetição das mesmas orações; e quanto ao resto, podia o fiel arrancar os olhos do adversário caído, cortar os pés e mãos dos escravos, assá-los vivos em fomalhas - eis de onde a Inquisição se inspirou!. Nada disso ofendia o céu. Tomar parte nas procissões, ungir os ídolos com óleos perfumados, queimar diante deles incenso, vesti-los ricamente, adorná-los de joias, oferecer a virgindade das filhas aos sacerdotes nas grandes festas a Ishtar, nunca faltar com alimentos e bebidas diante dos altares e ser generosos nos donativos: era o essencial, para a devota alma da Babilônia.”¹⁴

Como se observa, a história se repete até a exaustão: já na antiguidade os padres não tinham compromisso moral com o que pregavam e serviam como péssimo exemplo aos fiéis. Apesar da ingenuidade do povo, mais ingênuo do que o contemporâneo, a fé já se exteriorizava nos rituais, na repetição das mesmas orações, em participar das procissões, em acender velas aos seus deuses e ser generosos nos donativos, ou dízi-mos. Como hoje, sem nenhum compromisso no exercício de

¹⁴ Ibid, p. 249.

virtudes, a não ser para uso externo. Como me cansa assistir ininterruptamente, ao longo da história, esse filme! A você, leitor, acontece o mesmo?

O resultado da decadência moral e do enriquecimento dos templos foi que os cidadãos da Babilônia se comportaram com indiferença à dominação dos cassitas, dos assírios, dos persas e dos gregos.

Enquanto a moral babilônica decaía, a trezentas milhas ao norte, a Assíria (onde hoje se encontra a Arábia Saudita), outra civilização foi-se desenvolvendo.

Forçada a manter rija vida militar em consequência das ameaças que sentia de todos os lados, ao longo de sua história, o poder da Assíria dependeu quase que inteiramente de sua força militar. Em consequência, a história da Assíria foi uma história de reis, guerras, sangrentas vitórias, conquistas e derrotas.

Com uma religião importada da Suméria e da Babilônia, sofrendo na passagem as necessárias adaptações a um estado militar, tudo era feito em nome do deus Assur, todas as taxas e campanhas eram feitas para cumulá-lo de riquezas e glória. O próprio rei era tido como um deus, o deus Sol.

*“A principal função do clero assírio consistia em treinar os futuros cidadãos para uma patriótica docilidade, e ensinar-lhes a arte de obter favores dos deuses por meio de mágicas e sacrifícios. Os únicos textos religiosos que chegaram ao nosso conhecimento são de exorcismos e presságios. Os padres descreviam o mundo como recheado de demônios, aos quais as criaturas mantinham afastados por meio de amuletos e cuidadosas encantações”.*¹⁵

Em toda a cultura humana, tanto na Antiguidade quanto nas Idades Média, Moderna e Contemporânea, mais uma vez se ob-

¹⁵ Ibid, p. 285.

serva a união do poder temporal com o dito poder “espiritual” na distribuição dos despojos dos vencidos. Até quando a humanidade verá esse filme? Estaria ela já madura para ver outro filme, com atores menos materialistas e mais evoluídos, espiritualmente?

O último governante assírio foi Assurbanipal, que reinou entre 669 e 627 a.C. Herdou um grande império que ia do norte do Egito até a Pérsia e, em torno de 652 a.C., estendeu seus domínios até o sul do Egito e a oeste de Anatólia. Foi um dos raros governantes cultos do antigo Oriente Médio, cuja consequência foi que a literatura e a arte assíria conheceram o apogeu durante seu reinado e seus escribas criaram a primeira grande biblioteca da região.

A literatura assíria era praticamente idêntica à babilônica, e os reis assírios mais cultos, principalmente Assurbanipal, se gabavam de armazenar em suas bibliotecas cópias de documentos literários babilônicos. A vida social ou familiar, os costumes matrimoniais e as leis de propriedade também eram muito parecidos. E as práticas e crenças religiosas, muito semelhantes às da Babilônia, inclusive o deus nacional assírio, Assur, foi substituído pelo deus babilônio Marduk.

O fim do Império Assírio ocorreu no ano de 612 a.C., apenas quatorze anos depois da morte de Assurbanipal: o exército, comandado por seu último rei, Assur-Uballit II (612-609 a.C.), foi derrotado pelos medas em Harran. Como sempre, a população foi massacrada ou escravizada, e o palácio, recentemente construído por Assurbanipal, saqueado e destruído.

À história do Império Romano e da Idade Média dedicamos uma atenção especial na terceira parte deste trabalho.

Quanto à história moderna, Bertrand Russell, o grande filósofo do século XX, expõe:

*“O ponto de vista liberal foi que levantou a Inglaterra e a Holanda, durante os últimos anos do século XVII, como uma reação contra as guerras religiosas. Tais guerras grassaram com grande fúria por espaço de 130 anos, sem que trouxessem a vitória a nenhuma das partes. Cada lado, tinha absoluta certeza de que estava com a razão e que a sua vitória era de suprema importância para a humanidade”.*¹⁶

Assim, em pequenas pincelas, conta-se como se iniciaram a ambição humana, as religiões, a escravidão do homem mais fraco pelo mais forte e as guerras. Por ignorância dos povos, a humanidade jamais se livrou da guerra, vivendo em um perverso círculo vicioso, já que, como escreve González Pecotche:

*“A ideia de dominar e submeter o semelhante é um bacilo mental que parece achar-se latente em todas as mentes humanas, bacilo que nunca foi combatido com heroicos remédios e que, por ser de características violentas, cada vez que aparece como um mal inevitável, produzem-se devastações, guerras e calamidades que assolam povos inteiros.”*¹⁷

Cada estado começa por meio de uma compulsão oculta, porque desonesta. As massas, enganadas, são levadas a reboque das ambições e corrupção de seus dirigentes. O tempo cria a tradição, e os hábitos de obediência naturalizam-se na consciência; depois de algum tempo, cada cidadão vibra de lealdade diante da bandeira.

Desde a antiguidade até o final deste segundo milênio, com diferenças de forma, mas não de conteúdo, as mesmas situações vêm se repetindo. Tanto que, no século XIV, portanto,

¹⁶ RUSSELL, Bertrand. *Porque Não Sou Cristão*, São Paulo, Livraria Exposição do Livro, 1960, p. 135

¹⁷ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo I, São Paulo, Editora Logosófica, 1980, p. 215

há já 600 anos, um célebre historiador já chamava atenção da intelectualidade que o futuro é mais parecido com o passado do que água com a água mesma. Esse historiador, também notável político e diplomata de seu tempo, foi Ibn Khaldun (1332-1406), o mais destacado historiador medieval islâmico e precursor da filosofia da história. Em sua obra *Prolegômenos*, introdutória de sua *História universal* em seis volumes, expôs uma filosofia histórica e uma teoria social sem precedentes, onde aparecem surpreendentemente traços da moderna sociologia.

Outros grandes historiadores, desde então, vêm chamando a atenção sobre esse círculo vicioso em que vive a humanidade, à mercê de um progresso material extraordinário. Cabe aos intelectuais uma parcela de responsabilidade a respeito: orientar os menos dotados intelectualmente para que digam, com todas as suas forças: “Não às guerras! Basta de inútil sangue derramado!” Cabe, principalmente aos historiadores enaltecerem menos as vitórias obtidas nas guerras.

Se não assumirmos todos essa responsabilidade, os governos e os regimes continuarão passando e os problemas sociais permanecerão insolúveis. Porque os problemas de fundo jamais poderão ser resolvidos pelas guerras, já que estas, além de trazerem um inútil martírio e uma enorme desolação, trazem o ressentimento dos povos vencidos e o germe, portanto, da próxima guerra.

O grande problema humano é a ignorância. Como apanágio da ignorância, a mente humana sempre encontra justificativa para os mais abomináveis atos humanos, a ponto de inúmeras vezes parecer não existir consciência no ser humano. Acontece, porém, que na verdade o que falta são os conhecimentos essenciais da vida; sem esses conhecimentos, a consciência não

tem como se manifestar e conter a razão egoísta do ambicioso.

Por causa da persistência da ignorância humana, a HISTÓRIA DA INSENSATEZ HUMANA prossegue independente ou até, devida à sua propensão a crer, a iludir-se. Tanto isso é verdade que no século XX tivemos duas guerras de proporções mundiais.

E tudo, por quê? Será que o homem, único ser potencialmente dotado de inteligência e sensibilidade desenvolvidas, foi concebido para fazer parte das espécies inferiores? É claro que não. O homem, o verdadeiro ser humano, pode, desenvolvendo cada dia mais sua capacidade individual, construir um mundo em que possa nele viver, evoluir e realizar seu destino, cumprindo assim o alto objetivo de sua existência. Dispondo dessa condição criadora, é inconcebível que o homem, em vez de criar, dedique-se a destruir.

Infelizmente, o homem não tem feito uso de suas grandes prerrogativas mentais e sensíveis, apesar dessas grandes lições recebidas. Neste final de milênio, é com grande pesar no coração que, buscando minhas notas, constato que ainda em 30 de maio de 1998, os jornais publicaram que os “patriotas” paquistaneses oraram com um fervor patriótico, em gratidão pelas explosões atômicas realizadas pelo seu governo para mostrar sua força aos seus vizinhos: “Somos uma potência atômica”, orgulham-se, sem se darem conta da monstruosidade de seu fanatismo.

CAPÍTULO 2

CAUSAS DAS GUERRAS

“A guerra é a continuação da política por outros meios” Essa fala soa como um verdadeiro axioma nos meios políticos e militares, tanto a guerra, o maquiavelismo e a política, inclusive a democracia estão intimamente interligados na nossa cultura. Carl von Clausewitz (1780-1831). militar prussiano, sabia muito bem do que estava falando quando afirmou que a guerra é a continuação da política por outros meios. Isto soa como um verdadeiro axioma nos meios políticos e militares, visto que a guerra, o maquiavelismo e a política, inclusive a democracia estão intimamente interligados na nossa cultura. Não foi à-toa que alcançou êxito internacional como teórico militar por sua obra *Da guerra*, em 1833, e por sua participação nas campanhas de Renânia, região ocidental da Alemanha, durante a Revolução Francesa.

A nossa civilização traz ainda, no subconsciente dos homens, a ideia de “poder” do rei como representação da “potência”. Modelo encarnado na monarquia absoluta, forma dominante do poder na Europa na segunda metade do século XVII, o poder do rei – ou o dirigente da nação -, para a maioria do povo, ainda é identificado com o poder divino: um indivíduo dotado, em relação aos outros, de uma posição excepcional, extraordinária, que lhe confere um caráter absoluto e quase divino.

Esta concepção, do poder do dirigente, supõe que todas suas decisões derivam de uma faculdade indeterminada e “irracional”, diante das quais só resta sofrer suas consequências.

Oriundas de razões superiores, inacessíveis à compreensão dos sujeitos, estes são condenados a se submeter a elas por pura obediência. Este pensamento, cultivado desde a Antiguidade, ganhou expressão superlativa na Idade Média. Em síntese, tem a vantagem de esconder a ignorância que os déspotas e o clero têm com relação a Deus e o espiritual.

A interpretação da soberania política que daqui se destaca é marcada pela negatividade e pela arbitrariedade, sendo a figura de seus exercícios a violência destrutiva. Em consequência, o homem convive com a ilusão da existência de uma causa, de uma vontade divina ou humana, mas com poder divino, poder de fazer ou deixar de fazer alguma coisa que aja sobre seu destino contingentemente. Assim, perde a sua condição de ser racional e livre.

Esse conceito supre-lhe a ignorância das causas reais das coisas, faz-lhe conviver com a tristeza porque a liberdade é essencial à existência humana. Tanto isto é verdade que seus momentos de alegria são efêmeros porque não sabe o que fazer com eles. Imediatamente, aos momentos de alegria, antepõe algum pensamento de tristeza, de sofrimento e de passividade frente ao sofrimento.

Esse é, exatamente, o tipo de arquétipo de homem que os tiranos necessitam, já que precisam das almas tristes para ter êxito, assim como as almas tristes necessitam do tirano para se perseverar. O tirano não opõe a liberdade do homem à sua necessidade, mas sim a liberdade do homem ao constrangimento, à passividade.

Há uma secreta articulação entre a ignorância e o poder, na forma da tirania que se exerce sobre os corpos e as mentes. A articulação entre a sabedoria e o poder exerce-se de uma for-

ma exatamente oposta, já que com livre liberdade de pensar de todos os cidadãos. Ao contrario de um ignorante quando exerce um mandato, o sábio jamais necessita apoiar-se na força física, na tirania das baionetas, já que seus conhecimentos impõem-se por si mesmos.

Spinoza exaustivamente demonstra que as normas sociais e morais de nossa sociedade só nos pedem obediência, sem grande preocupação pelo exercício da cidadania. O resultado não poderia ser outro senão a escravidão, ostensiva ou velada.

Os homens julgam-se livres, não cessa Spinoza de repetir, porque são conscientes de seus apetites, desejos e ações; entretanto, são ignorantes das causas que os determinam a apetecer, desejar e agir. Para ele, a liberdade não a é livre decisão de uma vontade, e sim a necessidade interna de uma essência de existir e de agir segundo a necessidade das determinações que lhe são próprias. Nessa “ontologia do necessário”, na qual a liberdade é poder de autodeterminação para agir, só somos livres quando a ação por nós realizada decorre da necessidade de nossa natureza, da força interna de nosso ser, e não do poderio de causas externas sobre nós.

Spinoza viveu em meio às lutas religiosas e políticas dos Países Baixos, refúgio dos que são cassados em toda a Europa por sua audácia de pensamento ou por sua fé, e um dos poucos lugares onde as fogueiras do Santo Ofício não ardam. Governada pelos “regentes” e pela burguesia mercantil que se expande mundo afora com suas Companhias das Índias, a República das Províncias Unidas era certamente a sociedade mais “livre” da época: lá eram publicados livros proibidos em outros lugares; lá a investigação na medicina, física e astronomia eram feitas sem preocupação com os dogmas da religião.

Mas o “século de ouro” holandês era assombrado pela prédica dos pastores que, aliados aos representantes do poder político - a dinastia da Casa de Orange, de onde pertenceu, por exemplo, o Príncipe de Nassau -, condenava tudo que julgavam herético, mesmo se essas condenações não fossem necessariamente seguidas pelo poder civil. Insatisfeitos com tanta liberalidade e sonhando com um regime teocrático, eles pregavam a “tolerância zero” diante dos que enfraqueciam a ortodoxia religiosa.

É a superstição e o ódio teológico que arruinam a verdadeira piedade, o “amor ao próximo”, tanto decantado pela Igreja, mas realiza o seu antônimo, “ódio ao próximo”. Com seu ódio, taxando-o simplesmente de herético, exclui do mundo social, político e cultural todo aquele cuja presença considera um risco para a sua sobrevivência.

Em consequência, surgem conflitos e intrigas entre os teólogos, que conduzem os povos à guerra e destroem a paz e a prosperidade da nação, já que os políticos, seus aliados, costumam a entender que um Estado tirano, que considere a liberdade de pensamento um perigo para sua segurança, prepara sua própria ruína.

Grande observador do comportamento humano, González Pecotche declara:

“A guerra é preparada e começa em mar de embustes e intrigas; desenvolve-se em outro mar de confusão e falsidade, e termina em uma montanha de cadáveres e escombros.”¹⁸

Em outras palavras, a guerra é o resultado da hipocrisia, egoísmo e irresponsabilidade humana - o que politicamente é conhecido como *maquiavelismo*, uma impropriedade atribuída a Maquiavel, consequência de uma visão unilateral e egoística de sua principal obra.

¹⁸ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo IV, São Paulo, Editora Logosófica, 1980, p. 305.

Arguto historiador, Maquiavel, em sua obra *O PRÍNCIPE*, fornece elementos para consecução e manutenção de suas conquistas aos pretendentes ao poder temporal; deixou aos políticos, e a todos aqueles que querem tomar de assalto um agrupamento humano, uma nação ou toda a humanidade, um grande legado de escusos métodos, em que predomina a astúcia, hipocrisia e a amoralidade, utilizados pelos tiranos que lhe antecederam ou lhe eram contemporâneos.

Como a história é escrita pelos vitoriosos, Maquiavel nada fez mais do que expor as razões que os fizeram bem sucedidos em suas conquistas e manutenção do poder, quase sempre às custas da própria nação.

Aos governantes não interessa que seus subordinados aprendam a pensar por si mesmos e se tornem razoáveis pelo uso da razão, pois não poderiam, então, ser insensatos, deixariam de ser déspotas e verdadeiros assassinos e, o mais importante de tudo, seus subordinados deixariam de dar-lhes o crédito de confiança que deles necessitam. Em consequência, estes rapidamente cairiam e a humanidade sempre marcharia em prol de sua evolução, jamais contra, jamais haveria retrocessos. Em outras palavras, deixariam de existir ditadores.

González Pecotche também assim pensa, quando afirma:

“A arbitrariedade dos poderes ilimitados jamais conduz os povos à grandeza nem à união. É sabido que o déspota é néscio por excelência e faz de sua razão a única luz que julga e castiga sem apelação. Não admite críticas nem contradição de ninguém, daí que muitas vezes faça retroceder séculos os progressos alcançados pela civilização.”¹⁹

Portanto, o caminho para a perpetuação dos ditadores foi captado pelo historiador Maquiavel, ao observar argutamente

¹⁹ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo II, São Paulo, Editora Logosófica, 1980, p. 37.

te a História Antiga e, principalmente, a História Moderna, sua contemporânea: formar um exército de massas ignorantes, mercenárias, egoístas e sanguinárias e proporcionar a esse exército guerras de conquistas, patrocínio de genocídios e tudo o mais que alimente o instinto dessas massas do qual é formado, principalmente com uma pitada de fanatismo religioso ou social.

Quando nos reportamos ao instinto, queremos nos referir a atuações violentas e ignóbeis; ao ódio, à vingança, à cobiça, à inveja, à luxúria, aos ciúmes, às ânsias de domínio, aos desejos insanos, à falsidade, à maledicência e todas as formas de impiedade humana que parecem aguçar-se hoje na região instintiva do homem, transformada em paixões que aviltam a sua vida, com perigo de perdê-la irremediavelmente.

A grande característica dessas massas - quiçá de todo o ignorante - é que falta, individualmente, confiança em si mesmo; é por isso que as forças poderosas que sempre dominaram a sociedade destacam-se em preservar a ignorância das massas. O escritor americano Walter B. Pritkin captou muito bem esse aspecto, quando descreveu a motivação que faz que essas massas procurem aliar-se aos poderosos:

“Num mundo de feroz competição, a sua espécie se adapta melhor do que as outras a um sistema militar que os poupa de todo esforço mental, que os alimenta, que os veste, que lhes protege a saúde muito mais eficientemente do que muitos civis protegem a sua própria, que lhes paga o que valem e que, depois de uma vida de submissão, lhes dá pensões. Oficiais do exército me dizem que muito poucos soldados do exército regular desertam e que grande número deles se alista sempre e sempre, demonstrando assim o seu bom-senso e a sua satisfação.”²⁰

²⁰ PRITKIN, Walter B. *Breve Introdução à História Da Necedade Humana*, São Paulo (?), 1932, p. 251.

Devido ao seu instinto, com raras exceções, desenvolvido ao paroxismo, o homem tem preguiça de pensar, prefere crer que alguém ou algo superior vá resolver seus problemas, razão por que os problemas sociais não são resolvidos, pelo contrário, jamais estiveram tão agudos. Como os animais, vive se degradando, em uma disputa feroz pela sobrevivência física, sem a mais simples ideia da razão de ter sido dotado de uma prodigiosa mente, por que não lhe ensinaram a usá-la.

Também a respeito, observa RUSSELL:

“A dificuldade provém da filosofia de vida que geralmente se recebe, segundo a qual a vida é uma disputa, uma competição, em que se deve demonstrar respeito pelo vencedor. Essa opinião conduz a um cultivo indevido da vontade, a expensas dos sentidos e do intelecto. [...] Seja lá como for, o êxito prodigioso desses dinossauros, os quais, à semelhança de seus protótipos pré-históricos, preferem o poder à inteligência, está fazendo com que eles sejam universalmente imitados; tornaram-se um modelo para o homem branco de toda parte, e é possível que isso continue a acontecer, em escala cada vez maior, durante os próximos cem anos.

“Aqueles, porém, que não seguem a moda poderão encontrar consolo na ideia de que os dinossauros não acabaram, no fim, vencendo; mataram-se uns aos outros, e os observadores inteligentes acabaram por lhes herdar o reino. Nossos dinossauros modernos estão se dizendo mutuamente. [...] Antes que decorra muito tempo, deverão ser substituídos por alguma coisa mais alegre e mais jovial.”²¹

Russell pôs o dedo na ferida, quando fala no respeito do homem ao vencedor; muito enaltecido pela sociedade em que vivemos. Na verdade, o que ocorre não é bem um respeito entre os seres em nossa cultura, mas sim uma admiração e inveja pelas ousadias do vitorioso. É conveniente o leitor lembrar-se que,

²¹ RUSSELL, Bertrand. *A Conquista Da Felicidade*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956, p. 52.

com raríssimas exceções, o governante é ignorante e medíocre; sobressai-se pela astúcia e maquiavelismo de suas falas e ações.

Com relação ao cultivo indevido da vontade, entendo como Russell. A indolência mental jamais cultiva devidamente a vontade; pelo contrário, a vontade torna-se tão enfraquecida que o ser, quando mal inicia um projeto, desiste de realizá-lo. Quando não o posterga para iniciar amanhã, daqui uma semana, um mês; acaba por não o realizar nunca. A consequência faz-se imediatamente presente: falta confiança em si mesmo, seu ânimo em realizar uma atividade maior fica inibido, é inconstante, volúvel, sem bússola para se guiar. O resultado é que inconscientemente busca um líder, a quem admira e inveja, seguindo-o mesmo que seja para ser carne de canhão de uma guerra da qual só lhe trará mais miséria e sofrimento.

Assim, quando vemos um intelectual assumir sua responsabilidade perante a humanidade, lutar para educar seu povo, dar-lhe condições para que não aceite ser subjugado por quem quer que seja, deve merecer dos demais toda a consideração e respeito, pois estará lutando contra os males decorrentes da estupidez humana, estará buscando uma solução para o rompimento deste ciclo de sofrimentos que é o apanágio da história humana.

Para se entender o ser humano, este deve ser considerado com suas duas naturezas: a instintiva e a espiritual; a primeira não dispõe de uma bússola que lhe indique o norte, que é a característica essencial da segunda - completamente ignorada pela nossa cultura. A falta de uma orientação para uma vida superior é a responsável por essa aberração do instinto e, em consequência, dessa desenfreada competição, como se na terra não existisse lugar para todos.

Ao contrário do que muitos pensam - melhor dizendo, deixam de pensar -, o instinto não se caracteriza apenas pelos atos

libidinosos, mas também por suas consequências: ambição, narcisismo, egoísmo e mais algumas centenas de deficiências caracterológicas humanas.

Em apoio a Goethe, também me preocupo com o aumento da fria racionalização do egoísmo competitivo e com o endurecimento do coração das pessoas. Porque, além de tudo mais, os homens estão dia a dia mais insensíveis ao sofrimento dos seus semelhantes.

É conveniente assinalar, e qualquer historiador facilmente é capaz de constatar ao caminhar ao longo da História, que “*é da natureza dos impérios se desintegrarem cedo, porque a energia que os cria desaparece nos que os herdaram, ao mesmo tempo em que os povos submetidos a eles vão se fortalecendo na luta pela libertação*”, como escreve Durant²². E recomeça o ciclo da humanidade de afrouxamento e de compressão, sem que o ser humano aproveite o mínimo das experiências vividas a custa de tão grandes sacrifícios!

É por pura ignorância e inconsciência que os povos são levados às guerras, como observa Garaudy:

*“Sócrates já observava que entre os doces de um confeitiro e os remédios de um médico, não há dúvida quanto à escolha das crianças. Mas os senhores do espetáculo não se contentam em considerar seus espectadores como crianças. Um mestre na manipulação das almas, Adolf Hitler, dizia: ‘diante de uma platéia, para conseguir adesão, viso o mais estúpido e, nele, o que existe de mais baixo: as glândulas lacrimais ou sexuais... E ganho sempre. À minoria crítica, cuido dela de outra maneira’”*²³

A verdade é que as massas são títeres das bravatas de seus

²² DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, *Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 396.

²³ GARAUDY, Roger. *Rumo a Uma Guerra Santa? O Debate Do Século*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 65.

líderes, de meias verdades e de mentiras. Se estes contassem a verdade, não conseguiriam levar aqueles ao cadafalso; se, por sua vez, os historiadores contassem somente a verdade, ninguém consideraria os atos, tão enaltecidos por eles, como nobres e corajosos. Por covardia e inconsciência, mas não por ignorância, os historiadores, com as exceções que confirmam a regra, receiam dizer toda a verdade a respeito das guerras.

Não concorda o leitor? Trago a você a história de uma guerra, trazida por Roger Garaudy, e como a mídia exerceu um efeito decisivo em sua aceitação pelos povos nela envolvidos:

“A informação, o fato e a imagem - inúmeras vezes manipuladas pela mídia - não são somente mercadorias, mas armas. Eis aqui alguns exemplos dados pelo general Gallois em seu prefácio a um livro de Jacques Merlin: ‘Enquanto o presidente Bush [pai] desejava que seus concidadãos o apoiassem na operação de destruição do Iraque que ele projetava e os kuwaitianos lamentavam o pouco interesse que os americanos tinham por sua sorte, uma agência de relações públicas, Hill and Knowlton, foi financiada pelos países petroleiros da península arábica para comandar uma campanha em favor da guerra de libertação do Kuwait.

“A agência usou o mais eficaz dos estratagemas, aquele que com toda certeza mobilizaria a América inteira: a morte deliberada de recém-nascidos relatada por uma jovem refugiada que escapou por milagre dos soldados mercenários. Calando seu nome por medo de represálias contra a família que ainda se encontrava nas mãos dos invasores, ela contou em detalhes como os iraquianos tinham tirado vinte e dois bebês das incubadoras e, jogando-os no chão, deixaram-nos agonizar, tudo contado com lágrimas nos olhos.

“Esses poucos minutos de televisão perturbaram a tal ponto os americanos que estes pediram vingança. Saddam Hussein foi satanizado, seu povo banido do conjunto das nações e ficaram antecipadamente justificados os massacres que se seguiram e o embargo que fez perecer uns 200.000 iraquianos, principalmente crianças. Terminada a guerra, soube-se [pelo programa de televisão “Sixty minu-

tes”, difundido pela cadeia americana CBS que, por dez milhões de dólares, graças à imagem televisionada, a Hill and Knowlton tinha ‘manipulado’ 250 milhões de americanos: a ‘refugiada’ era a filha do embaixador do Kuwait na Organização das Nações Unidas; a história dos bebês arrancados das incubadoras, uma invenção, em cuja veracidade o próprio presidente Bush acreditou, pois se referiu a ela diversas vezes, no Senado, na televisão e na imprensa.’

“No que diz respeito à informação veiculada pelos diversos órgãos da mídia, as imagens, assim como os “fatos”, são vendidos como mercadorias e escolhidas, em escala mundial, por algumas empresas que não são apenas mercados para os quais o sensacional, o macabro, o sádico asseguram as melhores vendas, mas também políticos, manipulando as opiniões públicas para que aceitem o massacre, como fez, por exemplo, a rede americana CNN, que detém o monopólio absoluto da informação, durante a Guerra do Golfo.”²⁴

A propósito, não me lembro quem disse com toda razão: “A história é um conjunto de mentiras sobre as quais se chegou a um acordo”. Quem chegou a um acordo? Os vitoriosos e seus bajuladores, coniventes e hipócritas.

Por que os historiadores, com toda a responsabilidade que devem ter, silenciam sobre questões tão essenciais ao gênero humano? Terão medo de perder os privilégios que recebem dos governantes? Seria, então, por egoísmo? Esquecem, por acaso que, quando há egoísmo, não pode haver a paz, pois há a desagregação dos seres?

Se, em tempo de paz, prima o egoísmo e a hipocrisia e demais mazelas que podem ser sintetizadas como maquiavélicas, fica explicado esse *fenômeno sanfona* de guerra e paz na história da humanidade. Também há uma explicação ética para esse fenômeno que dificulta o ser conviver com a paz, como observa Henry Thomas:

²⁴ Ibid, p. 64.

“Qualquer guerra mina o padrão de ética das nações que dela participam. Os vícios da paz transformam-se em virtudes da guerra; e quando a luta termina, os vícios continuam sendo as características dominantes do país durante os anos que se seguem. O cinismo, a desonestidade, a brutalidade e o assassinio são as quatro pedras fundamentais sobre as quais as civilizações são construídas depois de cada grande guerra. [...] Cada vitória na guerra enterra as sementes duma nova guerra.”²⁵

Poucos são os intelectuais dignos desse adjetivo que protestam contra essa imbecilidade humana. Nesse sentido, é merecedora de nota a indignação de Tolstoi, em *A Invasão*, escrita aos vinte e quatro anos, quando soltou seu primeiro grito de protesto contra o militarismo:

“É impossível, então, os homens viverem em paz, neste mundo tão cheio de beleza, sob este céu incomensuravelmente estrelado? Como podem, num lugar como este, alimentar sentimentos de ódio e de vingança e o desejo de destruir seus semelhantes? Tudo o que há de mau no coração humano deve desaparecer ao toque da natureza, essa expressão imediata do belo e do bom.”²⁶

Na verdade, esse sonho de Tolstoi é o sonho de todos os homens de bem; merece ser pensado e analisado em como torná-lo realidade.

Essa questão também é colocada por Pritkin, que nos oferece um caminho, talvez mais simples para a sua consecução:

“Por que não estudar as causas dos desastros com a mesma fria objetividade com que estudamos o cólera-morbe e a loucura? Por que não admitir, ao começar o estudo, que estamos diante de um dos venenos mais letais?”²⁷

²⁵ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 292.

²⁶ *Ibid*, 319.

²⁷ PRITKIN, Walter B. *Breve Introdução à História Da Necedade Humana*, São Paulo (?), 1932, p. 28.

Shakespeare também assim pensava: em 1605. *O Rei Lear* revela a decomposição do mundo “aonde os loucos conduzem os cegos” (ato IV, cena 1), e pergunta: “Quem me poderá dizer quem sou?” A essa pergunta, Dom Quixote não tem dúvida: “Eu sei quem eu sou”²⁸.

Quanto ao fanatismo, seria cômico, se não fosse trágico, o papel desempenha nas guerras. Quando um governante precisa, obviamente por razões escusas, encetar uma guerra, primeira coisa que faz é preparar a opinião pública com um pensamento simples, claro e insofismável para uma mente ignorante: que esse pensamento se torne dominante na mente popular, que as massas se tornem fanáticas e aceitem matar e morrer por esse pensamento.

Evidentemente, a concepção materialista de vida tem feito o homem ignorante quanto à sua potencialidade criadora e sua capacidade na solução dos seus grandes problemas.

Na verdade, a despeito de tanto mencionarem e invocarem Deus, em sua fé desconhece totalmente a existência de um mecanismo universal, regido por leis e princípios de essência eterna, que expressam a sua Vontade. De caráter permanente e inalterável, resguardam os grandes objetivos da Criação e mantêm a ordem universal e o equilíbrio da Criação em todas as suas dimensões. Essas Leis, mesmo ignoradas pelo homem em sua needade, não por isso deixam de existir. Se as conhecesse, saberia que Deus inúmeras vezes tem chamado a atenção dos homens dos efeitos de seus erros, causas de tanto sofrimento e mal-entendidos humanos.

É fácil para eles proclamarem os dez mandamentos, como, por exemplo, “*Amái-vos uns aos outros*” e fazem que os seres

²⁸ Shakespeare, William. *Rei Lear*. Porto Alegre, L&PM, 1997

exercitem o ódio e as guerras, porque grande é a predisposição humana ao superficial e, conseqüentemente, ao engano, ao ilusório, ao irreal. Entretanto, muitas coisas e muito grandes pode fazer o homem quando seu espírito está livre de temores, de angústias e de limitações!

Como resultado dessa inversão dos valores e conceitos, o amor humano tornou-se uma expressão de sentimentos externos ao coração; amor que em um instante pode se transformar em ódio ao mero desencanto das pretensões egoístas desse mesmo sentimento exterior. O ódio, a vingança, a cobiça, a inveja, a luxúria, os ciúmes, as ânsias de domínio, os desejos insanos, a falsidade, a maledicência e todas as formas de impiedade humanas foram-se aguçando na região instintiva do homem, transformados em paixões que aviltam a sua vida.

Como já tive oportunidade de observar, Spinoza (1632 - 1677) viveu em meio às lutas religiosas, na Holanda, onde os braços da Inquisição eram mais fracos e mais curtos do que nos demais países da Europa; apesar disso, poderia ser alcançado a qualquer momento. Porém sua consciência exigia-lhe plena liberdade no pensar. Conhecia o ódio disseminado pela Inquisição ao longo de séculos, inclusive o ódio que a Igreja guardava aos pensadores. Sabia, também, que o ódio dos luteranos e calvinistas, aos livre-pensadores não era menor, razão porque inúmeros deles foram condenados à fogueira pela Igreja, inclusive o grande Giordano Bruno (1550-1600), com o beneplácito dos demais fanáticos.

Spinoza, apesar dos riscos que sempre correu, de ser fisicamente tragado pela fogueira, sempre foi valente e coerente com seus princípios morais. Frente a esse ódio, responde sem hesitar com um conselho:

“Evita o ódio, porque o ódio gera o ódio. Evita ferir os outros, porque sabe que a injúria é paga com a injúria, e que aquele que com ferro fere com ferro será ferido. Evita a conquista, porque compreende que cada vitória militar semeia os germes de uma futura guerra de vingança. ‘As nossas maiores vitórias’, escreve Spinoza, ‘são obtidas não pelas armas, mas pela grandeza de alma.’”²⁹

Spinoza tinha convicção da harmonia que impera no universo, da aspiração de todo ser humano em viver em harmonia, paz e felicidade. O que faz cessar o ódio não é o ódio, mas o amor. Esse é um preceito velho como o mundo. Que, infelizmente, foi deformado pela ambição dos que se proclamavam “salvadores da pátria”.

Inteiramente submerso em sua natureza instintiva, é deveras difícil o homem, em geral, compreender a razão de sua vida e, *ipso facto*, os desígnios cósmicos que o levaram a ser criado. Como resultado de sua ignorância, considera o viver uma aventura assustadora, já que não sabe o por quê de sua vida nem para quê, foi lançado nesta aventura.

O homem tem uma incomensurável quantidade de qualidades que o diferenciam de quaisquer outras espécies que povoam a terra. Entre estas, no momento destacaria a sua capacidade do uso de seu livre-arbítrio. Entretanto, faltando-lhe conhecimentos capazes de fazê-lo compreender a razão de sua vida, é incapaz de discernir entre o correto e o errado, entre o bem e o mal. Apesar de ignorar, está inabilitado do uso adequado do seu livre-arbítrio, que é condição indispensável para sua evolução como ser humano. Em outras palavras, da sua inicial ignorância à plena sabedoria, muito terá que lutar e, muitas vezes, sofrer em seu caminhar.

²⁹ THOMAS, Henry, THOMAS, Dana Lee. *Vidas de Grandes Filósofos*, Porto Alegre, Editora Globo, 1944, p. 101.

Sem o gozo privilegiado do seu livre-arbítrio, o homem fica a mercê dos ventos, das tempestades e furacões e, em inúmeras vezes, retrocede em seu caminhar. Esses retrocessos na história humana podem ser observados, mesmo no aspecto do progresso material. Podemos tomar como exemplo os gregos que, há vinte e quatro séculos, eram bem mais civilizados que a grande maioria da população atual, e os romanos que, apesar de suas barbáries, possuíam em Roma um excelente serviço de esgoto, enquanto que, em Paris, até 1660, o povo esvaziava seus vasos noturnos nas ruas, onde até hoje, na verdade, a maioria da população mundial joga seu lixo e detritos.

O humano precisa conhecer a si mesmo e a Criação. Na medida em que o ser humano consegue entender essa linguagem da Natureza, que nada mais é que a linguagem de seu Criador, é capaz de compreender a sua divina sabedoria, que tudo previu e tudo planejou. Nada existe por acaso. Inclusive esse desvio a que foi levado. Para entender o quanto se desviou e o que deve fazer para voltar ao leito natural da qual jamais deveria ter se desviado, Deus dotou-o de uma mente privilegiada com uma extraordinária inteligência.

CAPÍTULO 3

CONSEQUÊNCIAS DAS GUERRAS

Em seu trabalho já citado, observa Pritkin que “a guerra tende a destruir os inteligentes muito mais rapidamente do que os tolos”³⁰; assim acontece porque iguala por baixo o ser humano, animaliza-o, desumaniza-o, insensibiliza-o, recrudescer seus instintos mais baixos, mais sórdidos, mais animais - com perdão destes. Facilmente depreende-se, do acima exposto, que, assim como nada é casual, a estupidez humana também não o é, tem sua razão de perpetuar-se através dos séculos!

Efetivamente, a ignorância jamais foi *privilegio* apenas das massas, mas também de seus dirigentes, os que exerceram o poder temporal ou/e os que tangeram suas ovelhas para um lugar comum. Mas não é essa a única razão, nem sequer é a principal. A principal é que, tendo uma mente privilegiadíssima e singular em toda a criação, o homem a particularizou, única e exclusivamente, aos seus interesses materiais, dando vazão aos seus pensamentos de ambição e egoísmo. Por ignorância, preferiu o que lhe era mais fácil, mais cômodo, mais visível e mais palpável.

Tudo bem; por desígnios de Deus, teria mesmo o homem que percorrer o caminho da ignorância até o saber; em outros termos, ao concebê-lo, previu o Criador que o homem teria que realizar um processo de evolução em que sua inicial igno-

³⁰ Pritkin, obra citada, p. 93.

rância o levaria a viver como um animal por um período de sua história, subindo de hierarquia na medida que fosse acumulando conhecimentos.

Portanto, sob pena de um permanente sofrimento, não pode permanecer indefinidamente ignorante com relação à razão da existência em si, em estado potencial, de uma consciência à prova de corrupção, de uma natureza espiritual que o incite permanentemente a questionar, de uma inteligência capaz de fazê-lo alcançar os maiores planos da Criação. Mas, como acima foi exposto, preferiu o mais fácil, que é buscar amealhar mais e mais o palpável, o ouro material. Isso sucede com os indivíduos desta nossa decadente cultura e com as nações, como representativas desses indivíduos e desta cultura.

Como é decepcionante essa constatação de que o homem, devido à sua ambição, não consegue se libertar de sua natureza instintiva e voltar-se para o seu ser interno, para a sua natureza espiritual! Que progresso é esse tão apregoado pelos historiadores, com raras e valentes exceções?

O homem vive dando cabeçadas, sofre, convive e aceita passivamente suas adversidades; e sua inteligência não consegue alcançar o que a Lei de Evolução - cujo grande objetivo é reger todos os processos da Criação, inclusive o que realiza o homem, mesmo que inconscientemente - lhe está insistente e pacientemente lhe afirmando através dessas mesmas adversidades: que está num caminho equivocado, que o caminho para a sua felicidade não passa pela ambição material, mas sim pela aspiração da realização de um processo evolutivo da vida espiritual.

Enquanto permanece nesse círculo de progresso unicamente material, a vida humana resume-me em um círculo, cujos limites não consegue ultrapassar. Pensa que é livre porque tem certa liberdade de movimento dentro desse círculo, mas não consegue exercer essa mesma liberdade fora dele. Sua liberdade é, portanto, ilusória: vive em um arremedo de liberdade, iludindo-se constantemente a si mesmo.

A insensatez humana - uma das consequências e ao mesmo tempo causa das guerras em toda a história humana - manifesta-se, portanto, na total irresponsabilidade perante si, perante seus próximos e perante a humanidade; donde podemos concluir que, em contra partida, a guerra contra a insensatez, *é a guerra pela vida.*

O que mais me chama a atenção — e peço a especial atenção da intelectualidade - é a indiferença com que a humanidade em geral, e os intelectuais em particular, recebe os noticiários dessas guerras e genocídios. A absoluta maioria se considera caridosa porque religiosa; batem seus corações à vista de um mendigo por um sentimento elevado ou por um sentimentalismo barato às raias de uma barganha com Deus! Trocam uns punhados de moedas por uma consciência tranquila, anulada ou neutralizada, como queiram, a ponto dela se tornar insensível aos dramas que deveriam ser pungentes a todos os corações humanos.

Ainda vivemos guerras medievais que destroem populações inteiras, a maioria finge não tomar conhecimento do que se passa neste pequeno mundo em que vive. Ou melhor, só toma conhecimento, e protesta veementemente, quando sente na própria carne essa onda de violência e crimes. Essa inércia é consequência da exacerbação do egoísmo humano, mais nocivo que a indiferença.

Essa indiferença reflete a INSENSIBILIDADE humana. É a mais prejudicial dos efeitos das guerras porque é a que lhe retira as possibilidades de sair da condição animal para se elevar à da raça humana. O homem desconhece tudo que se relaciona consigo mesmo, suas faculdades mentais e espirituais, a razão de sua existência, da sua consciência e do seu espírito; a razão da existência nele de seu livre-arbítrio, de sensibilidade e de grandes sentimentos. Evidentemente, existem em estado potencial, cuja faculdade de uso depende do adiantamento do seu processo evolutivo.

Desconhecendo-se - porque tem se preocupado essencialmente com seu ser material -, desconhece seu Criador, Sua Vontade manifestada em Suas Leis e, em consequência, não O respeita e de fato O teme, em vez de amá-Lo. Teme-o da mesma forma que o seu antepassado temia o trovão: por desconhecimento. E a chave de um conhecimento de hierarquia mais elevada que a material necessita do uso da mente aliada à sensibilidade. Faltando esta, a mente torna-se fria. Esta é a razão por que a humanidade caiu em um círculo vicioso: guerra-paz-guerra-paz e assim por diante. Se os homens de hoje tivessem mais sentimentos, não se matariam tanto.

Entendo que, tendo consciência ou não, todo o ser humano – ateu ou religioso – pressente que há algo em seu interno maior do que supõe, que tem dentro de si uma partícula de Deus; entretanto, com sua sensibilidade obstruída, não pode sentir nem entender a razão de Sua presença nele. Eis por que muitas vezes soe falso ouvir, ou mesmo assistir, testemunhos da presença de Jesus, ou mesmo Deus, na vida do fanático cuja mente, sem o equilíbrio que lhe poderia dar sua bloqueada sensibilidade, em sua maioria o faz corrupto, hipócrita, e às vezes até o faz cometer os maiores crimes contra seu semelhante.

Por ora, é conveniente chamar a atenção do leitor que talvez essa insensibilidade explique por que vive o homem sem rumo, sem um norte na vida; porque o grau de egoísmo e insatisfação é cada vez mais acendrado em toda a humanidade. Desconhecendo o papel que desempenham os pensamentos em sua vida, desconhecendo os pensamentos negativos existentes em suas mentes,

“Vivem em constante confusão e contradição consigo mesmos; negam o que disseram ontem; afirmam o que negaram no dia anterior; dizem hoje o que negarão amanhã, ou até antes que chegue esse dia. Mais valeria a pena não falar, se o que se dirá haverá de ser negado ao perceber o erro ou a inconveniência de manter o dito. Quando não há firmeza na palavra, tudo que se é resulta falso: se é um ente humano sim, pelo aspecto, pelo organismo, porém não pelo que em realidade constitui a essência da vida.”³¹

Em outras palavras, vive-se em uma civilização que – com raras exceções – tornou o ser humano hipócrita e maquiavélico; deixou de ser autêntico, veraz para viver utilizando máscaras para cada situação e para cada ambiente em que se encontre, mascarando-se, inclusive, a si mesmo com medo de conhecer a que estado chegou.

³¹ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Colección De La Revista Logosofía*, Tomo III, São Paulo, Editora Logosófica, 1980, p. 206.

A sua miséria moral e espiritual é tal que necessita esconder-se atrás de uma máscara quando se olha no espelho ou quando procura entender suas próprias palavras, contraditórias com suas atitudes. Como pode conviver com seu próximo, se não consegue conviver consigo mesmo?

Nessas condições em que a humanidade foi arrastada, fatais são os choques, os desencontros e as guerras.

TERCEIRA PARTE

DECADÊNCIA ACENTUADA DA CIVILIZAÇÃO

CAPÍTULO 1

O MAQUIAVELISMO NA ANTIGUIDADE

Foi analisando a ambição e a glória pelo poder – na Antiguidade, no Império Romano, na Alta e na Baixa Idade Média –, que o grande historiador italiano Nicolau Maquiavel (1469-1527) escreveu “*O PRÍNCIPE*”, até hoje lido e estudado pelos que querem usurpar o poder político, mas jamais por eles comentado.

Como fez Maquiavel para concebê-lo, a fim de entender esse ensaio sobre “*O PRÍNCIPE*”, procurei sua base na História, iniciando pela Suméria, na Antiguidade, considerada até a presente data a mais antiga civilização regional de que se possui algum registro. Assim como Maquiavel, foi estudando essa civilização que grande historiador britânico TOYNBEE, observou a relação muitas vezes até promíscua existente, já naquela época, entre o Estado e a religião e, esta, com as classes sociais:

“A tolerância dos privilégios do poder público pela classe camponesa na Suméria dependia [entre 3.000 e 2230 a.C.] da continuação da crença da maioria não-privilegiada de que a minoria privilegiada estava realmente prestando um serviço social indispensável ao bem-estar da comunidade como um todo. Essa crença deve ter sido abalada na época em que o Rei Urukagina, de Lagash [aproximadamente 2.378-2.371 a.C.], conseguiu desafiar a autoridade dos sacerdotes.”³²

³² TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e A Mãe Terra, Uma História Narrativa Do Mundo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1982, p.96.

Também, a esse respeito, o filósofo, historiador e escritor americano Will J. Durant (05/11/1885 – 07/11/1981) acrescenta uma pitada na depravação existente lá naquela ocasião:

“A maior parte dos deuses vivia nos templos, onde recebiam oferendas de alimento e mulheres. As tablitas de Gudeia, na Suméria, trazem a lista das oferendas preferidas pelos deuses: bois, carneiros, pombos, galinhas, marrecos, peixe, tâmaras, figos, pepinos, manteiga, azeite e bolos; esta lista nos mostra a excelente cozinha de que dispunham os sumerianos ricos. No começo, é provável que os deuses preferissem a carne humana; mas os homens souberam convencê-los a aceitar a dos animais. Uma tablita litúrgica diz, com estranha advertência teológica: ‘O carneiro é o substituto da humanidade; pelo homem, o carneiro deu sua vida.’ Graças a essas beneficências, tornaram-se os padres a mais rica e poderosa classe das cidades sumerianas. Em muita coisa, o governo eram eles; torna-se difícil determinar em que extensão era o padre rei e o rei padre. Urukagina levantou-se, qual Lutero, contra as exações [cobranças rigorosas de dívidas ou impostos] dos sacerdotes, denunciou-lhes a voracidade, acusou-os de suborno e fixou as taxas a serem pagas pelos templos, protegendo assim os fracos contra a extorsão clerical. Já estava velho o mundo e bem firme em processos sempre muito honrados...”³³

Portanto, em política pode-se parodiar a Lei de Lavoisier – “no mundo nada se cria, tudo se copia”. Como o século XXIII a.C. lembra a Alta Idade Média (sec. V-IX d.C)!.

Esta simbiose entre o poder secular e a religião, e sua força de persuasão junto às massas também ocorreu na civilização da Acádia, ou Akkad, vizinha da Suméria, e no antigo Egito, na figura do grande faraó Amenhotep (Amen repousa). Havia, em seu tempo, a simbiose entre o poder secular e a religião. Em 1369 a.C., mudou seu nome para Akhenaton ou Ikhnaton (Aton está satisfeito) e criou a primeira religião monoteísta,

³³ DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, *Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 135.

adotando Aton, deus solar e único criador do universo e ordenou a destruição de todos os resquícios da religião politeísta de seus ancestrais.

Procurou eliminar a influência dos sacerdotes no governo, porém bastaram dois anos após a sua morte para que voltassem ao poder e, com eles, a corrupção dos costumes. Morreu amaldiçoado por todos aqueles que nunca aceitaram sua reforma religiosa. Seus sucessores restauraram a antiga religião politeísta no Egito e destruíram todos os templos em homenagem a Aton, condenando definitivamente o monoteísmo de Ikhnaton.

Mais tarde, na Europa, o homem estava em plena Idade do Ferro e, em desenvolvimento, a Idade da Ambição Material, quando teve início a República Romana, em 510 a.C.; em 264 a.C., Roma começou uma guerra de expansão territorial que durou 131 anos: pelo controle do Mediterrâneo, lutou contra Cartago, em seguida a Macedônia foi enfrentada nas Guerras Macedônicas, depois das quais Roma conseguiu apoderar-se da Grécia, adotando uma boa parte de sua cultura, e da Ásia Menor. Mais tarde, Cipião conquistou e destruiu Cartago, alcançando Roma um império que domina o Mediterrâneo.

Nasce, assim, juridicamente, o Império Romano, até a dissolução do Império Romano do Ocidente, em 395 e, finalmente, em 476, quando os *bárbaros* destroem todo o Império Romano, senhor do *mundo civilizado*: a máquina militar de Roma foi aniquilada pela carga dos hunos, dos vândalos e dos godos.

Com isso, a *História Antiga* ou *Antiguidade*, que didaticamente vem dos primórdios das civilizações conhecidas, encerra-se, dando início à *Idade Média*, idade intermediária entre a antiguidade e o período chamado dos tempos modernos, período

histórico compreendido entre 395, ou 476, e a conquista de Constantinopla por Maomé II, em 1453. Nele, as grandes potências do Ocidente são o papa e o imperador.

Com a queda de Constantinopla, em 1453, e o enfraquecimento da Igreja, termina a convencional Idade Média e o surgimento da História Moderna, quando a realeza consegue bater o feudalismo e recuperar os direitos de soberania, tornando-se os reis realmente senhores no seu reino e, relativamente, seguros de sua coroa.

Durante esse período da História Moderna, que se estende até a Revolução Francesa, em 1789, em toda parte triunfa a monarquia absoluta; mas a Renascença e a Reforma fazem triunfar também o princípio do livre-exame, e o excesso do absolutismo acaba por determinar na França a Revolução de 1789 que tem como prefácio, do outro lado do estreito, a Revolução da Inglaterra.

Mas voltemos ao *glorioso* Império Romano. Com pequenos períodos de idade de ouro, de prosperidade – como atestam as obras poéticas de Virgílio, Horácio e Ovídio e a obra em prosa de Tito Lívio e do imperador e filósofo estoico Marco Aurélio (161-180) -, é um período de ambição pelo poder, de traições, mortes, de guerras de conquista territorial, de ditaduras, de assassinatos de esposas e correligionários, de genocídios, de matricídios, de depravação, de corrupção – como em toda ditadura -, de perseguições e mortes violentas quando ainda no poder.

Em síntese, toda a história do Império Romano não é nada mais do que uma história de conspirações e contra-ataques, intrigas, saques, agressões, invejas, roubos, traições e crimes. Os romanos aprendiam, desde a infância, a sobrepujarem-se uns

aos outros. Esse milênio de predomínio do mundo ocidental, com esse caldo de cultura em que se encontravam os imperadores romanos em constante equilíbrio instável no poder, apresentou um prato cheio para o grande observador da História, Maquiavel, tirar suas conclusões para escrever sua obra-prima, *O PRÍNCIPE*.

Outro aspecto é que, em um clima político dessa ordem, a história do Império Romano, além de ser uma história de guerras de conquistas territoriais nem sempre confessáveis, enquadra-se perfeitamente no rol da história da insensatez e da insensibilidade humanas, como constata Henry Thomas:

*“Fizeram uma religião da doutrina errada de “cada um por si e que o diabo leve o último”. O indivíduo era encorajado a ambicionar a chefia, e ascender às mais altas posições pisando sobre as esperanças mortas, e se necessário, sobre os corpos mortos de seus companheiros. Não admira, portanto, que os imperadores, criados nesta atmosfera envenenada, e investidos de poderes absolutos para praticarem o mal ou o bem, perdessem o senso de humanidade e agissem como monstros selvagens”.*³⁴

³⁴ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 112.

CAPÍTULO 2

O MAQUIAVELISMO NO CRISTIANISMO

O Cristianismo é a religião mais abrangente do mundo ocidental e distribuído por todo o planeta. Daí a sua enorme importância e, maior ainda, as atitudes do Clero perante os problemas que afligem a humanidade desde os primórdios de sua história, até hoje não resolvidos e, muitos, até agravados.

Quase todas as informações sobre a vida de Jesus e as origens do cristianismo provêm de seus discípulos, transmitidas pelos evangelistas Mateus, Marcos, João e Lucas, inspirados na linguagem da Bíblia hebraica — chamada pelos cristãos de Antigo Testamento — para compor um relato sobre a realidade de Jesus Cristo.

Da mesma forma que a História é escrita pelos vencedores, no decorrer do Cristianismo o Novo Testamento, oficializado como relatos desses evangelistas, foi reescrito inúmeras vezes, ao sabor dos interesses das alas vitoriosas da Igreja que internamente sempre se digladiaram ao longo de sua história.

Por essa razão, quando se pensa em Cristianismo, surgem imediatamente na mente duas imagens bem nítidas e acabadas. A primeira é daquela seita formada de seres humildes que viviam em catacumbas e, por contestarem os poderes temporal e espiritual do Império Romano em que viviam, foram sempre banidos e, entre eles os que se destacavam, torturados e crucificados.

Jerusalém era o núcleo do movimento cristão; dali, o cristianismo espalhou-se para outras cidades e povoados da Palesti-

na e para locais ainda mais distantes. Nessa época, a maioria das pessoas que se uniam ao movimento cristão era formada por seguidores do judaísmo, como o próprio Jesus.

Em meados do século I, a invasão da Babilônia pelos romanos fez aumentar o fervor religioso dos judeus, provocando, entre os anos 66-70, o surgimento de uma fracassada revolta contra os invasores; como seita judaica, o cristianismo começou por procurar se firmar como uma rival do paganismo oficial do Império Romano, e a lealdade a Jesus era tão maior que os imperadores Trajano e Marco Aurélio começaram a vê-los como uma ameaça aos seus poderes imperiais. Razão por que os cristãos começaram ser perseguidos.

Nessa fase *primitiva* do cristianismo, a grande maioria de seus sacerdotes sofreu incomensuráveis perseguições. Como exemplos podem-se citar São Alexandre, bispo de Jerusalém, o primeiro adjunto de um pároco mencionado na história eclesiástica; segundo uma versão, morreu no cárcere em 249 ou 251, no reinado de Décio; o papa Sisto II (260-261), filósofo antes de ter abraçado a fé cristã, ao celebrar missa nas Catacumbas, foi morto por soldados; entretanto, segundo a versão de São Cipriano, foi martirizado em Roma durante a revolução de Valeriano.

Com as perseguições, unidas ao apoio dessa importante população judaica e a pobreza e o desespero da massa, foi se consolidando o cristianismo. O imperador Diocleciano ao tentar eliminar o cristianismo, fracassou; o imperador Constantino optou por contemporizar, por uma manobra política, convertendo o cristianismo como a religião do Império.

Constantino o Grande (274-337 a.C.), imperador (313-337), subiu ao poder, como era hábito romano, matando to-

dos seus concorrentes. Com ele imperador, há um amálgama entre esse império e o cristianismo, que assume, com aquele, o poder temporal simultaneamente com o poder espiritual, ao “converter” os pagãos que nele habitavam em cristãos.

Henry Thomas conta-nos a história dessa conversão - dos pagãos, mas não dele - ao Cristianismo:

*“Pretendente ao trono e ambicioso, a princípio não obtendo sucesso em sua luta na guerra civil contra Maxêncio, invocou sem sucesso todos os deuses pagãos para ajudá-lo. Como continuasse a perder terreno, desesperado apelou para Jesus, o Deus de sua mãe, vencendo a batalha, atribuindo o sucesso às suas orações. Pelo menos, foi a desculpa que arranjou para apresentar o Cristianismo à nação. A fim de convencer os romanos supersticiosos de que Cristo o tinha realmente auxiliado nas batalhas, inventou um milagre: “disse que quando marchava contra Maxêncio viu no céu uma enorme cruz de fogo, onde se liam as seguintes palavras: “In hoc signo vinces” - com este sinal vencerás.” Preparada, assim, a mente dos romanos, fez do Cristianismo - que até então tinha sido um credo a favor da paz e dos humildes - a religião oficial de Roma. “Foi assim que Cristo, o Príncipe da Paz, tornou-se o Deus da Guerra do Império Romano”, e, o Cristianismo, “a arrogante religião de lutadores agressivos. Não se usava mais o ‘para frente, guerreiros romanos’; o novo grito de guerra dos Romanos era ‘para frente, soldados cristãos’. E à sua testa marchava o suave judeu da Galileia, com uma pesada cruz de madeira nas costas”.*³⁵

Esta atitude acabou criando o império cristão: a nova religião se apossou da infraestrutura burocrática romana, utilizou-a para seus propósitos e ritos e se apoderou do mundo.

O sucessor de Constantino, seu sobrinho Juliano, tentando retornar o Império à antiga religião romana, encontrou imensa

³⁵ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, pp. 116-118.

resistência, sendo assassinado durante uma batalha contra os persas, por um cristão contratado para protegê-lo.

No Império Romano, seus cidadãos aprendiam, desde a infância, a sobrepujarem-se uns aos outros. Exercitavam uma doutrina que, para eles, transformou-se em um verdadeiro “*cada um por si e que o diabo leve o último*”. Se necessário, para ascender às mais altas posições, o indivíduo era encorajado a tomar as mais vis atitudes, inclusive a de pisotear os corpos mortos de seus companheiros.

*“Não admira, portanto, que os imperadores, criados nessa atmosfera envenenada, e investidos de poderes absolutos para praticar o mal ou o bem, perdessem o senso de humanidade e agissem como monstros selvagens.”*³⁶

Constantino não se distinguiu dos demais imperadores romanos por ser o melhor, mas por ter adotado o Cristianismo como a religião oficial de Roma. Um Cristianismo, entretanto, muito longe da religião de Cristo, mas que tem tido o mérito (será que assim pode-se dizer?) de conseguir atravessar esses dois milênios, a trancos e barrancos, é verdade. Impõe-se a seguinte pergunta: até quando?

Não fugindo à barbárie, contradição entre os imperadores romanos que o antecederam, em seguida à apropriação do Cristianismo como a religião oficial de Roma, Constantino assassinou sua esposa, seu filho mais velho e uma sobrinha e começou a dirigir Roma com uma nova forma de despotismo. Fez-se árbitro único da nação.

Desse período, observa o grande historiador Arnauld Toynbee:

³⁶ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 112.

*“Era razoável esperar-se que uma Igreja Cristã estabelecida promovesse de forma efetiva a unidade do Império Romano, considerando-se que, até o ano 311, a Igreja havia tido notável sucesso em preservar a própria unidade. Desde a fundação da Igreja, logo após a morte de Jesus, sua sobrevivência estivera exposta a constantes riscos oriundos de dissensões internas, sempre superadas. Os dissidentes ou eram reconciliados ou a parte mais fraca em uma disputa era eliminada ou expulsa [...] e o Governo Imperial Romano que, desde a conversão de Constantino, contava com a unidade da Igreja para apoiar a do Império, viu-se impotente para induzir as partes contentoras cristãs a alcançarem a paz. As dissensões internas da Igreja deixaram Constantino I perplexo, desde sua conversão em 312 até sua morte em 337”.*³⁷

Em 313, Constantino promulga o Edito de Milão, tornando o cristianismo religião oficial do Império Romano Ocidental, ocasião em que se considerou, ao mesmo tempo, chefe da Igreja, grande pontífice e mestre do paganismo. Além dessas, e outras barbaridades, ficou conhecido na História pela convocação do Concílio de Nicéia (325 d.C.),

*“uma reunião do clero em Nicéia, cidade não muito distante de Constantinopla, para serem discutidas as várias doutrinas sobre a divindade de Cristo, pois que a época de Constantino, como a nossa, tinha seus modernistas e fundamentalistas, dispostos a se estrangularem mutuamente”.*³⁸

Ficou conhecido, também, por sua ajuda em organizar a Igreja, segundo o modelo do Império Romano. Os bispos tornaram-se os chefes da Igreja e, nas suas lutas em obter esse ofício cristão, empregavam frequentemente os métodos pouco cristãos das eleições romanas.

³⁷ TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e A Mãe Terra, Uma História Narrativa Do Mundo*, Jorge Zahar Editor, 1982, p. 424.

³⁸ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1959, p. 118.

Entrementes, Constantino reduziu o poder do Senado a zero, rodeou-se de auxiliares, chanceleres, tesoureiros, comandantes da guarda de segurança pessoal e muitos outros funcionários que criou segundo o modelo das cortes persas, obrigou os que o procuravam a prostrarem-se diante dele como se fosse um potentado asiático. Para financiar seu despotismo e reconstruir a cidade de Bizâncio, no Bósforo, como nova capital do Império Romano, dando-lhe o nome de Constantinopla em sua homenagem, aumentou as já excessivas taxas de impostos de seus súditos e grande número de cidadãos romanos foram reduzidos à escravidão.

Penso ser conveniente transcrever a citação que Henry Thomas faz de Edward Gibbon (1737-1794), principal historiador inglês de sua época, autor de *História do declínio e queda do Império Romano* (6 volumes, 1776-1778), a obra histórica mais importante em Inglês:

“Enquanto um dos candidatos [ao bispado] ostentava as honras de sua família, um segundo atraía os juízes pelas delícias de uma mesa farta, e um terceiro, mais criminoso que os seus rivais, propunha repartir os saques da Igreja entre os cúmplices de suas aspirações sacrílegas”.

“O ofício de bispo, que, até então, tinha sido um ofício de humildade e trabalho, transformou-se em um posto de esplendor profano, de arrogância, de opressão e de suborno. Um novo tipo de homens montou na sela eclesiástica. Eram convidados da corte, sentavam-se à mesa real, e acompanhavam o imperador em suas excursões militares. A Igreja Católica perdera, em suma, a sua humildade. Tornou-se rica, poderosa, respeitável - e corrupta. O Papa ou pai da Igreja - a palavra “papa” é derivada do latim “papa”, que significa pai - tornou-se ditador absoluto do espírito do Império Romano, do mesmo modo que o imperador era o ditador absoluto do seu corpo. O novo Reinado de Cristo transformara-se numa trindade de reinados - Reinado

*do Céu, o Reinado de Roma, e o Reinado da Igreja. O Cristianismo afastara-se muito dos ensinamentos doces, simples e democráticos do desprezado proscrito de Nazaré”.*³⁹

Pode-se examinar que rapidamente a Igreja assumiu os defeitos praticados pelos déspotas do Império Romano, defeitos que serviram de base para Maquiavel redigir o seu *O PRÍNCIPE*, que até hoje os políticos e a própria Igreja o usam para obtenção de vantagens pessoais e perpetuação no poder.

Constantino não foi só o mais absoluto dos déspotas romanos, mas um dos grandes fundadores das odiosas gerações dos modernos czares, kaisers, nos quais os totalitários Stalin, Hitler e outros contemporâneos aprenderam-lhe a lição.

Caro leitor, para que possa entender meu pensamento, devo deixar perfeitamente claro que quando me refiro à Igreja penso no Vaticano que a dirige, jamais aos seus seguidores, crentes em Jesus, assim como penso nesta Igreja e não na primitiva, em que todos eram devotados à palavra de Jesus, humildes e destituídos de posses materiais como ele, e sem lugar à ambição.

Não posso esquecer, e espero que o leitor também não, que foi após a sua conversão ao Império Romano que a Igreja, em 391, sendo imperador romano do Oriente e do Ocidente Teodósio I, defensor do cristianismo dogmático, perseguindo o arianismo e o paganismo romano, destruiu a Biblioteca de Alexandria, juntamente com outros edifícios pagãos, apesar dos esforços empregados pelo bispo daquela cidade. Não tenho a maioria dúvida que isso jamais aconteceria com o cristianismo primitivo.

Prossigamos. Continuando Toynbee com sua análise a respeito das origens do cristianismo como o conhecemos:

³⁹ Ibid, p. 119.

“Não obstante ser desconcertante para Constantino I e seus sucessores, o rompimento incontrolável da Igreja Cristã após os anos 311-312 era virtualmente inevitável. Quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano e quando, conseqüentemente, os cristãos passaram a constituir maioria na população do Império, o Governo Imperial não foi mais capaz de controlar a Igreja como a controlava na situação anterior, quando os cristãos se constituíam minoria impopular no Império. Isso não é de surpreender. O cristianismo constituía uma ramificação do judaísmo e herdara a tradicional aversão aos compromissos deste último”.

“Além disso, na nova situação as questões eclesiásticas identificaram-se com as políticas e sociais. O conflito entre cristãos católicos e donatistas tornou-se também conflito entre Numídia e Cartago e entre camponeses e senhores de terras. A teologia de Ário, finalmente derrotada no Império, tornou-se o símbolo destrutivo dos invasores bárbaros do Império, previamente convertidos ao cristianismo numa época em que dentro do Império o arianismo estivera temporariamente em ascensão. O debate quanto a constituição da Trindade tornou-se também uma luta pelo poder eclesiástico, entre Alexandria - a antiga capital política dos ptolomeus - e Antioquia - antiga capital dos Selêucidas. O subseqüente debate quanto a relação entre os aspectos humano e divino do segundo membro da Trindade tornou-se também uma luta entre o Governo Imperial Romano e seus súditos de fala ciríaca e copta. O segundo e o quarto concílios ecumênicos da Igreja Cristã propiciaram, incidentalmente, à Diocese de Constantinopla oportunidade de se firmar. O Sexto Concílio Ecumênico e Segundo Concílio de Constantinopla (381) reconheceu que a Diocese de Constantinopla situava-se logo abaixo da Romana. O quarto (451) concedeu ao Patriarca de Constantinopla jurisdição eclesiástica sobre a Ásia Menor, a noroeste da Cordilheira do Tauro, e sobre a porção mais oriental da Península Balcânica.”⁴⁰

Henry Thomas: corrobora com Toynbee:

⁴⁰ TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e A Mãe Terra, Uma História Narrativa Do Mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982. pp. 424-425.

“Quando Constantino adotou o Cristianismo como religião oficial de Roma, existia somente cerca de seis milhões de cristãos no Império Romano. Porém, agora que o Cristianismo fora sancionado pela coroa, começava a ser espalhado pela espada. Grande parte do mundo batizou-se rapidamente no sangue e o Cristianismo foi reconhecido em toda parte como a religião Cristo.”⁴¹

Para o leitor menos familiarizado com as lutas internas existentes na Igreja Católica Romana no início de sua história e recorrentes ao longo dela, abramos um parêntese para, sinteticamente, explicar sobre o arianismo.

A essência do problema do Primeiro Concílio de Nicéia (325) não era doutrinária, mas política e disciplinar. Nicéia precisava obedecer às imposições do imperador que queria se livrar de uma imagem de Jesus insuportável para qualquer poder.

Portanto, era importante, para a salvação do Império, que Jesus fosse um Deus como os outros, como Júpiter, de quem Constantino era, e permanecerá sendo até sua morte, o *Pontifex maximus* (o Pontífice máximo).

Um Jesus Cristo, Deus no céu, não podia ofuscá-lo, pois o imperador encarnava a vontade de Deus na terra. “*O imperador se julga, naturalmente, o chefe do povo cristão: o novo Moisés, o novo David, à frente do verdadeiro Israel, o da Nova Aliança.*” (Jean Daniélou, *Nouvelle histoire de L'Église*, tomo I, p.283).

Era contra essa concepção que os arianos sempre lutaram e a Igreja, exatamente por essa razão, sempre os condenou. Criada pelo religioso egípcio Ário, concebia Jesus como um sábio, um iniciado e, portanto, capaz de servir de exemplo a

⁴¹ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1959. p. 119.

ser alcançado por qualquer pessoa e não Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade.

Os ensinamentos de Ário foram condenados no primeiro concílio de Niceia, aquele convocado por Constantino, onde se redigiu um credo estabelecendo que o Filho de Deus era consubstancial ao Pai, “concebido e não feito”. Como se todos nós não houvéssemos sido concebidos por Deus!

As lutas internas dividiram os arianos. Os moderados concordaram com o credo de Nicéia mas se mantiveram céticos quanto ao termo “consubstancial”. Os neoarianos defendiam que o Filho tinha uma essência diferente da do Pai.

No Concílio de Constantinopla, celebrado em 381, a ortodoxia de Nicéia foi reafirmada. Cristãos ainda não convertidos ao catolicismo romano, os arianos concediam à população o direito de seguir qualquer religião que desejassem.

Voltando ao imperador Constantino I, o Grande, é conveniente ressaltar que ele só batizou-se à religião cristã à beira da morte. Desenvolveu em sua mente um pensamento tão forte, enquanto obrigava aos demais a se batizarem, que, pelo sim, pelo não, achou ser mais prudente morrer nos braços da Igreja, mesmo sendo aquela Igreja que, de religiosa nada tinha e que ele próprio havia criado. Assim, talvez fosse absolvido dos inúmeros crimes que cometera em vida. Tinha 64 anos quando morreu, em 337 d.C., após um reinado de 24 anos.

Em 380, Flávio Teodósio I, o Grande, imperador romano (379-395) que substituiu Flávio Valente (328?-378), imperador romano do Oriente (364-378), com o Edito que levou o seu nome, torna o cristianismo religião oficial do Império Romano do Oriente. É a sagração do Cristianismo em todo o Império Romano, feita pelos dois imperadores mais representativos do

Império, os mais bárbaros dos bárbaros; foi assim que ambos ganharam na História o apelido de “o Grande”.

Quem foi Teodósio I, o Grande? Foi o mais firme campeão dos católicos contra os arianos e, depois, contra os pagãos: enquanto lutava contra os hereges arianos, atacava os restos do paganismo.

Convocou, em 381, com a concordância do papa Damaso - cuja referência farei dentro em pouco -, o segundo concílio ecumênico de Constantinopla, para inserir a hierarquia eclesiástica nos quadros civis e mandou fechar os templos pagãos. Em 390 produziu-se uma sublevação em Tessalônica e, cedendo a um cego ressentimento, Teodósio mandou que os seus soldados – bárbaros, em grande parte – chacinassem sete mil pessoas.

Quando, em Milão, foi entrar na igreja, Santo Ambrósio, que o esperava, disse-lhe: “Imitaste David no crime, e é preciso que o imites também na penitência”. E Teodósio passou oito meses em mortificações. Por fim, após uma penitência pública, foram reabertas para ele as portas da igreja.

Atribui-se ao seu período a sistemática destruição de uma grande quantidade de obras-primas da arte antiga. A antiga e mais famosa biblioteca, a de Alexandria, foi destruída em 391, quando o imperador Teodósio I arrasou-a, juntamente com outros edifícios pagãos.

Como acredito na verdade do ditado popular “*digas-me com quem andas, dir-te-ei quem és*”, vejo ser importante nomear os papas que acompanharam a consolidação do que hoje se conhece como sendo o Cristianismo, ou melhor, o período histórico em que foram imperadores os amorais e maquiavélicos Constantino e Teodósio, ambos alcunhados na História, pelos

vencedores, como “O GRANDE” pela colaboração que deram aos primeiros papas amorais e maquiavélicos da história.

-.-.-.-.-

Para não me estender muito, lembro ao leitor que, em 476, exatamente cento e trinta e nove anos depois da morte de Constantino, ruiu a máquina militar de Roma e, com ela, o Império Romano, sucumbido pela sua própria ambição. Seguiu o caminho de todas as outras nações agressivas que procuraram e procuram governar o mundo.

Alcançado esse ponto histórico, que separa a Antiguidade da Idade Média, faz necessária uma pequena pausa para reflexão do leitor.

1 - Dominando o poder espiritual da nação e estando extremamente próxima ao poder temporal, inclusive dando a este último toda sustentação espiritual que necessitava para conservar-se dominando a nação, que explicação o leitor encontra para que a Igreja, em vez de elevar a condição moral e ética dessa nação, pelo contrário, tenha elevado o seu grau de corrupção?

2 - Como o leitor explica que a Igreja não tenha resolvido o grande problema das constantes guerras?

3 - Como se explica que os problemas sociais, extremamente sérios no Império Romano, não tenham sido resolvidos nesse período, mas pelo contrário foram agravados?

Da minha parte, só encontro uma explicação: ninguém pode dar o que não tem; em outras palavras, tudo leva a crer que a Igreja, de uma religião, que era nos seus dois primeiros séculos de existência, transformou-se em um grande negócio, no maior dos negócios.

Houve um grande desvio de quem detinha a pseudá “vida espiritual”, convertendo-se em vida de desregramento, de corrupção, de idolatria; desenfreadas disputas sem eiras nem beiras, como se o homem não houvesse sido dotado de inteligência e sensibilidade capaz de levá-lo a uma orientação clara e precisa quanto à vida que deve levar.

Sobretudo que a palavra que lhe seja dita seja acompanhada pelo exemplo de quem a profere.

Na medida em que fui desenvolvendo a pesquisa para a realização deste trabalho em busca do encontro de respostas às minhas profundas preocupações quanto às guerras e suas catastróficas consequências, foi-se fundamentando em minha alma e na minha consciência que alguns muito poucos, felizmente, em relação à população que habita a Terra, sempre procuraram se aproveitar da religiosidade e ingenuidade humanas para usufruírem vantagens nem sempre confessáveis.

Felizmente, não estou sozinho; preocupado também com as seculares injustiças, exclama o grande prelado brasileiro, Dom Helder Câmara:

“Senhor, dois mil anos depois de tua morte, as injustiças continuam cada vez mais pesadas.” E, mais adiante: “Não é normal, num país que se afirma cristão, que haja um por cento de muito ricos, cinco por cento de bastante ricos, dez por cento de ricos e depois apenas a massa dos pobres e dos muito pobres!”⁴²

E, um pouco mais adiante:

“Quando pensamos não apenas nos campos de concentração, mas nas torturas e na capacidade dos homens - apesar da inteligência que lhes foi concedida - de manter mais de dois terços da humani-

⁴² CÂMARA, Dom Hélder. *Evangelho com Dom Hélder*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1987, p. 15.

*dade numa condição subumana, vê-se bem que a presença de Deus é acompanhada de outra, muito forte, uma presença que poderíamos chamar diabólica...*⁴³

Preocupado pela razão, ponderava Tomás de Aquino:

*“Em nome de Deus, legiões de filhos Seus eram sentenciados a uma vida de trabalhos penosos no solo, em benefício dos senhores e senhoras das terras. Em Seu nome, exércitos de “crentes” chacinavam os “descrentes” que se aventuravam a amá-lo à sua maneira heterodoxa. Havia algo errado em tudo aquilo”.*⁴⁴

Caro leitor, pela sua gravidade e como almejo do fundo do meu coração que o leitor me compreenda, e para não ser leviano, encetei uma pequena investigação a respeito do ser pragmático e do pragmatismo, cujo resultado assim resumo:

Pinçado do latim tardio *pragmaticu*, foi chamado de *pragmática* ao conjunto de regras ou fórmulas para as cerimônias da Corte ou da Igreja, passando-se em seguida a relacioná-la aos atos que se devem praticar, às aplicações práticas, ao concreto, em oposição ao teórico, transcendental.

Em consequência, o *Pragmatismo*, seria uma doutrina filosófica segundo a qual o pensamento do ser tem um caráter puramente finalístico: que seja útil, que leve a alguma espécie de êxito ou de satisfação. Defende o empirismo no campo da teoria do conhecimento e o utilitarismo no campo da moral. Valorizando mais a prática do que a teoria, dá mais importância às consequências e feitos do que a seus princípios e pressupostos.

Quanto à verdade, deve ser encontrada nos efeitos e consequências de uma ideia, em sua eficácia, em seu sucesso. Portan-

⁴³ Ibid, p. 46.

⁴⁴ THOMAS, Henry, THOMAS, Dana Lee. *Vidas de Grandes Filósofos*, Porto Alegre, Editora Globo, 1944, p. 57.

to, a validade de uma ideia está na concretização dos resultados que se propõe obter.⁴⁵

Está relacionada ao *ativismo* que, filosoficamente, é uma doutrina que admite algum tipo de oposição entre a ação e o conhecimento, dando primazia à ação.

Chegamos, assim, que o pragmatismo é a razão de um imoral e nefasto pensamento que tanto vem predominando na história contemporânea: que os FINS JUSTIFICAM OS MEIOS.

Observando as posições doutrinárias dos imperadores e da Igreja, surgiu em minha mente a certeza do pragmatismo dos homens que dirigem a Igreja e, como já havia concluído do pragmatismo de Maquiavel e de todos os tiranos que tomamos conhecimento ao longo da História.

Em outras palavras, ao longo da História, o pragmatismo tem feito escola!

Houve divisões entre os cristãos, houve violência entre os cristãos, houve desconfiança e hostilidade – uma forma mais branda de falar em intolerância – contra outras religiões; porém, qual a causa que esteve sempre por traz dessas divisões, intolerâncias e atrocidades? A ambição, ambição desenfreada pelo maldito ouro e pelo poder temporal capaz de conservá-lo.

Onde encontrar suas causas? Há uma máxima conhecida por todos os políticos, por todos os pragmáticos: por hábito, e não por acaso, os homens têm o costume de prestar atenção no que lhes falam e não no que fazem. Está aí uma das inúmeras explicações de todas as mazelas humanas!

⁴⁵ JAPIASSU, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de FILOSOFIA*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2ª Edição, 1993.

Infelizmente, não foram cometidas apenas em nome da religião, mas em nome de Deus. Haveria maior insensatez e heresia que esta?

Confesso que, no desenvolvimento deste trabalho, preocupei-me muito em não ferir o sentimento religioso de quem quer que seja, a ponto de por duas vezes escrever este capítulo inteiro e deletá-lo inteiramente do meu computador; o leitor acaba de ler a sua terceira edição. Decidi publicá-la em respeito à minha consciência e ao meu coração. Espero que o leitor também os respeite e, respeitando-os, reflita como tenho refletido sobre a infelicidade humana, para chegar às causas dessa miséria humana, material e espiritual, que tanto têm beneficiado a tão poucos ao longo da história.

CAPÍTULO 3

O MAQUIAVELISMO NA IDADE MÉDIA

Convencionou-se chamar de *Idade Média* a um período histórico europeu intermediário entre o fim da *Antiguidade*, definida pela desintegração do Império Romano do Ocidente, em 476, até a tomada de Constantinopla, em 1453, quando se inicia o que se convencionou chamar *História Moderna* ou Tempos Modernos.

Durante a chamada Alta Idade Média – do século V ao X -, nasce um novo estado social da combinação das instituições romanas, germânicas e cristãs, em que o regime feudal reina em toda a Europa, sendo duas as grandes potências do Ocidente: o papa e o imperador.

O feudalismo, sistema contratual de relações políticas e militares entre os membros da nobreza da Europa Ocidental, desenvolveu-se a partir das transformações sociais ocorridas no final do Império Romano do Ocidente, quando as invasões bárbaras passaram a tornar-se frequentes, exigindo a construção de fortalezas circunscritas às residências dos nobres e da Igreja da época.

Ao complexo compreendido pela fortaleza e os seus arredores (onde se situavam as plantações, os pastos e os bosques), essenciais à sua manutenção, dá-se o nome de feudo.

A sobrevivência dessas fortalezas era garantida por servos que, em troca da proteção por elas oferecida, dispunham-se a trabalhar para seus controladores, os senhores feudais, classe formada pela nobreza e pelo clero.

Esse sistema feudal caracterizava-se pela concessão desses feudos, quase sempre em forma de terras e trabalho. Era feito um contrato, selado com um juramento de vassalagem e fidelidade, unindo a proteção política e militar à posse de terras. Essa situação constituiu a semente do regime senhorial e a terra, sozinha, constituía a medida da riqueza do homem.

A Igreja Católica, organizada em torno de uma hierarquia estruturada segundo o Império Romano, com o Papa como o ápice indiscutível, constituiu a mais sofisticada instituição de governo na Europa Ocidental, razão por que as ordens monásticas cresceram e prosperaram, participando ativamente da vida secular.

Nesse período, devido à influência do poder temporal adotado pela Igreja, desenvolveu-se rapidamente a corrupção, visível principalmente com a *simonia*: tráfico ou venda de coisas sagradas, de bens ditos espirituais, tais como a graça, os sacramentos, os atos de jurisdição eclesiástica, a consagração, a bênção, a excomunhão, a colação de um benefício etc.

Por uma promessa da alma do comprador ir para o céu, a simonia sempre foi escandalosamente vendida por uma soma de dinheiro, por um presente material dado de mão a mão ou qualquer favor de ordem temporal, como uma proteção, uma assistência ou recomendação. Até hoje, é assim que se obtém o título de comendador.

Como a simonia constituía, muitas vezes, um método de chantagem para a conversão de povos inteiros ao cristianismo, São Gregório, *Magno* I (540-604), combateu esse método, considerando mais adequado persuadi-los ou fazê-los tentados a adotar a religião. Devido a essa racional posição, foi inscrito na lista dos hereges no Sexto Concílio de Constantinopla, em 680.

Sendo o maior senhor feudal, a Igreja Católica ditava as regras de comportamento social e de uma rigorosa cultura religiosa sobre o homem da Idade Média, conseguindo assim fazer com que, por muito tempo, os servos aceitassem sua condição de servo sem ater-se a ideais revolucionárias, uma vez que era essa “a vontade de Deus”.

Aliás, é pouco mais do que acontece ainda hoje na imensa maioria dos estados americanos, onde é impossível uma família viver sem seus membros frequentarem as missas dominicais das igrejas protestantes, tal a pressão que sobre ela a sociedade religiosa exerce.

Não devemos esquecer que o mundo medieval caracteriza-se também pelos espectros e superstições, características que vêm dominando o homem – com raríssimas exceções - até a data presente, tendo por causa sua persistente ignorância quanto aos aspectos metafísicos e sua congênita infelicidade.

É lamentável que a Igreja, desfrutando de todos os instrumentos para tornar a vida humana aprazível nesta Terra abençoada por Deus, tenha-se deixado dominar pela ambição própria dos mais vis mortais. É inquestionável que essa sua trajetória tenha servido de exemplo para inúmeras seitas pentecostais contemporâneas.

É lamentável que a Igreja tenha sido conivente com a usurpação e escravidão de povos inteiros, como afirmava Voltaire, e que Maquiavel muito bem observou quanto à diferença entre o discurso e os atos da Igreja durante esse período negro da história humana, diferença que pode ser denominada *hipocrisia* e *maquiavelismo*.

-.-.-.-.-.-

A chamada Baixa Idade Média – período na Europa compreendido entre o século X e o XV – assistiu ao apogeu e declínio do feudalismo; foi marcada por conflitos e pela dissolução da unidade institucional, surgindo em consequência o Estado Moderno. A luta pela hegemonia entre a Igreja e o Estado converteu-se em um traço permanente da história da Europa nos séculos posteriores.

A partir do século X o mecanismo feudal começou a dar mostras de esgotamento. Em consequência:

1. Obsoletas, suas relações econômicas mostraram-se incapaz de atender às necessidades da população, surgindo daí a burguesia como uma nova classe de comerciantes.

2. Politicamente, os senhores feudais, desunidos por interesses egoístas, deram lugar ao poder central dos reis, gerando mais tarde o absolutismo monárquico.

3. Enfraquecido, o papado caiu em mãos da nobreza romana.

É digno de nota que foi desse período, no pontificado do papa São Leão IX (1049-1054) e com o apoio do papa São Gregório VII (1073-1085), que houve a profunda reforma empreendida na Igreja, conhecida como *Questão das Investiduras* ou *Reforma gregoriana*.

Para garantir seu poder temporal, Gregório VII, um ano após sua eleição, convocou um concílio em Roma, onde apresentou dois decretos famosos: a lei do CELIBATO e o que proíbe que os bispos recebam a investidura do seu cargo das mãos dos príncipes leigos.

Além disso, visando readquirir seu prestígio e recuperar o poder temporal da Igreja, surgiram também nesse final do século XI as Cruzadas e, pouco depois, a Inquisição, no século XII.

Desde os primeiros tempos realizaram-se peregrinações à Terra Santa - houve 34 do século VIII ao X e 117 no século XI.

Era sincero o desejo de resgatar a Terra Santa, e apoiada por muitos que nada ganhavam com isso. Mas a verdadeira força do movimento religioso e a energia com que foi orientado fundamentavam-se grandemente nas vantagens que poderiam ser conquistadas por certos grupos.

As cruzadas levaram novo ímpeto ao comércio. Dezenas de milhares de europeus atravessaram o continente por terra e mar para arrebatam a Terra Prometida aos muçulmanos. Necessitavam de provisões durante o caminho e os mercadores os acompanhavam a fim de fornecer-lhes o que precisassem.

Frequentemente, as guerras fronteiriças contra os muçulmanos, no Mediterrâneo, e contra as tribos da Europa Oriental eram dignificadas pelo nome de Cruzadas quando, na realidade, constituíam guerras de pilhagem e por terras. A Igreja envolveu essas expedições de saque num manto de respeitabilidade, sugerindo como propósito dessas guerras a difusão do Evangelho, o extermínio dos pagãos ou a defesa da Terra Santa (conforme H.W.C.Davis, p. 184-187, citado por Leo Huberman)⁴⁶

Essas cruzadas soavam também muito bem aos ouvidos de nobres e cavaleiros que desejavam os saques porque estavam endividados e viam as Cruzadas como oportunidades para delas se livrarem e também de adquirirem terras e fortuna.

Tirando proveito desses escusos, e o que há de mais sórdido, interesses animais - com perdão ao animal -, o homem quando se deixa levar unicamente por seus instintos, sem uma verdadeira religiosidade, a cruzada teve uma enorme multidão

⁴⁶ HUBERMAN, Leo. *História Da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1973, p. 27.

de aderentes na Itália, na Inglaterra e, sobretudo, na França; o papa barganhou com a remissão dos seus pecados e excomulgava quem lhes tocasse nos bens durante a sua ausência.

Foi dessa forma corrupta, amoral e desumana que a segunda metade do século XI assistiu à grande expansão do feudalismo e recuperação da força temporal da Igreja.

Resumidamente, as Cruzadas assim podem ser registradas:

Em 1096, o todo poderoso Urbano II (papa 1088-1099), deu início à primeira cruzada, aproveitando-se da verborragia apaixonada de Pedro, O Eremita, que exortava as massas ignorantes dizendo que, uma vez que os judeus - e outros povos - eram tão infiéis quanto os sarracenos; com a vantagem de estarem mais próximos, poder-se-ia iniciar a cruzada por Cristo, sem mais delongas, matando estes infiéis. Era uma maneira certa de todos ganharem a salvação.

Pondo mãos à obra, com essa exortação foram aniquilados dezenas de milhares de judeus e seus bens, naturalmente, confiscados após os saques.

Em toda parte, os Cavaleiros da Cruz clamavam: “*Beijem a Cruz ou morram!*”

Na primeira, os cruzados realmente conquistaram Jerusalém, mas jamais conseguiram conquistar o interior da Síria, falhando, portanto, em “*assegurar uma fronteira defensiva do lado do continente para suas cabeças de ponte sírias contra o vasto interior islâmico*” como escreve a respeito Toynbee.⁴⁷

A Segunda Cruzada, realizada em 1101, foi um total fracasso, não conseguiu libertar Jerusalém; entretanto, do ponto de

⁴⁷ TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e A Mãe Terra, Uma História Narrativa Do Mundo*, Jorge Zahar Editor, 1982, p. 555.

vista comercial os resultados foram tremendamente importantes, já que, à medida que o comércio continuava a se expandir, surgiam cidades nos locais em que duas estradas se encontravam, ou na embocadura de um rio, ou ainda onde a terra apresentava um declive adequado.

A Terceira Cruzada (1189-1192), ativamente preparada por Clemente III (papa 1187-1191), e com exortações de São Bernardo, eclesiástico francês (1090-1153)⁴⁸, não teve por fim a reconquista da Terra Santa, mas a aquisição de vantagens comerciais para as cidades italianas. Foi outra cruzada fracassada.

Após a Quarta Cruzada, a Igreja começou a entrar em decadência, acelerada nos séculos XIV e XV, com o igual fracasso da Quinta Cruzada (1217-1221), Sexta Cruzada (1228-1229) e demais.

As Cruzadas também tiveram seu lado cômico. Por exemplo, João XXI (papa 1276-1277) preparava-se para uma nova cruzada quando foi ferido pela queda de um teto, sucumbindo pouco depois e, com ele, sua cruzada.

Quanto ao costume do uso da simonia, oficialmente foi eliminado bem mais tarde, em dezembro de 1546, no Concílio de Trento. Oficialmente, mas oficiosamente perdura até hoje.

Entrementes, o comércio das INDULGÊNCIAS foi outro capítulo constrangedor da história da Igreja Católica, que precipitou o nascimento do protestantismo. A origem da venda de indulgências remonta a esse século XI, quando pela primeira vez a Igreja ofereceu um documento garantindo a redução das penas impostas por um confessor, em troca de uma substancial esmola. Seria o início do CONFESSIONÁRIO, não previsto

⁴⁸ Dizia, em suas exortações, que “*Quem não é cristão não tem direito de respirar*”.

nas Escrituras, e sacramentado o vício da corrupção: “*Receba o que lhe é bom, mas guarde-se do vício de falar*”.

Porém é importante pontuar que foi a partir do século XII que a prática das indulgências se popularizou como uma fórmula infalível para o levantamento de fundos. Foi assim que o papa Urbano II financiou as Cruzadas, prometendo o perdão de todas as penas, *presentes e futuras*, aos que fossem guerrear contra os muçulmanos: são as *indulgências plenárias ou completas*.

Como na Idade Média acreditava-se que os pecadores arrependidos que morriam antes de expiar a pena e serem admitidos no céu tinham de sofrer o resto da condenação num purgatório, muitas pessoas compravam as indulgências da Igreja para se prevenirem contra uma longa permanência nesse dantesco lugar.

Mas nem todos concordavam com isso. Em 1517, o monge Martinho Lutero (1483-1546) afixou suas famosas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, na Alemanha. Entre elas, uma feroz crítica à venda de indulgências. Quatro anos depois, Lutero seria excomungado, dando origem à reforma protestante que capitalizaria o descontentamento com o mercantilismo do perdão divino.

A propósito, em novembro de 1999, foi selado um acordo entre a Igreja Católica e a Luterana, ocasião em que firmaram a Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação. O documento de vinte páginas trata de um aspecto teológico aparentemente insignificante. Seu texto final diz que “só pela graça e pela fé na ação salvadora de Cristo, e não com base em nossos méritos, somos aceitos por Deus e recebemos o Espírito Santo, que renova nossos corações e nos habilita e conclama a realizar as obras de bem”.⁴⁹

⁴⁹ *Ibid.*, p. 171

Até então, os católicos acreditavam que, para uma pessoa alcançar o paraíso, as boas ações eram tão importantes quanto a solidez de sua crença. Os luteranos, por sua vez, batiam-se pela noção de que bastava ter uma fé robusta para evitar a queda no inferno.

A sutileza ganha relevância quando se tem em mente que a causa do cisma foi justamente o fato de Lutero ter-se rebelado em 1517 contra a ênfase da Igreja nas “*boas obras*”, argumento doutrinal que justificava o comércio de indulgências.

Portanto, com 500 anos de atraso, a igreja Católica passa um recibo para Martinho Lutero: a partir do ano 2.000, Roma deixará de vender indulgências em troca da salvação.

Será o fim da cobrança de ingresso para penetrar no paraíso?

Como já expomos, durante o século XII iniciaram-se as Cruzadas e a Inquisição, pois a fim de descobrir todos os pecadores e exterminar todo o pecado da cristandade, eram necessários espões treinados. Falemos, pois, um pouco da Inquisição.

Em 1184, Lúcio III (papa 1181-1185) presidiu a um concílio que condenou alguns grupos de hereges, devendo-se a ele os primeiros fundamentos da Inquisição. Mais tarde, Gregório IX (papa 1227-1241) ficou célebre pela sua luta contra os hereges, tendo dado, em 1232, forma canônica ao instituto da Inquisição, tendo como pena máxima a fogueira. E transformou a Inquisição num negócio poderoso e lucrativo.⁵⁰ Henry Thomas conta-nos, em outra passagem:

“Por que estava o Papa tão sedento de hereges? Só por uma razão: os hereges se opunham ao esplendor do Papa. Representavam os socialistas cristãos e os anarquistas filósofos do mundo medieval. Fo-

⁵⁰ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 170.

ram antepassados espirituais de Emerson e de Tolstoi. Havia vários grupos, tendo todos uma coisa em comum: acreditavam na doçura de Cristo e odiavam a arrogância dos padres. ‘Cristo’, diziam, ‘não tinha onde descansar a cabeça, ao passo que os papas vivem num palácio. Cristo rejeitava domínios terrestres, enquanto os papas os exigem. O que tem o papado romano, com sua sede de riquezas e honrarias, em comum com os evangelhos de Cristo?’

“Como aconteceu mais tarde com a seita dos Quacres, os hereges pregavam contra a opressão, o ódio, a pena capital e a guerra. Suas teorias radicais, escreve Vacandard, ‘não eram só anticatólicas, mas antipatriotas e antissociais’. E, assim, matando todos esses amantes da paz, a Igreja agia simplesmente em defesa própria[...]. Ainda que fosse à custa da morte! É interessante notar que esta não é a opinião de um padre medieval, e sim de um historiador católico moderno. O espírito da Inquisição, como parece, ainda está bem vivo em certos lugares, mesmo em nossos dias”.⁵¹

Nessa repressão, os frades dominicanos empenharam-se tanto nessa tarefa que ganharam, no século XIII, o apelido latino de *Domini canes*, os cães do Senhor, ou seja, do papa. Eram os seguidores de Domingos, que santamente advogava o batismo pela espada.

A Igreja alcançou seu apogeu com o papado de Inocêncio III (1198-1216), o primeiro a fazer uso do título de VIGÁRIO DE CRISTO. Convocou o quarto concílio ecumênico de Latrão, de 11 a 30 de novembro de 1215, que tomou medidas enérgicas para a procura e castigo dos heréticos, e estabeleceu a obrigação da CONFISSÃO ANUAL E DA COMUNHÃO PASCAL, A EUCARISTIA e a luta contra o islamismo.

Marcou o apogeu da autoridade papal e o início do Ofício da Santa Inquisição.

⁵¹ *Ibid*, 171.

A Igreja não só defendia sua ortodoxia teológica, mas também o poder temporal contra as pretensões dos imperadores. Daí a necessidade da Igreja criar o DIABO e o HEREGE.

O papa, herdeiro natural e legítimo do trono de Pedro, tinha o dever de proteger seu rebanho das bruxas, praticantes de atos satânicos, e dos que discordavam do *status quo* vigente e queriam a volta do Evangelismo.

“*Os pobres de Deus*” foram totalmente dizimados pela Inquisição, criada para erradicar qualquer heresia, qualquer herege e, principalmente, ficar com suas terras e demais bens que possam financiar aventuras tais como as cruzadas – contra os judeus e os mouros.

Como vimos e repetimos, pela sua importância, para ajudar o trabalho da Inquisição, foi criada a figura do DIABO, “já que o herege é endemoninhado e a razão pela qual foi instituída a Inquisição”, disse o papa na época. Até então, o diabo assemelhava-se a um gorila preto, gordo e feio, a essência do “*esgoto das imundícies*” de que falava Leão I (papa 440-461).

Só durante os séculos XII e XIII, o Maligno é mostrado com chifres, cascos ou rabo e o arpeu (tridente de Poseidon, objeto de tortura dos inquisidores). O resultado foi que o diabo inspirou muito medo na Europa medieval, com a eterna danação e a fogueira.

Mais tarde, esse medo foi introduzido no México pelos missionários espanhóis, cujo povo até então desconhecia totalmente a figura do diabo.

A Inquisição no sul da França foi estabelecida por Inocêncio IV (papa 1243 – 1254). Foi da mente dele que saiu essa pérola, quanto aos trabalhos da Inquisição:

“Quando começou a estabelecer-se a Inquisição, não eram os Inquisidores quem aplicavam a tortura aos Acusados, com medo de incorrerem em irregularidades [quanto aos Dês Mandamentos]. Esse cuidado incumbia aos juízes laicos, conforme a Bula Ad Extirpanda do Papa Inocência IV, na qual esse Pontífice determina que devem os Magistrados obrigar, com torturas, os Hereges (esses assassinos das almas, esses ladrões da fé cristã e dos sacramentos de Deus) a confessar os seus crimes e a acusar outros hereges seus cúmplices. Isto no princípio; posteriormente, tendo-se verificado que o processo não era assaz secreto e que isso era inconveniente para a fé, achou-se que era mais cômodo e salutar atribuir aos Inquisidores o direito de serem eles mesmos a infligir a tortura, sem ser preciso recorrer aos juízes laicos, sendo-lhes ainda outorgado o poder de mutuamente se relevarem de irregularidades em que às vezes por acaso incorrerem.”⁵²

Foi o papa Inocência IV, também, que concebeu a fracassada Sétima Cruzada.

Foi pelo império dessa corrupção que o papa João XXIII, eleito em 1410, foi oficialmente deposto, por acordo, no Concílio de Constança de 1414. (Por uma razão que me é totalmente desconhecida, o Vaticano teve um segundo papa João XXIII, que o governou entre 1958 e 1963.)

Esse concílio ficou também famoso por condenar por heresia Jan Huss, que, recusando-se a se retratar, foi queimado vivo.

Reformador religioso tcheco, sacerdote em 1400 e Reitor da Universidade de Praga, em 1402, Jan Huss (1369-1415) lutava contra a hierarquia romana e por uma Boêmia livre da escravização da Igreja. A respeito dele, escreve Henry Thomas:

“Achou-se incapaz de aceitar os dogmas da Igreja. Acreditava nos ensinamentos de Cristo, mas não nos milagres bíblicos. Opunha-se ao clero. Achava que Deus sabia compreender as preces de seus filhos

⁵² NICOLAU EMÉRICO. *O Manual DOS INQUISIDORES*, Lisboa, Fernando Ribeiro de Mello, Edições Afrodite, 1972, p. 68.

sem a intervenção de um intérprete eclesiástico. Pregava contra o esplendor dos papas e a arrogância da Igreja. Era amigo e sectário [pertencente à seita] de João Wycliffe, o sacerdote revolucionário que traduzira a Bíblia do Latim para o Inglês a fim de que seus patrícios pudessem lê-la e interpretá-la por si sós, em vez de aceitarem cegamente a interpretação apresentada pela Igreja. Lutou pelo direito dos fracos. No seu tempo, pertencia à Igreja uma terça parte das terras da Europa. Empenhou-se para que essas terras fossem devolvidas aos camponeses. Pregava a simples comunhão e a fraternidade, como os primeiros sectários de Cristo. Em outras palavras, João Huss procurou ser um verdadeiro Cristo, e por isso tornou-se objeto de ódio das autoridades da cristandade organizada.

“Antes, em 1412, o arcebispo de Praga já havia queimado publicamente duzentos livros de João Wycliffe, excomungado Huss e ameaçado toda a cidade de Praga de excomunhão. Mas Huss continuou firmemente no seu trabalho”.⁵³

Convém também ser ressaltado que, logo após a condenação à fogueira de Huss e seus escritos, com ódio e rancor, o mesmo Concílio de Constança determinou que os ossos de João Wycliffe fossem desenterrados e queimados em público. Foi, portanto, um ato oficial de profanação da Igreja.

Mais tarde,

“Cinco anos depois do sacrifício de Huss, o papa Martinho V expediu uma bula na qual proclamava uma “cruzada para a destruição dos Wycliffe, hussistas e todos os outros hereges da Boêmia”. Os ex-cruzados, ao ouvirem isso, ofereceram seus serviços ao papa, empreenderam uma série de massacres, exterminando a maioria dos hussistas, mas fracassaram na tentativa de exterminar a ideia de Huss.”⁵⁴

Com sua valentia, seu sacrifício não foi em vão: Jan Huss

⁵³ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 157.

⁵⁴ *Ibid*, 157.

preparou os caminhos da Renascença, em sua primeira fase - a reação contra a ignorância, contra a beatice hipócrita da Idade Média.

No final do segundo milênio, Han Huss teve sua excomunhão levantada pelo Clero e ser desconsiderado como herege.

Peço que o leitor faça comigo uma reflexão: *Perante os Evangelhos, pode um papa ser guerreiro? Pode, em nome de seus interesses egoísticos, matar seu semelhante, também filho de Deus?*

Com relação apenas à Inquisição, pode-se escrever milhares de páginas quanto ao sofrimento que causou à milhares de famílias ao tirar-lhes seus patriarcas ao tempo em que usurpava-lhes seus bens – a verdadeira razão de sua criação.

Mas também se pode escrever um tanto de páginas quanto ao retrocesso científico que tentou, e inúmeras vezes conseguiu, prejudicar a humanidade que em toda sua história. Citamos apenas, para efeito de ilustração, a luta da Igreja para defender o indefensável: o *geocentrismo* bíblico.

Em 24 de fevereiro de 1616, por determinação do papa Paulo V. o tribunal do Santo Ofício colocou sob censura o tratado de Copérnico (1473-1543) “*Sobre a revolução dos corpos celestes*”, o famoso *Sistema de Copérnico*, publicado em 1543, alguns dias antes de sua morte, sistema no qual a Terra, como os demais planetas, gira em torno do Sol, revogando todos os dados da astronomia antiga, segundo os quais a Terra constituía o centro imóvel do universo.

Observando as fases de Vênus com o uso da luneta astronômica de sua invenção, Galileu (1564-1642), comprova o sistema de Copérnico, o heliocentrismo, Esse achado astronômico, junto com outros, foram relatados ao mundo através do

livro “*Sidereus Nuntius*” (*Mensageiro das Estrelas*), em 1610, razão por que, no ano seguinte, foi chamado à Roma pela Inquisição. Para não ser queimado vivo e poder prosseguir com suas descobertas, Galileu faz um acordo com a Inquisição, mas às escondidas prossegue com suas observações: em 1632 descobre a existência do peso do ar, em 1637 observa a vibração da Lua e, em 1638, estabelece o movimento parabólico dos projéteis no vácuo. Em 1642, ele morreu cego e condenado pela Igreja Católica por suas convicções científicas, tendo suas obras censuradas e proibidas. Quatro séculos depois, em 1983, a mesma instituição que o condenou o absolveu.

Desse vergonhoso e insensato episódio, duas conclusões podemos tirar: a primeira é que, apesar da queima de seu livro, ainda assim o mundo ficou sabendo que a terra gira em torno do sol. A segunda é que o papa está muito longe de ser *infalível*.

Mas essa questão apresenta um problema moral e ético que é necessário relevar. Quando Galileu sofreu seu processo inquisicional, o Clero já sabia que a Terra girava ao redor do Sol, pois desde Copérnico às escondidas fazia experiências com relação à sua teoria. Assim é que, por exemplo, a Catedral de São Petronio, em Bolonha, construído em 1576 tinha um observatório solar: a luz solar que incide em uma linha no piso foi usada para a criação do calendário gregoriano, em 1582.

Uma ampliação do sistema em 1655 permitiu que o astrônomo Gian Cassini, alinhado com os setores conservadores da Igreja, testasse a teoria de Kepler sobre a órbita dos planetas. “A teoria de que o Sol e a Terra não tinham trajetórias circulares descritas por Kepler (1571-1639), fundamentada na teoria de Copérnico, foi comprovada dentro dessa catedral, em 1655”, afirma Heilbron, referindo-se aos experimentos de

Cassini. Além dessa pesquisa científica, esse instrumento serviu ainda para 4.500 observações feitas até 1736, quando foi definitivamente substituído pelos telescópios mais potentes.

A Inquisição continuou até o século XVIII na Europa e até o século XIX no Brasil. Encarregou-se de perseguir não somente os hereges, isto é, os cristãos que se desviassem do caminho ortodoxo, mas também os maometanos e os judeus, estes últimos nem sempre porque cometessem pecados, mas porque muitos deles eram ricos.

Usando o escudo de Cristo em uma guerra “*sagrada*”, os idealizadores, organizadores e patrocinadores das Cruzadas eram movidos única e exclusivamente por ambições descontroladas, que davam vazão a um sem número de rapinas, holocaustos e genocídios.

-.-.-.-.-

A insensatez dos que detêm o poder sempre traz consequências nefastas para a humanidade. Não sendo exceção à essa regra, as guerras sempre trazem epidemias e a Guerra dos Cem Anos e as Cruzadas a comprovaram: trouxeram a devastadora peste universal que ficou na História como “peste negra”, dizimando tanta gente que parecia que fosse matar toda a raça humana.

Iniciada em 1337, a conhecida Guerra dos Cem Anos só veio a terminar em 1453.

Em toda parte escassearam braços para o trabalho. “*Foi um acontecimento inédito na história - um grito de desespero contra todo o sistema de desigualdade social que até então passara incontestado como sendo a divina ordem do mundo. Era um grito dos trabalhadores desesperados, um protesto contra as doenças, o trabalho excessivo, a fome e a morte.*”⁵⁵

⁵⁵ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 158.

Essa peste praticamente pôs fim à Era Feudal.

Apesar de toda a atmosfera do feudalismo assemelhar-se a uma imensa prisão, a atmosfera total da atividade comercial era a da liberdade. A contínua expansão econômica e mercantil estabeleceu as bases para a transformação revolucionária da economia européia, a novas identidades políticas e ao triunfo do Estado nacional moderno.

Com o fim das invasões bárbaras, das epidemias e com uma vida melhor, verificou-se um crescimento demográfico que os feudos foram incapazes de absorver, levando à morte o feudalismo, o recrudescimento do comércio, o renascimento urbano e à formação das monarquias absolutistas.

Quando tudo isso aconteceu, a Idade Média chegou ao fim e teve início o capitalismo. A realeza consegue bater o feudalismo e recuperar os direitos de soberania, tornando-se os reis realmente senhores no seu reino e, relativamente, seguros de sua coroa.

Sintomaticamente, enquanto a Europa cristã mergulhava na Idade Média durante cerca de mil anos, sábios islâmicos de outras partes prosseguiram estudos acadêmicos e matemáticos de alto nível e pesquisas científicas.

Enquanto a Europa se enfraquecia, navegadores, matemáticos, cientistas, médicos e engenheiros islâmicos realizavam grandes avanços em muitos campos, como na álgebra, por exemplo, de origem árabe.

As bibliotecas islâmicas em Bagdá, no Cairo e em Damasco conservaram manuscritos de antigos sábios gregos, romanos e indianos, mesmo quando os líderes da Europa os rejeitavam. Quando as melhores bibliotecas européias não passavam de al-

gumas dúzias de livros, coleções islâmicas continham dezenas de milhares.

Grande historiador, Maquiavel soube captar como ninguém as misérias mentais dos que fizeram a História, na Antiguidade, em todo o Império Romano e na Idade Média. O resultado está sintetizado em seu escrito *O PRÍNCIPE*.

CAPÍTULO 4

MAQUIAVEL E SEUS CÉLEBRES AXIOMAS

Como vimos nos tópicos anteriores, quando fizemos uma síntese da História até alcançar o início do Estado Moderno, houve a formação de arraigados hábitos e desvios de conduta dos que se apresentavam aos seus povos como exemplos.

Por influência deles, a ambição humana tomou tal amplitude que a cultura vigente chega a considerá-la própria da espécie humana e não o efeito de contínuos e trágicos erros, impressos profundamente na herança humana.

A partir do século XV, a maior parte dos historiadores adotou um ponto de vista religioso ou nacional que prevaleceu até a Revolução Francesa, no século XVIII – o que demonstra, mais uma vez, que a História é escrita pelos vencedores.

O aspecto nacional foi desenvolvido em princípios do século XVI, a partir da filosofia política de Maquiavel, que defendia o Estado como objeto do estudo histórico. Este estudo que frequentemente é considerado uma defesa do despotismo e da tirania dos dirigentes, está fundamentado na crença de que *um governante não está submetido às normas éticas*. Deste ponto de vista, o governante deve preocupar-se somente com o poder e cercar-se daqueles que possam garantir o êxito político de suas atuações.

Definindo o Príncipe como o mais notável em talento ou *outras qualidades*, descreve o método pelo qual um go-

vernante pode apossar-se do poder político e mantê-lo, redigiu *“O Príncipe”* como um breve manual para o “estadista” que pretenda conquistar o poder, *empregando para tanto a violência e (ou) a fraude.*

Assim, como anteriormente descrevemos, o *Maquiavelismo* seria o sistema político baseado na astúcia e má-fé; seria também um procedimento astucioso, uma velhacaria. O livro serviu para definir esses recursos, mas Maquiavel apenas quis descrever realisticamente a política como sempre foi feita. Como doutrina, seu livro tem sido utilizado para descrever os princípios do poder político a partir da máxima “*o fim justifica os meios*”. “*O desejo de conquistar é coisa verdadeiramente natural e ordinária, e os homens que podem fazê-lo serão sempre louvados e não censurados.*”⁵⁶

Durante quatro séculos, foi Maquiavel, hipocritamente, violentamente condenado por todos os moralistas, pelos católicos, protestantes, liberais, democratas e pelos que praticavam suas normas do agir político, talvez porque os deixassem nus. Entretanto, até hoje continuam seguindo seus preceitos.

Na verdade, ele nada propõe, apenas descreve o que os dirigentes políticos sempre fizeram sem confessá-lo. Escreve ele: “[...] *ao longo de meu relato, recusei-me sempre a mascarar com aparência honesta uma ação indigna.*”⁵⁷

Em seguida, para que não fique por demais enfadonhos, citarei apenas alguns recursos maquiavélicos que fizeram imortal “*O PRÍNCIPE*”, “*num credo maquiavélico de dez mandamentos*”:

⁵⁶ Maquiavel, *Os Pensadores*, Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1973, p. 20.

⁵⁷ *Ibid*, p. 181.

“1º - Zelai apenas pelos vossos próprios interesses:

“De acordo com as leis da floresta” - expressão muito usada pelos políticos, inclusive contemporaneamente -, “se não oprimirdes os outros, os outros vos oprimirão. A força é direito; portanto, o forte precisa sempre defender sua força e fazer leis para sua própria proteção contra os fracos. O dever do fraco é servir ao forte e o dever do forte é servir a si mesmo.”

“2º - Não honreis mais nenhum além de vós mesmos.

“Aquele que é causa da grandeza de outro - escreveu Maquiavel - ‘é tolo. Pugnai pelos interesses de outro apenas quando puderdes fazer bom uso deles. Mas, no momento em que esse outro ameaçar tornar-se popular, matai-o.’ [Hoje, não podendo se matar fisicamente, mata-se politicamente]. “Para o homem ambicioso, é um imperativo não possuir rivais.’ Uma nação bem sucedida, na opinião de Maquiavel, necessita apenas de um chefe. Todos os outros homens devem ser escravos. Um príncipe pode receber, mas não conceder benefícios.” (THOMAS 1959, p. 198)

“3º - Fazei o mal, mas fingi fazer o bem.

“Ser bom, dizia, é prejudicial; mas aparentar ser bom é útil. ‘Aquele que propõe a si mesmo ser um perfeito modelo de bondade entre todos os outros homens será o único que se arruinará. (...) A fim de preservar seu poder - e seus roubos - é muitas vezes necessário a um príncipe’, disse Maquiavel, ‘agir contra a justiça, a caridade, a humanidade e a boa-fé. Seus súditos, porém, não devem suspeitar disso. Devem, pelo contrário, ingenuamente pensar que ele é nobre, compassivo, piedoso e justo. Em outras palavras, um hábil condutor de homens deverá fazer seus súditos acreditarem que ele os está protegendo no mesmo momento em que os está oprimindo; deverá demonstrar piedade nas suas palavras, quando só existe o mal no seu coração.”

Como lembra os nossos políticos e alguns bispos! Prosigamos:

“4° - Cobiçai e procurai obter tudo o que puderdes.

“Um príncipe não deverá considerar nada mais do que os seus próprios desejos; não deverá, assim, ter a mínima consideração para com os direitos dos outros. ‘Roubai tudo o que puderdes e fazei silenciar os que se queixarem; aparentai sempre ser um príncipe liberal. Não ides muito longe, porém, em vossa avareza, não porque seja isso um erro, mas porque é perigoso possuir demais.

“5° - Sede miserável.

“Aconselha o príncipe a resguardar o próprio dinheiro e a gastar apenas o dos outros [como outra vez lembra nossos políticos e alguns de nossos bispos!]. “Não é sábio para um príncipe ser muito generoso para com seus súditos. Se o for, a princípio granjeará grande reputação, mas depois, quando seus fundos esgotarem-se, ver-se-á obrigado a aumentar os impostos do povo. Isso naturalmente o desgostará, e assim um príncipe sempre acabará por arruinar-se, se quiser ser liberal com o dinheiro obtido em seu próprio país. Com o dinheiro roubado na guerra, no entanto, deverá ser generoso o máximo possível, pois desse modo seus súditos não somente o louvarão, como se pronunciarão prazerosamente a lutar e morrer por ele.

“6° - Sede brutal.

“Um príncipe, cuja missão é escravizar todo o mundo [sic], não pode nunca ser suave. [...] Fernando da Espanha foi muito admirado por Maquiavel. ‘Somente um bruto’, escreve Maquiavel, ‘pode ser um grande rei. Os amantes da justiça, os inimigos da crueldade, os imperadores humanos e bondosos têm sempre um triste fim. A bondade nunca é compensadora. Um príncipe,

para conservar a obediência de seus súditos e o respeito de seus soldados, terá de sufocar em si o homem e desenvolver a besta.

“7º - Lograi o próximo toda vez que puderdes.

“Quem melhor praticou as manhas da raposa foi quem obteve sempre o maior sucesso.’ A força é maior do que a justiça e a mentira mais poderosa do que a verdade [sic]. É fácil para um governador quebrar sua promessa. ‘Nenhum príncipe necessita arranjar razões para encobrir uma quebra de palavra, pois quase todos os outros homens são estúpidos.’ Mundus vult decipi - o mundo está sempre pronto para ser tosquiado”.

“8º - Matai os vossos inimigos e, se for necessário, os vossos amigos.

“A época em que Maquiavel viveu era quase desprovida de humanidade. Entre os principais esportes do século XVI, contavam-se a caça aos animais e a queima dos hereges.”

“9º - Usai a força, em vez da bondade, ao tratardes com o próximo.

“Um homem ambicioso não pode ser cruel apenas em parte; sê-lo-á de um modo completo ou terá de renunciar à sua ambição. Além disso, precisa de um método, embora não haja medida para a sua crueldade. Quando tiverdes de vos apoderar de um estado, ou de roubar um homem, deveis empregar toda a violência de uma só vez, para que o ofendido dela depressa se esqueça; por outro lado, se fordes obrigados a conceder benefícios, concede-os pouco a pouco, a fim de que eles sejam sempre lembrados. Um tirano deve manter-se pela força e não pela boa vontade de seus súditos”.

“10º - Pensai exclusivamente na guerra.

“A guerra é a principal preocupação do super bruto maquiavélico. ‘Um príncipe deverá dedicar-se exclusivamente à arte de matar, pois a guerra é a única arte a que se deve dedicar um governante.’”

A influência de Maquiavel fez-se cada vez maior na História, como Henry Thomas chama a atenção:

“Lord Bacon, uma das mais penetrantes mentalidades dos tempos modernos, aconselha, em todas as controvérsias diplomáticas, a fórmula maquiavélica de ‘muita hipocrisia e pouca honestidade’. Thomas Cromwell, o ministro de Henrique VIII, da Inglaterra, considerou O Príncipe a ‘quinta-essência da sabedoria política’. Macaulay, que foi talvez o maior historiador do século XVI, encontrou nas obras de Maquiavel ‘muita elevação de sentimento’”(sic).⁵⁸

Foi sob influência dessa obra de Maquiavel que o ministro Thomas Cromwell, recordo-me, fez Henrique VIII, em 1534 romper com o papa porque a Igreja recusou-se a anular seu casamento e tornar-se chefe supremo de uma nova igreja, a Anglicana, conservando sacramentos e liturgias semelhantes aos da Igreja Católica.

“O Príncipe” é uma das obras mais lidas pelos que, desde então, almejam o poder e pelos que o alcançam; em suma, pelos políticos de todas as ideologias, da direita à esquerda.

Por que transcrevi esses pensamentos de Maquiavel? Porque tem tudo a ver com a história da ambição humana, já que ela representa uma coletânea dos mais proeminentes defeitos humanos, ciclicamente apresentados ao longo da história da civilização. Retrata a astúcia dos governantes, o mau exemplo que estes sempre passaram aos seus subordinados e aos povos em geral. E para que sempre precisaram

⁵⁸ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1959. pp. 198-201.

usar de astúcia? Exatamente para alimentar as suas ambições e glórias.

Assim, analisando esse círculo vicioso, concluímos que a ambição *é feito* das dificuldades humanas que se apresentam em sua evolução e *causa* de seus defeitos.

Daí que a vida do homem seja “*uma sucessão de erros, legítimos filhos da mentira, perigosa meretriz que com seus falsificados encantos seduz o ser humano envaidecido em sua ignorância.*” (González Pecotche)

E, em uma conferência proferida em 10 de agosto de 1946, em Montevidéu:

*“O que ocorre entre os seres humanos, qualquer que seja seu vínculo, e entre os povos, sempre tem uma causa que está mais além daquelas que se supõe. Não é a última gota a que faz o copo extravasar, senão toda a água que o enche, fazendo com que uma gota a mais não possa caber nele. De modo que a causa não está na gota, senão nas muitas gotas que contém o copo.”*⁵⁹

A história da humanidade é uma história da divisão dos homens em duas raças: uma destinada a governar e a outra a obedecer, uma a mentir e a outra a ser enganada.

Se o homem usasse mais a sua mente; se usasse um pouco mais a sua razão, facilmente concluiria que qualquer expressão de violência engendra destruição e dor. Sente isso na própria pele!

A humanidade tem sofrido essa realidade até a exaustão ao longo de sua história. A corrupção - outra característica constante na história da humanidade - e a ignorância dos governos sempre provocaram a revolução violenta, que

⁵⁹ Gonzalez Pecotche, *Introdução ao Conhecimento Logosófico*, p. 196.

nada mais é que a substituição de uma classe de dominação das massas ignorantes por outra que as seduz.

QUARTA PARTE

CAUSAS DA INSENSATEZ HUMANA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

“O pior dos suplícios é sentir-se morto sem acabar de morrer; é sentir-se quase vivo estando morto e, ansiando morrer, continuar vivendo.”

(*Divina Comédia*, de Dante)

CAPÍTULO 1

AMBIÇÃO: CAUSA OU EFEITO?

“O’ Senhor [Deus]:

“Do homem é próprio o errar, tendo tanta ambição.

“Não tens mais coisa alguma agora a me dizer?

“Surges sempre com queixas tantas a fazer?

“No mundo nada há justo, exato, nem perfeito?”⁶⁰

Na parte anterior deste trabalho, chamo a atenção de algo que todos conhecemos bem de perto, mas que muitas vezes não nos damos conta de seus enormes malefícios. Refiro ao maquiavelismo predominante desde os primórdios da nossa civilização, com sua conseqüente corrupção.

Por que sucedem estas coisas? Que forças agitam a mente dos homens, lançando-os uns contra os outros? Será que a humanidade declara-se indigna depositária dos bens que Deus pôs sobre a Terra para sua felicidade?

Infelizmente, têm sido esquecidas as lições históricas que fazem os homens incorrerem em erros cada vez mais irreparáveis. Quiçá a causa, que influenciou o cometimento desses grandes erros, seja a sedução do poder, a ambição de se converter em poder absoluto.

⁶⁰ GOETHE, Johann Wolfgang von. *FAUSTO*, Biblioteca Universal, São Paulo, Editora Três, 1974, pp. 37-38.

A ideia de dominar e submeter o semelhante é um bacilo mental que pareceria achar-se latente em todas as mentes humanas, bacilo que nunca foi combatido com heróicos remédios e que, por ser de características violentas, cada vez que aparece como um mal inevitável, produzem-se devastações, guerras e calamidades que assolam povos inteiros.

Tudo na Criação palpita e vive obedecendo a processos harmônicos orquestrados por uma ordem universal; colocado no centro desses processos, o homem também realiza um processo de evolução – ou deve realizar. Não pode subtrair-se à influência das leis universais que garantem a perpetuidade da Criação, e a prova está que, toda vez que às infringe, experimenta rudes castigos e sofrimentos.

No decorrer das pesquisas bibliográficas e investigações as mais diversas para a realização deste trabalho, em todas as oportunidades que se me apresentaram, inquiri seres de formação profissional e intelectual as mais diversas a respeito das causas que supunham existirem que levam a que a História da Humanidade se confunda com a História das Guerras e o crescimento da insensatez humana.

Em 90% das respostas obtidas, concluíram que a causa está na desenfreada ambição humana, e o pior é que todos, com raras exceções, estão convictos de que essa ambição por bens materiais é inerente à razão humana, faz parte de sua estrutura psicológica.

É, também, a conclusão não só da Psicologia, como da ciência em geral e da cultura vigente, em particular.

Sendo assim, acabar com as guerras, com os conflitos, por menores que sejam, seria impossível. Acabar com a insensatez humana, nem pensar.

Sem se darem conta dos interesses ocultos dos historiadores que a descrevem, todos exemplificam com a História da Civilização, em cujas entranhas a ambição humana tem uma História que se confunde com a História da Hipocrisia humana, ao qual Maquiavel se inspirou para escrever seu Manual de Hipocrisia, “O PRÍNCIPE”, desde então ocultamente seguido pelos príncipes – políticos e sacerdotes – para usurparem o poder e manterem-se nele, como já vimos.

Por ora, vejamos se conseguimos entender a origem da ambição.

Penso que a mente, nos primórdios da humanidade, raciocinava quase como os animais:

“Em que está pensando?’ perguntou Peary a um dos seus guias esquimós. ‘Não preciso pensar em nada. Temos carne em abundância’, foi a resposta.”⁶¹

Será que, quando de sua origem, o homem era ambicioso?

É interessante, a respeito, o que tem a nos dizer também Will Durant:

“Por fim, a natureza ensinou ao homem a arte da provisão, a virtude da prudência [note-se a identidade entre a provisão, providência e prudência], o conceito do tempo. A observação dos pica-paus, que enceleiram nozes nas árvores, e das abelhas, que acumulam o mel, deu ao homem a ideia de guardar alimentos para o dia de amanhã”.

“Por toda a parte, entre os povos primitivos, a posse da terra cabia à coletividade. Os índios norte-americanos, os nativos do Peru, as tribos do Chittagong, na Índia, e as de Bornéu, parecem ter cultivado o solo em comum, repartindo depois as colheitas. ‘As terras’, diziam os índios de Omaha, ‘são como a água e o vento, que não podem

⁶¹ DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional, 1944, p. 8.

ser vendidos'. Na Samoa, a ideia de vender o solo era desconhecida antes do advento do homem branco. O professor Rivers encontrou o comunismo territorial na Melanésia e na Polinésia; e no interior da Libéria ainda está hoje em vigor.”

“Menos espalhado, o comunismo dos víveres. Era costume entre os ‘selvagens’ que o homem que dispusesse de víveres os partilhasse com quem não tinha, ou com os viajantes que pediam pouso; as comunidades vítimas da seca eram alimentadas pelas vizinhas. Se um homem se sentava no campo para comer e avistava outro, chamava-o para a refeição. Quando Turner contou a um samoano a tragédia dos pobres de Londres, o ‘selvagem’ encheu-se de espanto: ‘Como isso? Sem alimentos? Sem amigos? Sem casa para morarem? Como vivem então? Não possuem casa os amigos dessa gente? Ao indiano faminto, basta que peça para receber; por menos comida que haja, tem ela que ser repartida com ele; ninguém deve sentir falta de comida enquanto houver trigo em alguma parte da cidade.

“Entre os hotentotes⁶² era costume repartirem-se os víveres, de modo que todos ficassem com partes iguais. Os viajantes brancos, que penetravam na África antes do advento da civilização, notaram que quando uma dádiva de víveres ou outras coisas valiosas era feita a um ‘homem negro’, imediatamente sobrevinha a divisão; de modo que, se o presente consistia num vestuário completo, lá ia o chapéu para um, as calças para outro, a camisa para um terceiro.

“O caçador esquimó não tinha direitos exclusivos sobre os animais apanhados; dividia-os entre os habitantes do vilarejo; e os instrumentos e as provisões formavam propriedade comum. Os índios norte-americanos foram descritos pelo capitão Carver como ‘estranhos a todas as distinções da propriedade, exceto quanto aos objetos de uso pessoal. Eram extremamente liberais uns com os outros, e supriam as deficiências dos amigos com o que detinham em excesso’. ‘Parece-me estranho’, diz um missionário ao ‘vê-los se tratarem entre si com a doçura e consideração que não existem no povo comum das mais civilizadas nações. Isto, sem dúvida, decorre do fato de serem ignoradas por esses

⁶² Povos antigos da Hotentótia, hoje África do Sul.

*selvagens as palavras ‘meu’ e ‘teu’ que, segundo São Cristóvão, extinguem em nossos corações o fogo da caridade e acendem o da ‘cobiça’. ‘Eu os observei’, outro comentador, ‘dividindo a caça entre si, e não me recordo de nenhuma disputa ou queixa na repartição. Preferiam dormir de estômagos vazios a deixar de satisfazer um necessitado[...]. Tratavam-se entre si como uma grande família’.*⁶³

Durant, então, pergunta:

*“Por que, à medida que os homens foram entrando no que chamamos civilização, esse primitivo comunismo desapareceu? Sumner supõe que o comunismo se revelou antibiológico, um embaraço na luta pela existência, proporcionador de pouco estímulo à inventiva, à iniciativa, à poupança; e que o fato de não dar mais ao mais hábil, e de não castigar o menos hábil, trazia um nivelamento de capacidade, o que é hostil ao desenvolvimento dos grupos, ou os prejudica na competição com outros. Loskiel encontrou algumas tribos de índios do norte ‘tão indolentes que nada plantavam por si mesmos, viviam a custa dos que nada lhes recusavam. Desde que os industriais não gozam dos frutos do seu trabalho e ficam equiparados aos não-industriais, a tendência é para plantar cada ano menos.’ Para Darwin, a perfeita igualdade entre os fueguinos impediu-os de se civilizarem; ou, como poderiam dizer os fueguinos, a civilização seria fatal à sua igualdade. O comunismo trazia certa segurança a todos os sobreviventes às doenças e acidentes da pobreza e ignorância da primitiva sociedade; mas não os arrancava à pobreza. O individualismo trouxe a riqueza, mas trouxe também a insegurança e a escravidão; estimulou as forças latentes do homem superior, mas intensificou a luta pela vida e fez o homem sentir amargamente uma pobreza que, sob o regime do comunismo, todos compartilhavam sem se sentirem oprimidos’.*⁶⁴

Portanto, do acima exposto, podemos deduzir ao menos dois elementos: por razões de sobrevivência, os povos primiti-

⁶³ *Ibid*, pp. 11; 19-20.

⁶⁴ *Ibid*, p. 21.

vos desfrutavam de um comunismo que, a persistir ao longo do tempo e do progresso, tornava-se prejudicial àquela primitiva civilização; segundo, a ambição não é inerente ao ser humano.

Em outras palavras, o arquétipo do ser humano não foi concebido por Deus para que fosse indolente, irresponsável e ambicioso - no sentido de amealhar mais e mais bens materiais, sem limites.

Para isso, conformou-o de uma mente privilegiada e de consciência.

Tudo se resume em saber utilizá-las criteriosamente. O erro está em que a civilização tornou sem limites a ambição e, esta, vem extinguindo nos corações humanos “o fogo da caridade e acende o da cobiça”; em consequência, torna o homem insensível e abafa a sua consciência.

Por conta de sua ambição, não tem nenhum escrúpulo em apropriar-se dos bens pertencentes ao seu próximo e, hoje, até da humanidade, como prova a sua estúpida concentração de renda.

Honoré de Balzac também tinha essa opinião: “*A avareza é um nó corredio que aperta cada vez mais o coração e acaba por sufocar a razão*” (O primo Pons) e “*O segredo das grandes fortunas sem causa aparente é um crime esquecido porque o serviço foi bem feito*”. (O pai Goriot)

Na verdade, o homem é ambicioso porque, frente a uma oportunidade de alimentá-la, a imensa maioria segue o exemplo dos detentores do poder; torna-se maquiavélico e inescrupuloso; age com a consciência abafada e usa sua inteligência unicamente a favor de seus fins egoístas.

Ray Kroc, fundador da rede de lanchonetes Mc Donald's, sintetiza bem a mente do ambicioso: “O que se deve fazer quan-

do um concorrente está se afogando? Pegar uma mangueira e jogar água em sua boca.”

Ouçamos, também, o que a respeito Shakespeare nos tem a dizer, pela boca de Hamlet:

*“Sou muito orgulhoso, vingativo, ambicioso, com mais pecados na cabeça do que pensamentos para concebê-los, fantasia para dar-lhes forma ou tempo para executá-los. Por que não de existir pessoas como eu para se arrastarem entre o céu e a terra? Todos nós somos consumados canalhas; não te fies em nenhum de nós.”*⁶⁵

E, em outra passam:

*“Não é feliz, porque o que não tens, tu te esforças para adquirir e o que possuis, tu esqueces.”*⁶⁶

A respeito, o grande historiador Arnold Toynbee traz-nos o pensamento de Blake (1757-1827), poeta, pintor e gravador:

*“O poeta William Blake, considerando as criaturas vivas em termos tradicionais como obra de um deus criador semelhante ao homem, aterrorizou-se, com justa causa, com a criação do tigre. O tigre, porém, ao contrário do homem e de um deus criador hipotético, é inocente. Quando um tigre satisfaz sua fome matando e devorando sua vítima, não é atormentado pela consciência. Por outro lado, seria um ato sem propósito, desnecessário e supremamente mau se um deus houvesse criado o tigre para matar o cordeiro, o ser humano para matar o tigre, e o bacilo e o vírus para que mantivessem sua espécie matando seres humanos em massa.”*⁶⁷

⁶⁵ SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta, Macbeth, Hamlet, príncipe da Dinamarca, Otelo, o mouro de Veneza*, São Paulo, Editora Abril S.A., 1978, p. 254.

⁶⁶ SHAKESPEARE, William. *As alegres comadres de Winsor, Medida por medida, O sonho de uma noite de verão, O mercador de Veneza, A megera domada*, São Paulo, Editora Abril S.A., 1978, p. 152.

⁶⁷ TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e A Mãe Terra, Uma História Narrativa Do Mundo*, Jorge Zahar Editor, 1982, p. 32.

Portanto, o homem é o único ser na Criação dotado de consciência capaz de orientá-lo, se enriquecida de conhecimentos, ou de atormentá-lo, quando em erro devido à sua ignorância quanto à razão de sua vida.

Infelizmente, porém, quem conhece a mente humana sabe que ela, para aquietar a consciência, usa de todos os argumentos, mesmos os mais pueris. Foi assim, por exemplo, que por meio do sacerdócio primitivo, os velhos das tribos conseguiam o seu domínio sobre os demais. Quanto mais espertos esses velhos astutos, tanto mais ricos se tornavam, com direito às melhores mulheres, aos melhores alimentos e prioridade em todas as outras coisas. E incorporaram essas vantagens nos costumes formais das suas tribos.

As massas que vivem atualmente são descendentes em linha reta desses povos pré-históricos; como um rebanho que, por conveniência desses astutos e velhacos, têm praticado a endogamia - separação por castas, principalmente nos casamentos - por milhares de gerações.

Printkin aponta-nos outras consequências, muito graves:

“Em consequência, seus indivíduos não podem dirigir a si mesmos, exceto em níveis inferiores de conduta; em resultado do pensamento pouco inteligente, de um lado, e do predomínio dos desejos animais, de outro, se voltam para a magia, para a astrologia, para a quiromancia, para os clarividentes, para os feiticeiros, para os símbolos, para os presságios, para os portentos e para o ritual que os acompanha; e nas horas de calma, como nos momentos de pesar, tendem a afundar no devaneio e a se debruçar sobre o próprio ego, fugindo das realidades ingovernáveis que estão fora da sua pele.”⁶⁸

Shakespeare, em sua imortal obra Hamlet, príncipe da Di-

⁶⁸ PRITKIN, Walter B. *Breve Introdução à História Da Necedade Humana*, São Paulo, 1932, p. 63.

namarca, chega a mesma conclusão, que “o mundo está fora dos eixos” e que a ambição humana o tornou uma prisão, na qual existem muitas celas, calabouços e masmorras, demasiadamente apertada para o espírito humano.⁶⁹

Afirma mais, que, como intelectual que é, pela boca de Hamlet:

“Poderia ficar confinado numa casca de noz e, mesmo assim, considerar-me-ia rei do espaço infinito, não fossem os maus sonhos que tenho. Sonhos que, verdadeiramente, são ambição, visto que a própria substância da ambição é meramente a sombra de um sonho. Considero a ambição, de tão aérea e ligeira qualidade que nada mais é do que a sombra de uma sombra.”

E. em seguida, adverte:

“Logo, nossos mendigos são corpos, e nossos monarcas e heróis gloriosos, as sombras dos mendigos.”⁷⁰

Assim, essa cultura da ambição, do egoísmo e do salve-se quem puder tornou todos os seres escravos e prisioneiros dessa ambição; as massas e os potentados, todos creem serem livres, tal a inconsciência desse triste estado em que vivem.

-.-.-.-.-

Na segunda parte deste trabalho vimos que as nações agressivas da História sempre terminaram matando-se a si próprias.

Outro aspecto é que, ao contrário da crença comum, longe das guerras trazerem progresso aos povos, sempre se constituíram em um fator de retrocesso à evolução humana, não só pelas tragédias humanas a elas inerentes, como o afastamento

⁶⁹ SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta, Macbeth, Hamlet, príncipe da Dinamarca, Otelo, o mouro de Veneza*, São Paulo, Editora Abril S.A., 1978, p. 238.

⁷⁰ *Ibid*, p. 239.

definitivo de entes queridos, mas também pela infelicidade que fica impregnada à alma como que *ad infinitum*.

Devido à sua história de guerras, a alma humana, regra geral, consegue conviver mais e melhor com a dor e a infelicidade do que com seus momentos felizes.

Como prova desta grave e triste afirmativa, posso invocar ao prezado leitor o seu testemunho se rapidamente não esquece estes e, ao contrário, recorda mais amiúde aqueles.

O que quero dizer é que o ser humano traz, como que gravado indelevelmente em sua herança, a infelicidade, não se permitindo, em consequência, conviver com a felicidade. Então, é de se admirar que vivamos em um mundo de loucos?

Num mundo em que a ambição tivesse limite, o homem saberia se mover dentro dele, sem jamais pretender suplantar o semelhante, ou tirar-lhe o seu lugar, pois entenderia que cada um tem o seu e que pode ampliá-lo ilimitadamente, e o mais importante, sem incomodar a ninguém.

Portanto, a insensatez humana não tem razão de existir e, com um mundo sensato, menos razão de existir teriam as guerras.

Se o ser humano houvesse controlado sua ambição, em vez de a haver ampliado, a humanidade teria evoluído infinitamente mais em quinhentos anos do que evoluiu até a presente data e, sem sombra de dúvida, teria deixado para traz esse “vale de lágrimas” em que até hoje vive.

Como já tive a oportunidade de expor, a finalidade deste trabalho é alertar o leitor - que deve ser um intelectual e, como tal, responsável, pois foi a este que procurei alcançar – de que a humanidade há milênios vem trilhando um caminho falso que

não a leva a nada, a não ser à sua desgraça, à sua perdição como ser humano.

Enquanto permanecer nesse caminho sinuoso e cíclico, escolhido por uns poucos, e levado como massa a trilhá-lo por aqueles poucos, astutos e expertos, por isso mesmo velhacos, só conseguirá dele sair quando se der conta de que vive equivocadamente uma vida de competição e de ganância.

A grande pergunta que ora faço-me é: por que o ser humano, sofrendo continuamente por seus equívocos, com pouquíssimas exceções, não se tem absolutamente preocupado com esse estado de coisas? Por que essa indiferença?

A verdade é que as guerras o tornaram insensível à sua desgraça. Desculpe-me o leitor: o homem, com raras exceções, tornou-se um desgraçado, um desventurado, um indigente, um incapaz, um infausto para romper este círculo de sua existência.

Daí que Goethe, chegando à essa mesma conclusão, nomeou FAUSTO, o personagem principal de sua obra-prima, a aquele que, cansado de procurar entender a razão da sua vida, procura o fausto, a opulência, a depravação.

Goethe, com essa obra, alerta desde então aos homens responsáveis que a humanidade, não encontrando resposta a essa inquietude, desistiu da procura e preferiu se acomodar às tradições e costumes, procurou uma alternativa mais cômoda de viver freneticamente o prazer efêmero, de catastróficas consequências para seu futuro.

Assim, de queda em queda, tornou sua vida desgraçada, infausta ao vender sua alma ao Diabo.

Goethe não escreveu uma simples novela, não descreveu um personagem fictício, mas retratou a queda da humanidade à

propensão ao fácil; procurou com sua obra explicar a insensatez humana e sua consequência direta, a ambição humana às coisas materiais e à busca do prazer aqui e agora.

Por isso, “FAUSTO” é a obra-prima do maior poeta alemão de todos os tempos; por isso, ela é imortal.

De sua obra podemos deduzir que a vida é luta, é iniciativa. Para isso, o ser humano foi dotado de inteligência. Não lhe cabe viver indefinidamente sob um regime que não incentive essa iniciativa, por exemplo, como o comunismo ou mesmo o capitalismo consumista.

Nada tem a ver com civilizações que incentivem a competição desenfreada, muitas vezes até predatória e, conseqüentemente, a ambição. Como esta é cega, quanto aos meios que deve lançar mão para obter seus inconfessáveis objetivos, o Estado também fica à sua mercê; torna-se ela mãe do Estado, assim como a guerra é o seu pai, como já tive oportunidade de assinalar.

Por que o ser humano erra, erra, erra e não aprende? Por que persiste escravo dessa ambição material? Será que somos menos inteligentes que os macacos? Sob certos aspectos, parece que sim.

Penso ser pertinente repetir que um dos muitos tentáculos que apresenta o monstro da ambição é o do lucro fácil; por sua vez, o lucro fácil alimenta a propensão humana à indolência, esquecendo que a luta é da lei da vida, em todos seus sentidos.

Com raras exceções, os homens não conseguem alcançar que o segredo do êxito na vida, em quaisquer de seus aspectos, é o do exercício da sensatez e da moderação que a acompanha.

Mas como pode ser sensato e moderado em uma sociedade que incentiva a ambição desenfreada?

Essa propensão ao fácil no homem tem suporte em sua parte instintiva, que cumpre um objetivo material, físico e, como tal, é perecível; daí a ambição, o egoísmo e a mesquinhez humanos.

É consequência da deformação de sua concepção de vida, já que, se voltasse a sua visão para a sua natureza espiritual, dar-se-ia conta que as suas conquistas espirituais são perenes, eternas; então atuaria de outro modo, generosamente, amplamente, ilimitadamente.

A prova de que tem essa segunda natureza é que, como nômade, nos primórdios de sua vida, não se acomodou.

A verdade é que a ambição não nasce com o homem, ela é cultivada por ele desde sua infância.

Por falta de entendimento, na infância da humanidade, por ambição, Pandora abriu a caixa que recebeu de Júpiter e seus malefícios só vêm crescendo desde então.

Até quando? Convém perguntarmo-nos.

Há 23 séculos, Mêncio (371-288 a.C.), fundador do Confucionismo, já afirmava que o homem é bom. A cultura dos poderosos é que o tinha deformado.

A ambição e a infelicidade humanas são irmãs gêmeas e produto da ignorância e da inconsciência, que reprimem qualquer veleidade do ser em querer saber algo mais sobre si mesmo. quanto à razão de sua existência, única forma de romper os grilhões que o tornam escravo da obsessão instintiva da ambição, que o torna infeliz porque o faz sempre insatisfeito.

Nessa mesma linha de pensamento, ensina González Pecotche, também conhecido como *Raumsol*:

“A formação consciente da individualidade responde aos altos fins da evolução consciente. Ninguém deixará de reconhecer, como prova irrefutável, o fato de que ele se tem ocupado, exclusivamente, de sua personalidade, isto é, de seu físico, de sua figura estética, de sua educação e cultura refinadamente condicionada ao exterior, buscando sempre a exaltação de seu conceito pessoal diante dos semelhantes. Ambição, vaidade, orgulho, brilho, renome, superficialidade são alguns dos heterogêneos ingredientes constitutivos da pessoa (persona). Muitos confundem o termo “personalidade” com senhorio, autoridade moral, prodígio nas letras ou no próprio saber, sem se dar conta que jamais a grandeza de alma pode abrigar-se na pequenez intolerável da mesquinha personalidade humana.”⁷¹

Por desconhecer a razão da vida, os interesses materiais ocupam o primeiro lugar nas mentes humanas, tornando-se causas dos seus grandes dissabores, já que o domínio desses pensamentos sobre as mentes exacerba as maiores falhas e deficiências humanas; sendo efêmero e transitório, apesar de imprescindível para o bem-estar humano, a sua natureza corruptível agrava a tendência do ambicioso de amealhar cada vez mais e mais.

Fica claro, portanto, que o ambicioso é antes de tudo um ser dominado pelo temor do amanhã.

É um ser destituído de confiança em si mesmo: ao contrário do que aparenta, é um covarde.

Encarando com maior amplitude de vista, a verdade é que, se a nossa cultura contribui para a exacerbação da ambição humana, é porque é uma cultura que cultiva a covardia e a falta de confiança do homem em seu porvir. É uma cultura, pois, que falha pela base.

Isso explica, em poucas palavras, porque vivemos em uma

⁷¹ González Pecotche, *Curso de Iniciação Logosófica*, p. 49.

civilização em que as discussões, disputas, desacordos e guerras nos são tão familiares.

Impõe-se, pois, uma revisão dos conceitos e fundamentos em que vive o homem.

CAPÍTULO 2

A RAIZ DO FANATISMO

“Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que pode sonhar tua filosofia. Não me atormentes com a ignorância!”⁷²

Como temos observado, ao longo da História, em maior ou menor grau, o fanatismo tem sido a causa dos maiores retrocessos sofridos pelo homem.

Por que isso ocorre? Qual seria a raiz que tem alimentado o fanatismo em toda a história da civilização?

É o que tentaremos desenhar a seguir.

A mente humana é extraordinariamente curiosa e complexa; de tal forma que consegue sempre uma desculpa que justifique, perante a consciência individual, a posição que os pensamentos nela contidos queiram tomar. Assim, por exemplo, para justificar uma posição qualquer sobre um assunto que o indivíduo na verdade ignora, a mente deste se torna extremista.

É o que acontece com o fanático, que persiste em atacar problemas cuja solução está completamente fora da sua capacidade mental.

⁷² SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta, Macbeth, Hamlet, príncipe da Dinamarca, Otelo, o mouro de Veneza*. São Paulo, Editora Abril S.A., 1978, *Hamlet*, p. 226.

Quero com isso dizer que o fanatismo nada mais é do que a manifestação de uma mente insipiente, ignorante. É uma maneira encontrada pela mente do indivíduo para não ter que justificar, perante si mesmo e perante os demais, que age por impulso de sua ignorância.

Qualquer que seja o grau de fanatismo, a insensatez do fanático se revela na sua anormal persistência no atacar problemas que estão completamente além da sua capacidade.

Definamos mais o fanático. Segundo os dicionários, o fanático é aquele que se considera inspirado por uma divindade, pelo espírito divino; considera-se, pois, um iluminado e, como tal, tem zelo religioso cego e excessivo.

É aquele também que adere cegamente a uma doutrina, a um partido político; cegueira que o torna um partidário exaltado; faccioso; intolerante.

É aquele também que tem tal dedicação, admiração ou amor exaltado a alguém ou algo que o faz um entusiasmado e apaixonado.

Como vemos, o fanático pode ser por uma religião, por um partido político, por um clube ou outra qualquer agremiação. O que o caracteriza é a forma intolerante, em relação às demais seitas ou agremiações, com que defende idéias que, isto é extremamente importante, *não são suas, mas provenientes de outras mentes.*

As consequências são as guerras, as discriminações de todas as índoles, sofrimentos de povos inteiros, senão de toda a humanidade.

Isso é tanto verdade que o fanático é essencialmente intransigente para com os pontos de vista dos que não professam

“as sua idéias”, sim, “suas idéias”, porque inconscientemente apropriam-se das idéias que lhe foram incutidas, muitas vezes sem saber por quem.

São idéias que se encontram petrificadas em sua mente, razão por que tem dificuldade de compreender as de seu semelhante. Desconhecem completamente o conceito de moral que nos foi legado pelo grande Pitágoras: “observar os preceitos de tolerância que os homens se devem mutuamente.”

Outro aspecto, profundamente negativo que apresenta o fanático é que a energia dos pensamentos negativos que dominam a sua mente embota-lhe a sua sensibilidade, fazendo-o muitas vezes extremamente perigoso para a sociedade.

A propósito, ensina González Pecotche, *Raumsol*:

“[A intolerância] manifesta-se no rigor com que o indivíduo pretende que se cumpra ou execute o que ordena, tanto por própria imposição quanto pela vigência de regulamentos ou disposições de cuja observância é responsável.

“O intolerante é um ser rígido, duro, inflexível, aferrado a seu estreito critério, em cujo coração o afeto ao semelhante é oprimido e até sufocado por sua inveterada falta de respeito às idéias, ao afazer e comportamento alheios.”

“Em maior ou menor grau, o intolerante é sempre desapiedado, e o será enquanto os que devem sofrer sua rigidez lhe estejam subordinados. Jamais a intolerância se manifesta para com os de cima, nem contra aqueles de quem se espera tirar partido, o que não impede de ser intolerante nos juízos ou nas apreciações que sobre tais pessoas se fazem. [...] Muitas vezes, esta deficiência degenerou em perseguições sociais, políticas, religiosas e ideológicas, abrindo abismos profundos entre homens e povos.”⁷³

⁷³ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Deficiências E Propensões Do Ser Humano*, São Paulo, Editora Logosófica, 1976, p. 138.

Este último aspecto ficou muito bem evidenciado na atuação dos fanáticos das tropas de elite de Hitler, as temidas SS, cujos responsáveis no Tribunal de Nuremberg se consideraram inocentes por apenas cumprirem ordens superiores.

O fanático é, portanto, intolerante e insensível para com os problemas e dificuldades alheias, muitas vezes inclusive para com seus diretos descendentes. É o que nos mostra, por exemplo, a reportagem do diário “O GLOBO” do Rio de Janeiro de 2 de abril de 1992:

“O fanatismo religioso foi responsável, só nos dois primeiros meses deste ano, por 33% dos casos de agressão contra menores registrados pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Criança e ao Adolescente (Abrapia). Levantamento realizado pela Associação demonstra que a ‘fé cega’ pode estar fazendo mais vítimas: em 50% das cerca de 400 denúncias que a Abrapia recebe por mês, a questão religiosa está sempre presente. Os agressores - em sua maioria pais - alegam ser muito religiosos e que surram seus filhos para ‘mantê-los no bom caminho’.

“Segundo o médico A [devo ser discreto, não o nomeando], subchefe de pediatria do Hospital Souza Aguiar e membro da Abrapia, estão se tornando cada vez mais comuns os casos de agressões graves que chegam à emergência.”

“Em 1988, A., de 7 anos, foi internado em estado grave no Hospital da Posse⁷⁴, com queimaduras, fratura de crânio e hematomas pelo corpo. Seu pai disse que espancava o filho diariamente, para livrá-lo de ‘um encosto do demônio’.”

“Consoante esse membro, mesmo quando o caso não é explicitamente de fanatismo religioso, a religião é fator cultural:

“- ‘Vem das igrejas, inclusive a católica, o conceito de que os pais são senhores absolutos de seus filhos. Sob esse pretexto, muitos se acham

⁷⁴ Município de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro.

no direito de fazer qualquer coisa’, observa, concluindo: ‘Não sei que Deus é esse que eles cultivam. Um Deus perverso e cruel. É como se eles só lessem os conceitos que falam de castigo. O que estamos fazendo é tentar explicar melhor esses conceitos. Na época em que foi escrito o livro [a Bíblia], o simbolismo era usado por falta de palavras abstratas. Assim, vara não quer dizer vara mesmo, e sim rigor, pulso, poder. Alguns chegam a dizer que com vara podem bater. Falam que batem por amor.’

“Uma psicóloga, também da Abrapia e do Hospital Souza Aguiar, afirma que crianças menores de 5 anos são as vítimas mais frequentes de violência física. De acordo com estatística da Abrapia, elas representam 32% dos casos de agressão.”

A respeito, interessante é a analogia apresentada por Russell:

“Homem algum trata um automóvel tão estupidamente como trata outro ser humano. Quando o automóvel não quer funcionar, não atribui ao pecado a sua aborrecida conduta. Não diz: ‘Você é um automóvel mau, e não lhe darei mais gasolina enquanto não funcionar’. Procurará descobrir qual a falha e consertá-la.”⁷⁵

Em 1998, vivi uma experiência muito interessante, quando por uma semana, em uma fazenda, tive oportunidade de conviver estreitamente com um casal que lá conhecemos. Ambos eram presbiterianos, muito simpáticos, inteligentes e, como eu, muito preocupados com a miséria pecuniária e espiritual humana.

Intercambiamos vários temas ao redor de uma mesa, durante uma refeição. Repentinamente, notamos, eu e minha mulher, que eles passaram a se esquivar da nossa presença: porque a nossa concepção de Deus era diferente da deles, tinham apressadamente nos rotulado ateus.

⁷⁵ RUSSELL, Bertrand. *Porque Não Sou Cristão*, São Paulo, Livraria Exposição do Livro, 1960, p. 31.

Dois dias depois, porém, ao dizer-lhes algo, manifestaram-se aliviados: haviam constatado que não éramos ateus. Tornaram a nos convidar para almoçar com eles, e passamos a fazer com eles as refeições, até que manifestei que estava convicto da não existência de seres ateus, pelo simples fato de que todos temos Deus no nosso interior e que os chamados ateus são aqueles que simplesmente têm dificuldade de aceitar que Deus tenha uma figura humana, que seja masculino e que tenha, em última análise, as mesmas deficiências e defeitos humanos.

Olharam-se, e nunca mais debateram conosco esse e qualquer outro tema. Na ocasião, eu e minha mulher lamentamos muito, porque apreciamos muito aquele casal, mas como presbiterianos, eram intolerantes para com quem não seguisse sua fé. Por receio de terem sua fé abalada por argumentos que não poderiam refutar, preferiram não tocar mais nesse tema. Felizmente, a nossa amizade prosseguiu inabalável, pelo menos assim espero.

Os que professam uma fé cega ou alguma crença erigem-se em seres infalíveis, não admitem de nenhum modo a existência de algo melhor nem mais verdadeiro que a crença adotada.

As massas religiosas chamam de fé a sua veemência religiosa e, em contrapartida à segurança com que agem – confundem sua veemência com segurança e coerência - veem, sempre oscilante, a dos demais crentes.

É curioso que tais fantasias místicas, baseadas unicamente na autossugestão, chegam às vezes até a transtornar o bom-senso. A consequência, então, não pode ser outra senão o fanatismo.

E seus intermediários com Deus, de tanto afirmarem suas fantasias místicas aos seus fiéis, tornam-se também veementes e fanáticos, chegando a perder a noção da realidade, do bom-

-senso, razão por que passam a fomentar o ódio, a vingança, todo o contrário do amor e da compreensão que deve reinar entre os homens.

Oportunamente, é magistral como Printkin define um beato:

“A essência da insensatez, da necedade [estúpido, crasso ignorante] do beato é a mente fechada. Imensas zonas de fatos são excluídas mesmo da mais ligeira consideração. Com o tempo, portanto, uma enorme ignorância deve daí resultar. Tudo o que mantém os indivíduos ignorantes pode trazer consigo a beatice - embora não necessariamente -, pois, em última análise, o beato deve possuir certa emocionalidade.”

“Um beato é um homem dedicado a alguma série supersimples de idéias ou de práticas. A sua mente é estreita, seja por natureza ou por treinamento. Aprende algumas noções e acha que é toda a coisa. Mas essa simples crença não basta para fazer dele um beato. É necessária a emoção. Ele deve odiar ou desprezar os que pensam de outro modo. E deve ressentir-se com os esforços alheios por transformar a sua opinião. Deve ter um espírito fechado para ser um beato de primeira classe. Será um fanático? Pode transformar-se em fanático?”⁷⁶

Outra faceta em que se apresenta a ignorância do beato é a autoconvicção, resultante da crença em si mesmo e a ignorância, dando por resultante o temor ao desconhecido. Exemplifico.

Recordo-me de várias passagens que, nos anos sessenta, ocorriam em viagens a trabalho que fazia semanalmente entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Fazia o percurso em um avião antigo da Douglas, o DC 3, cuja altitude de curso era baixa, de 300 metros apenas; ao atingir o planalto paulista, em ocasiões

⁷⁶ PRITKIN, Walter B. *Breve Introdução à História Da Necedade Humana*, São Paulo (?), 1932, pp. 188-192.

de chuvas e ventos sua carcaça trepidava e sua frente balançava ao mau tempo. Observava, nessas ocasiões, que os padres que por ventura estivessem comigo na aeronave rezavam, temerosos de um desastre que os levasse “*para a melhor*”.

Naquela época, não conseguia atinar com a razão que movia esse temor, totalmente distinto do meu. Jamais dei importância a esse fato e nem o mencionei a quem quer que seja.

Ficou esquecido na minha mente até que, encerrado o 1º Encontro Internacional de Logosofia em Israel, em maio de 1998, e retornando ao Rio de Janeiro, assim que o avião alçou voo em Tel Aviv, um grupo de judeus religiosos ortodoxos, rabinos e leigos, levantou-se de um só golpe e começou a rezar, e o fizeram por uns cinco ou dez minutos, após o que, retornaram aos seus assentos.

Depois de algum tempo, na primeira oportunidade, perguntei a um deles por que rezaram. Respondeu-me que era para que o avião não caísse. Recordei-me imediatamente daquelas impressões ocorridas há quase quarenta anos e perguntei-me o por quê desse temor, já que ir ao paraíso seria a suprema aspiração de qualquer religioso.

Encontro duas razões: a primeira é que o temor da morte está profundamente enraizado na cultura ocidental; a segunda, é a falta de convicção desses religiosos quanto aos seus futuros no mundo imaterial ou metafísico.

Mesmo porque têm plena consciência de que nem sempre agem com pleno juízo.

Em ambos os casos, sobressai a ignorância do terreno em que se metem a pisar. Se fossem cientistas, agiriam de outra forma. Recordo-me que Armstrong, em 1969, quando pisou

no chão da Lua – fino e poroso -, o fez com muito cuidado, pois o desconhecia.

O conhecimento, ou se tem ou não se tem: não permite meio termo. Se um cirurgião tem receio de faltar-lhe o conhecimento, se for responsável não realiza a cirurgia.

Por analogia, deduz-se que os que se dizem *intermediários* entre os homens e Deus, no fundo de suas almas, têm dúvida se realmente existe esse paraíso, fundamento de todas as suas crenças e dogmas.

Acontece que a dúvida é a manifestação de um estado de ignorância em que se encontra o ser. O dicionário Aurélio assim a refina: “Incerteza sobre a realidade de um fato ou verdade de uma asserção; cepticismo; desconfiança, suspeita: “A dúvida corroia-lhe a alma.”

Em um enterro judaico, diz o rabino: “*Chegou a hora, não adianta mais nada.*” Estão todos atentos às suas palavras, e ele nada tem de útil a dizer. Perde uma excelente oportunidade de explicar o “*mistério*” da morte.

Por que isso acontece? Porque de fato, por ignorância, nada tem a dizer senão se repetir indefinidamente. Porque, realmente, é um “*mistério*” para ele.

E termina sua medíocre peroração para a platéia atenta: “*Auguro que, daqui para frente, só nos encontremos em momentos alegres, festivos.*”

A respeito da morte, em entrevista para um jornal, em 1936, sábias foram as palavras pronunciadas por Einstein: “*Não acredito que um homem deva restringir seus atos diários em função de um temor de punição após a morte, ou deva fazer coisas apenas para receber graças após a morte. Isso não é sensato. O guia apropriado durante a vida de um homem deve ser*

o peso que ele atribui às ações éticas e a consideração que ele tem pelos outros.” (Einstein, em uma entrevista para um jornal, em 1936)

Foram palavras sábias porque quem pauta suas atuações diárias conforme prescreve aos demais, ensina com o próprio exemplo, eticamente, e não tem por que a morte.

Também me recordo de chocantes e dramáticas passagens – porém que demonstram o quanto o egoísmo desses ignorantes dificulta aprenderem as lições adversas que lhes surgem.

Sofrendo o genocídio imposto pelos nazistas, os judeus religiosos fizeram-se perguntas: *“Oh Eterno, bendito seja Ele, por que continua oculto atrás das nuvens cinzentas em vez de socorrer o seu povo? Você nos escolheu entre todas as nações.”* *“Por que o ímpio (quer dizer, aquele que não tem fé; incrédulo, herege) prospera?”*, *“Por que o massacre dos indefesos? Por que a desesperança?”* (prova inequívoca de dúvida quanto a fé, pois creem que sejam gozados do privilégio de serem defendidos por Deus), *“Por que a fome, as valas comuns, o tifo, os piolhos, a fome e o lança-chamas das SS nos esconderijos repletos de crianças aterrorizadas?”* *“E por que húngaros, poloneses, ucranianos, lituanos, tártaros, roubam e massacram os judeus?”*

Essas perguntas também ocorreram aos cristãos nos três primeiros séculos, quando eram vítimas de genocídios; daí a facilidade com que aceitaram a orientação e tutela do Império Romano que o imperador Constantino os abrigou sob seu manto.

Falemos um pouco mais quanto ao egoísmo do fanático.

O fanatismo de muitos está relacionado com uma concepção de que sua religião constitui um instrumento para favores terrenos, busca de solução aos problemas econômicos, resta-

belecimento da própria saúde ou atendimento dos desejos que lhe vêm à mente.

Montaigne faz-me lembrar de um colega de faculdade que mais tarde, em seu labor profissional, invocava Deus para que sua corrupção mercantilista desse certo:

“Quantas vezes não invocamos a Deus e não lhe pedimos que nos ajude, associando-o a nossos erros e convidando-o a praticar injustiças? O avaro reza para a conservação ilusória e supérflua de seus tesouros; os ambiciosos para que a vitória e a sorte lhe sejam fiéis; o ladrão para vencer os riscos que lhe perturbam as más intenções ou para agradecer a facilidade com que pôde ‘degolar’ um transeunte. [...] Margarida, rainha de Navarra, conta de um jovem príncipe que ela não nomeia, mas cujos feitos os tornaram famosos, que para se encontrar amorosamente com a mulher de um advogado de Paris, tinha que atravessar uma igreja pela qual não passava nunca, nem na ida nem na volta, sem parar para uma oração. Deixo-vos imaginar o que podia pedir a Deus, com o espírito tomado de aventura. Cita, entretanto, a rainha esse fato como testemunho de grande devoção!”⁷⁷

Mais adiante, Montaigne observa:

“Como se a ambição, a avareza, a crueldade, a vingança não tivessem em si mesmas suficiente vigor e impetuosidade, mascaram-nas com rótulos gloriosos das grandes virtudes que são a piedade e a justiça. [em seguida, cita Tito Lívio] ‘Nada mais falaz do que uma religião que justifica crimes com o interesse dos deuses’ [e citando Platão] ‘A maior injustiça consiste em considerar justo o que não o é.’”⁷⁸

O grande historiador Will Durant traz o testemunho da História:

“Quase todos os grupos concordavam em ter os demais grupos como inferiores a si próprios. Os índios americanos olhavam-se como o

⁷⁷ MONTAIGNE, Michel de. *ENSAIOS*, São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973, p. 157.

⁷⁸ *Ibid*, p. 472.

povo eleito, especialmente criados pelo Grande Espírito como exemplo para o gênero humano. Uma tribo se chamava a si mesma 'Os Homens Únicos'; outra, 'Os Homens dos Homens'; os canibais diziam: 'Só nós somos gente'. Os esquimós acreditavam que os europeus iam à Groenlândia para aprender boas maneiras e virtudes. Consequentemente, raro ocorria ao homem primitivo estender a outros grupos as restrições morais em vigor no seu; francamente, admitia que a função da moral era fortalecer o seu grupo contra os outros. Mandamentos e tabus aplicavam-se só aos da tribo, com os outros, exceto quando hóspede, era permitido agir à vontade de cada um."⁷⁹

Da mesma maneira, mas sob o enfoque de sua religião, pensa - se é que isso seja *pensar* - DOM EUGENIO DE ARAUJO SALES, Cardeal - Arcebispo do Rio de Janeiro, em artigo para o *Jornal do Brasil* de 25 de março de 1995: "O cristão tem uma intimidade filial com Deus. Gozam desse privilégio padres e simples fiéis."

Por outro lado, contestando o catolicismo, entre os principais atos de Maomé está a rejeição do antigo conceito de "povo escolhido". Em vez disso, ele ensinou que *todos nascem muçulmanos* e que qualquer pessoa - sem distinção de cor, nacionalidade ou posição social - pode ingressar na comunidade muçulmana, simplesmente submetendo-se a Deus e respeitando as palavras "Só Alá é Deus e Maomé o seu profeta". É outra forma de apresentação da crença em si mesmo, própria do egoísta.

Também a propósito, é interessante transcrever Garaudy:

"Fora da Igreja, não há salvação; fora do Ocidente, não há civilização. E sempre: fora de minha verdade, é o erro. Sempre um povo eleito: hebreu, cristão, ocidental. [...] Tal pretensão, apoiada pelas armas, pelo comércio e pelas missões, é a mãe dos outros integrismos do mundo. O colonialismo, sob todas as formas, negava o valor

⁷⁹ DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, *Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 59.

*e combatia a existência de outras culturas e religiões, consideradas inferiores, para não dizer bárbaras.*⁸⁰

E o colonialismo contemporâneo continua a utilizar-se do mesmo método para justificar suas guerras de rapina.

Daí ser uma das características do fanático religioso pensar que aquele que não professa sua religião é um ateu, perdido perante Deus.

Demonstra assim o quanto é egoísta: Deus está com ele, porque ele está com Deus.

Lembra-me a experiência que tive com o casal religioso citado acima, que me olhou espantado quando lhe disse que ninguém é ateu, pois apenas se diz, ou se julga ateu, baseado no conceito religioso corrente de Deus: injusto por fazer discriminação entre seus filhos, beneficiando alguns filhos em detrimento dos demais.

A respeito da suficiência de que muitos se acham possuídos, própria dos crentes em si mesmo, que inconscientemente julgam-se capazes de enganar a Deus, concordo plenamente com Spinoza:

*“Deus é uma consciência divina e não um observador caprichoso, de longas barbas, sentado no céu e influenciado pelas nossas preces, que lhe suplicam auxílio para nós e danação para nossos inimigos. O que nos parece bom ou mau não tem a mínima importância para ele. Ele cria o que deve, segundo as leis de seu espírito. É a máquina infinita que mantém o universo em movimento, mas ele é também o pensamento que guia a máquina e a força que a impulsiona. E todos somos peças minúsculas desse dínamo sempre vivo e sempre móvel que, à falta de melhor nome, chamamos Deus.”*⁸¹

⁸⁰ GARAUDY, Roger. *Deus É Necessário?*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 118.

⁸¹ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 226.

Voltemos a Printkin. Sim, o beato nem sempre é um fanático, mas pode se transformar em tal, quando fala, berra, grita, vocifera, brame e ruge; quando sua ignorância impede-o de entender que a verdade não grita, é tranquila, quieta e evidente.

Pensando defender Jesus, suas ações são tão diferentes e contrárias aos pensamentos de Jesus que, se este voltasse, não os reconheceria.

Falta ao fanático uma real convicção, porque é uma fé baseada nas tradições transmitidas por longas gerações, dita e repetida por muita gente, quando, ao contrário, a fé deve ser fruto de profundas convicções surgidas à luz do conhecimento superior, transcendente; surge, então, da própria consciência, livre de qualquer pressão moral, psicológica ou espiritual.

São tão ignorantes no que concerne ao espiritual quanto eram os mágicos das primitivas tribos e, mais tarde, os sacerdotes, quando a religião acrescentou a sanção sobrenatural aos costumes e tradições.

Do que deduzo que, com relação ao espiritual, outras fontes devem ser investigadas, fontes totalmente desvinculadas das religiões. Só assim o homem pode levantar o véu dos mistérios que cercam o ser humano e sua vinculação metafísica com Deus.

Só assim poderá ter amor ao próximo, tão cantado e decantado e tão mal compreendido, e amar e respeitar a Deus.

A respeito, escreve González Pecotche em seu livro póstumo *O Espírito*:

“É sabido que o homem sempre buscou sua vinculação metafísica com Deus; daí a origem das religiões, das filosofias e de todos os ritos e cultos antigos e modernos. Sempre intuíu que, acima do físico, existia igualmente uma grandeza impenetrável, que o impulsionou a percorrer infinidade de caminhos, sempre atrás da chave que o acercasse a

*Ele. Lamentavelmente, teve de conformar-se com a fé que, quando não é fruto de convicções profundas surgidas à luz do conhecimento, fomenta o fanatismo, que torna completamente impossível a vinculação do espírito humano com o Grande Espírito Universal.*⁸²

Falta aos fanáticos essa verdadeira fé, o respaldo do conhecimento à fé. A fé, respaldada pelo conhecimento, é inabalável; sem conhecimento, fé apenas caracteriza ignorância. É o caso, por exemplo, dos que se dizem pastores, padres ou sacerdotes que se dizem intermediários entre o Homem e Deus: a qualquer pergunta cuja resposta desconhecem, falam em *mistério*. É evidente que as respostas a essas profundas inquietudes humanas constituem um mistério para eles, e têm consciência disso. A propósito, há um velho ditado chinês que sintetiza bem esse pensamento: “Quem sabe e não faz, no fundo não sabe”.

Por exemplo, são incapazes de explicar aos seus rebanhos por que Deus dotou o ser humano de inteligência, de sensibilidade, de consciência e de livre-arbítrio, já que lhes faltam os conhecimentos transcendentais capazes de respaldar os conhecimentos que dizem ter.

Todo o ser humano tem dentro de si algo que transcende o ser biológico, que lhe dá a fé necessária para vencer os obstáculos da vida, mas sempre há que estar aliada ao conhecimento; e a prova está que busca sempre conhecer mais. E busca até o fim de seus dias o conhecimento capaz de lhe explicar a razão de sua vida, a razão de sua existência.

Essa é a posição mental do verdadeiro sábio, que tem certeza de que qualquer juízo, que hoje possa forjar sobre algo, invariavelmente será amanhã modificado, porque sabe que, para

⁸² GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *O Espírito*, São Paulo, Editora Logosófica, 1978, p. 38.

estabelecer um juízo, é necessário possuir um conhecimento perfeito do que se julga e, se seu conhecimento é incompleto, incompleto será seu juízo. Por conseguinte, sempre tem presente que todos os juízos ou opiniões que formula são como que representativos do seu conhecimento presente, como um retrato dele, relacionados com os conhecimentos até então adquiridos..

“A Natureza diz ao pássaro, ‘voa’; ao peixe, ‘nada’; e ao homem, ‘cultiva’.”⁸³

Nessa linha de raciocínio, González Pecotche, ensina:

“O saber não se obtém por milagre nem com o concurso de práticas contrárias à realidade: consegue-se mediante o estudo e exercício constante do que se estuda, e uma progressiva evolução da consciência até verdades que conformam os arcanos da Sabedoria.”⁸⁴

E, quanto à intolerância e demais deficiências humanas, em todas as suas conferências, escritos e classes, González Pecotche chama a atenção de seus discípulos que nada afeta mais ao complexo mental e psicológico do ser que se deixar levar por impulsos irreflexivos e pelas arbitrariedades do seu temperamento.

Demonstra também que, apesar de supor-se o ser livre, em maior ou menor grau, tem em sua mente pensamentos de diversas índoles que exercem verdadeiras ditaduras. São eles que fazem que o ser assuma, em certas situações, posturas que mais tarde se arrepende.

“Matar o ditador que cada um leva dentro de si não é tarefa fácil, porém consegui-lo significará toda uma libertação e até se experimentará a sensação de que um mundo novo se abre ante si.”⁸⁵

⁸³ ALFONSO MACE, Eduardo Federico. *Pitágoras*, México: Editorial Orion, México, p. 91.

⁸⁴ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Diálogos*, São Paulo, Editora Logosófica, 1995, p. 136.

⁸⁵ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo V, São Paulo, Editora Logosófica, 1980, p. 274.

Contrariamente ao néscio que, sob um manto purpúreo de ignorância, tem a desfaçatez de querer conduzir rebanhos, muitas vezes a guerras, em nome de uma causa escusa, vale a pena transcrever a síntese que Guilherme de Almeida faz da relação de Buda com seus discípulos:

*“Encontrando-se a si mesmo por toda parte e em todas as coisas, o sábio envolve o mundo inteiro num sentimento de paz, de compaixão, de um amor longo, profundo e sem limites. Sem espada nem bastão, simpático e benevolente, o discípulo sente amor e compaixão por todos os seres.”*⁸⁶

Relacionando à intolerância do fanático, ensina-nos Pitágoras:

*“Sejas amigo da Verdade até o martírio. Não sejas seu apóstolo até a intolerância, [...] “nem te creias mais sábio que outro; isto provaria que és menos.”*⁸⁷

A verdade é que quando o ser está tranquilo e em paz com sua consciência é tolerante e inclinado a desculpar erros e até abusos de confiança de seus semelhantes.

Paz de consciência, uma das grandes aspirações humanas!

Na luta contra a intolerância, histórica foi a de Voltaire para diminuir a intolerância religiosa no mundo.

*“Posso não concordar com nenhuma das vossas palavras”, escreveu numa das suas cartas, ‘mas defenderei até a morte o vosso direito de enunciá-las.’ Essas palavras são provavelmente a maior contribuição de Voltaire e do século XVIII à civilização do gênero humano.”*⁸⁸

Para reflexão do leitor, assinalo uma verdade que, para mim, soa como um axioma:

⁸⁶ GUILHERME DE ALMEIDA, *As palavras do Buddha*, Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint Ltda, p. 28.

⁸⁷ ALFONSO MACE, obra citada, pp. 99-100.

⁸⁸ THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959, p. 241.

“Para ser um membro irrepreensível de uma comunidade de carneiros, é preciso, antes de tudo, ser também carneiro.”⁸⁹

Falando de rebanhos, todos sabemos o quão grande é a predisposição humana ao menor esforço, ao superficial, às conclusões apressadas, a seguir uma liderança nem sempre confiável. Em consequência, grande é também sua predisposição em ser enganado, ao mesmo tempo em que oferece uma enorme resistência à realidade da vida.

Assim como a necedade, ou estupidez crônica, há uma escala de fanatismos que vai desde o fanatismo extremado ao velado, sempre tendo como suporte sua dificuldade em admitir sua ignorância.

Isso acontece com todos nós, em maior ou menor grau: temos dificuldade de reconhecer uma proposição mais sábia do que a nossa; fazemo-nos de cegos ao novo, ao que nos exige um esforço para a realização de um câmbio de conceito.

No caso extremo, somos capazes de defender com a própria vida a nossa ignorância!

Entretanto, em todos os tempos a inteligência humana, quando bem inspirada, tem se rebelado contra tudo que tenha pretendido abafá-la. É a colaboração e esforço dos homens de inteligência que engrandece uma nação. Qualquer idéia nova nasce da mente do homem e, às vezes, duras e penosas são as horas que seguem ao seu nascimento; e a defende como a própria vida.

Na medida em que o ser humano evolui espiritualmente - não no conceito religioso, mas de acordo com um comportamento menos animal e mais humano -, suas inquietudes vão

⁸⁹ EINSTEIN, Albert. *COMO VEJO O MUNDO*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2ª edição, 1981, p. 135.

se tornando cada vez mais existenciais; vai entendendo cada vez mais que todos somos irmãos como filhos de uma concepção divina, em que não cabe nenhum pensamento egoísta de conceber-se como o único com a graça de Deus.

Não é bastante ter fé, requer a realização de um processo de aproximação ao Criador.

Deus não é uma pessoa em quem se possa ter amor à primeira vista; se assim fosse, sua criação não teria o menor sentido e Ele não seria onisciente. Ao contrário, sua criação é divina porque é harmônica e porque, em sua criação, tudo evolui, desde o microcosmo às maiores galáxias.

Nesse processo, o ser humano tem uma missão, sublime por natureza, a cumprir. Cabe-lhe descobri-la, encontrar seu norte e sua bússola. Não pode continuar indo para o sul se quer ir para norte, sob pena de continuar caminhando às tontas pelo mundo, não se entendendo, chocando-se e acendendo, então, faíscas que o consome.

CAPÍTULO 3

AS DUAS NATUREZAS HUMANA: A BIOLÓGICA E A ESPIRITUAL

“Mefistófeles:

“Agora estamos novamente no limite de nosso bom senso, exatamente onde os seres humanos perdem a razão. Por que fazes acordo conosco se não podes cumpri-lo. “Desejais voar e não te sentes seguro ante a vertigem? Nós que te procuramos ou tu que nos invocaste?”⁹⁰

Por representar um segundo caminho de vida que o ser humano há que fatalmente trilhar, valha a pena expor algo mais a respeito de suas duas naturezas.

Apesar da insatisfação geral quanto à falta de alternativa de vida que se observa hoje, os conceitos de espiritualidade têm sido completamente vulgarizados para consumo de massas.

É a tendência de comercialização dos valores espirituais, principalmente nesta era dos meios de comunicação em massa, da televisão, do cinema e do jornalismo, em que o ser humano sofre uma perda quase total da capacidade de pensar, de forma profunda e reflexiva, sobre os acontecimentos em que, por falta absoluta de tempo, se vê totalmente absorvido pelos afazes criados pela sociedade em que vive.

Contrariamente aos animais, o ser humano tem dificuldade em acomodar-se, pois é constituído por duas naturezas, uma

⁹⁰ GOETHE, Johann Wolfgang von. *FAUSTO*, Biblioteca Universal, São Paulo, Editora Três, 1974, p. 219.

física, responsável pela preservação de sua espécie, e outra espiritual, responsável pela sua evolução.

É a segunda que o instiga a procurar sempre a razão de sua vida, a buscar o saber, a jamais se acomodar com o progresso alcançado; é esta a responsável pelos seus sentimentos - não confundir com o sentimentalismo, que nada mais é que uma afetação do sentimento -, pelas suas dores morais e também por sua capacidade de resistir a esse sofrimento.

Em toda a história da civilização, poucos foram os que se preocuparam com a natureza espiritual humana, e os pensamentos desses poucos têm sido sempre abafados pelos que, medíocres, se aproveitam da força e prestígio que lhes dão o acúmulo de bens materiais.

O ser humano também é o único ser na Criação capaz de desfrutar da prerrogativa de usar o livre-arbítrio, condição impar que lhe permite ser criador de si mesmo e colaborar com a Criação em que vive.

É esta condição que lhe permite ser chamado “o rei da criação”, por sua semelhança com Deus, o Criador do todo.

Infelizmente, porém, o livre-arbítrio é uma prerrogativa que, para ser bem usada, exige conhecimentos que transcendem os comuns, puramente materiais.

Nesse sentido, permito-me citar um artigo de Raumsol, escrito em agosto de 1946 para a Revista Logosofia:

“O fato é que a inteligência do homem deve se capacitar cada dia mais, a fim de ser eficiente em sua missão de eliminar as dificuldades que podem se apresentar diariamente pelas causas referidas. Disso se depreende que o progresso mental e espiritual, individual e coletivo, depende muito de como se resolvem as dificuldades, que são

*as que entorpecem o livre jogo das iniciativas e as que paralisam a potencialidade dinâmica das vontades.*⁹¹

Há um ditado corrente, que torno a citar não só porque é pertinente a esta exposição, mas também por sua faceta extremamente pernicioso à evolução humana: “no mundo, nada se cria, tudo se copia.”

De fato, essa concepção retrata bem o estado-limite materialista a que chegou a cultura vigente, culpa daqueles medíocres ambiciosos que, na impossibilidade de alcançar os conhecimentos superiores, coagiram até com a fogueira aos que, com esforços inauditos e dedicação impar, os conseguiram “descobrir” - no sentido de levantar o véu que os vedava à compreensão humana.

Em consequência, essa extraordinária prerrogativa, do efetivo uso do livre-arbítrio, ficou prejudicado e o homem passou a usar um pseudo livre-arbítrio.

Ao contrário da plena liberdade de pensar, inerente ao ser humano, garantido pelo seu livre-arbítrio, passou a ser escravo dos interesses de uma classe eminentemente ambiciosa, inescrupulosa e corrupta.

É com o exemplo da atuação dessa classe que se tornou lugar comum o ditado “Cada qual puxa a brasa para a sua sardinha”, com o sentido de que cada qual procura sempre a melhor maneira de satisfazerem os seus interesses ou necessidades. Penso que isso explica porque seja tão lenta a evolução humana.

Em correspondência à sua desenfreada ambição, também essas mesmas classes opressoras tornaram-se e sentem-se escravas de tal ambição, como chama-nos a atenção Shakespeare em uma passa-

⁹¹ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo I, São Paulo, Editora Logosófica, 1980, p. 218.

gem já citada, quando faz Hamlet referir-se à prisão em os seres humanos vivem, promovida pela própria substância da ambição.

Essa situação totalmente equivocada tem levado o homem a falar muito de Deus, diria que cada vez mais, porém na verdade O desconhece. É evidente que não se pode atribuir, por mais boa vontade que se tenha, como portadores de conhecimentos superiores àquelles que dizem “faça o que eu digo, não faça o que eu faço.”

Quem tem a posse de conhecimentos superiores, adquire direitos inerentes a essa posse - como quem tem a posse de uma propriedade tem direito sobre ela, é óbvio -, mas, simultaneamente com a aquisição dessa posse, assume responsabilidade a ela inerente e uma delas é a de ensinar com o próprio exemplo.

A criatura que age de outra forma é ignorante quanto a esses conhecimentos e, como tal, nunca foi nem será precursora do verdadeiro progresso.

Como pode um ser moldado numa sociedade egoísta, que visa benefícios materiais muitas vezes escusos, almejar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como pode um ser desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos?

Essa é a razão fundamental do ceticismo em que vive a humanidade e que bem Nietzsche retrata quando observa as atuações extremamente aéticas de alguns clérigos, que nos fazem suspeitar que exercitam o monólogo famoso de Ivan Karamazov, personagem de Dostoievski: “Se Deus não existe, tudo é permitido, inclusive falar em seu nome.” Daí sua famosa pergunta aos que, em sua opinião, ainda O procuram: “*Será possível que não tenham eles ouvido ainda a notícia de que Deus está morto?*”⁹²

⁹² DOSTOIÉVSKI, Fiódor, *Os Irmãos Karamazov*. São Paulo, Abril Editora, 1970, p. 197

Na verdade, quem concebe a existência de uma única vida física, cujos bens materiais, títulos honoríficos, diplomas e ambições materiais desaparece com a morte; em síntese, quem não consegue conceber o homem dotado de uma segunda natureza, a espiritual, conclui que tudo lhe é permitido, porque a morte é a falência total.

Quanto à célebre afirmação de Nietzsche, de que “*Deus está morto*”, faz-me lembrar de um conceito técnico que adquiri ao longo do meu trabalho profissional.

Sempre que, ao visitar o local de trabalho de um cliente, observava que este, ou um seu preposto, tinha que constantemente intervir na organização de trabalho na empresa, concluía que esta estava mal administrada; quando o trabalho na empresa desenvolvia-se harmoniosamente, sem necessitar de qualquer intervenção direta de alguém, concluía que a empresa estava bem administrada. Funcionava como se na empresa não houvesse chefia. Isso porque essas leis, representativas do pensamento do empresário, eram todas conhecidas por todos.

De forma semelhante, em termos, acontece com a grande empresa que é a Criação: funciona como se Deus não existe. Se Ele tivesse que constantemente intervir em sua Obra, não seria onisciente.

Expressei acima “em termos” porque a Criação vive e palpita harmoniosamente graças a existência das Leis Universais, representativas da Vontade do Criador.

Pensar que não haja Leis que rejam a conduta humana, apesar desta desfrutar da faculdade do uso de seu livre-arbítrio, torna o ser irresponsável perante si mesmo e perante a humanidade.

Não há outra causa de sua ambição desenfreada, porque os bens materiais são todos corruptíveis ao longo do tempo. Os únicos bens eternos são os constituídos por conhecimentos superiores, metafísicos.

Assim, fica demonstrado que o ambicioso é, acima de tudo, um ignorante quanto à sua vida transcendente.

Como o leitor confere, concordo *ipsi literis* com a opinião pretensamente cínica de Shakespeare:

“Se fosse condenável, sendo ele tão prudente, correria o risco de uma condenação eterna pelo prazer de um momento?”⁹³

A verdade é que alguns sectários, como verdadeiros fari-seus, utilizam a chamada doutrina de Jesus para convertê-la em um meio de vida e, às vezes, até a algo mais, desde que satisfaça às suas ambições, cobiças e invejas. Perdem sua integridade moral quando usam essas falsas moedas, quer dizer, quando afirmam e prometem com preconcebida intenção de não sustentá-los ou cumpri-los. Em consequência, surge a decomposição moral e ética.

A respeito assevera González Pecotche:

“A política, em sua ampla acepção de governo, de ordem, de discernimento e justiça, poderia haver sido o eixo fundamental de todas as civilizações se os homens não a houvessem prostituído, fazendo dela a mãe de todos os vícios. Precisamente, é por essa causa - queira ou não, a maior de todas as causas - que a humanidade tanto tem padecido. É por sua causa que se tem suportado tantas injustiças e tem sido sangrado e vivido amarguras e penúrias cuja intensidade nunca foi ultrapassada.”⁹⁴

⁹³ SHAKESPEARE, William. *As alegres comadres de Winsor, Medida por medida, O sonho de uma noite de verão, O mercador de Veneza, A megera domada*. São Paulo, Editora Abril S.A., 1978, *Medida por medida*, p. 155.

⁹⁴ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumso!*). *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo I, São Paulo, Editora Logosófica, 1980, p. 245.

Não podemos esquecer que é pela prática dessa prostituição, de profanação ao que de mais sagrado tem o ser humano – sua dignidade –, que o mundo parece governado por loucos. Constroem belíssimos palácios que, em seguida, são arrasados para, depois, repetir o mesmo trabalho inúmeras vezes.

É difícil avaliar o progresso que o homem poderia ter alcançado em sua história se houvesse estado livre para pensar, quer dizer, livre dos preconceitos que o aprisionam.

Essencialmente relacionados, todos os valores humanos foram desvirtuados devido a uma concepção distorcida da vida que nos foi emprestada por Deus, principalmente quanto ao conceito de felicidade e bondade. Ouçamos, a respeito, o que nos tem a dizer Spinoza:

“O homem verdadeiramente bom, e, portanto, o homem verdadeiramente feliz, será o homem verdadeiramente sábio. Será generoso para com os outros porque sabe que, destarte, será generosíssimo para consigo. E assim o nosso objetivo último da vida é buscar a felicidade através do conhecimento, através da aquisição da sabedoria, através da compreensão esclarecida da interafinidade vital que existe entre homem e homem. Quem compreende, não odiará, não desprezará, não ferirá e não temerá. Viverá uma vida não de ambição individual, mas de mútua cooperação. Professará o ensinamento dos antigos profetas e o princípio da Regra de Ouro: nada desejará para si mesmo que não deseje também para o resto da humanidade.

“Pois todos os homens são partes igualmente importantes de Deus. E assim - assevera Spinoza -, para serdes felizes deveis amar-vos a vós mesmos. Mas amar-vos a vós mesmos significa amar o homem, e amar a humanidade é amar a Deus. E esta é a razão pela qual viemos ao mundo.

“A alma humana’, - escreve Spinoza -, não é destruída com o corpo, mas dela permanece algo que é eterno. E que é esse eterno? É a essência divina que vive no corpo, mas não pertence ao corpo. Cada

*ser humano, portanto, é uma parte relacionada de uma unidade divina. O maior bem é, portanto, o conhecimento da união do espírito com o conjunto da natureza. Se o mundo não foi feito para vós, sedes felizes pensando que fostes feitos para o mundo. Sois uma página importante do livro da vida. Sem vós, o livro seria incompleto.*⁹⁵

Esse aspecto do conhecimento superior, de sabedoria, parece novo para a humanidade, porém é antiquíssimo. Os antigos sábios da Antiguidade já o conheciam.

Todos sentimos viver hoje em um capitalismo de curto prazo que corrói o caráter, sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros e dão, a cada um, um senso de identidade sustentável. Um regime que não oferece aos seres humanos motivos para se ligarem não pode preservar sua legitimidade por muito tempo.

-.-.-.-.-.-

Outra forma em que se apresenta a insensatez humana diz respeito à competição desenfreada entre os seres humanos.

Guarda íntima relação com o medo do futuro, medo da ruína dos negócios, medo do desemprego, medo em geral irracional não proveniente de outra causa senão da falta de confiança em si próprio. É consequência direta da sociedade materialista em o homem vive, que exacerba a inveja, a ganância, a ambição, o individualismo e mais uma centena de outras deficiências e defeitos humanos.

Nessa competição, quaisquer que sejam a forma ou meios que o dinheiro ou os bens materiais são ganhos, eles são a grande medida de inteligência do ser. Fácil é concluir que o homem vive em uma sociedade que confunde a inteligência humana

⁹⁵ THOMAS, Henry, THOMAS, Dana Lee. *Vidas de Grandes Filósofos*, Porto Alegre, Editora Globo, 1944, pp. 102-103.

com esperteza e audácia. É uma cultura equivocada, em que a felicidade é confundida com o ganho financeiro a tal ponto que “os fins”, quer dizer, o amearhar o produto da ganância, “justificam os meios”, mesmo os ilícitos, os provenientes da corrupção, da deslealdade, das diferentes contravenções e crimes entre os seres.

Portanto, o equívoco encontra-se na filosofia de vida da cultura vigente e tem uma relação direta com a decadência da civilização atual. Lembra a decadência das civilizações antigas, como a do Egito, da Pérsia e a do Império Romano, como cita Bertrand Russell:

“A ênfase com que se ressalta a competição na vida moderna está relacionada a uma decadência geral dos padrões civilizados, tal como deve ter ocorrido em Roma depois da época de Augusto; homens e mulheres parecem ter-se tornado incapazes de desfrutar dos prazeres mais intelectuais.”⁹⁶

Em seguida, cita um exemplo:

“Um grupo de estudantes americanos levou-me a passear, na primavera, a um bosque contíguo ao campus da Universidade. Estava ele coberto de delicadas flores, mas nenhum de meus guias sabia o nome de nenhuma delas. Que utilidade teria tal conhecimento? Não serviria para aumentar a renda de ninguém.”

É mais do que evidente ser produto de uma filosofia de vida equivocada.

Quanto à importância do ser conhecer a transcendência da vida, Russell escreve:

“O homem que pode focalizar seus pensamentos e esperanças em algo que transcenda o seu infinito ser, consegue encontrar uma certa

⁹⁶ RUSSELL, Bertrand. *Porque Não Sou Cristão*, São Paulo, Livraria Exposição do Livro, 1960, p. 51.

*paz em meio das dificuldades comuns da vida, o que é impossível ao egoísta completo.*⁹⁷

Essa é a grande dificuldade do quadro atual da civilização contemporânea: falta de um conhecimento superior sobre a existência humana.

Estamos assistindo não só à corrida desenfreada das camadas mais privilegiadas em busca de maiores ganhos materiais e mais prazeres efêmeros, inclusive com uso de drogas; cada vez em maior número colaboram com o narcotráfico, quando não fazem diretamente parte dele. Quanto às camadas menos aquinhoadas da sociedade, aumentam cada vez mais os que, por falta de reciclagem exigida pela competição, desistem da luta por um emprego digno e voltam-se à vida a mais animalésca - com perdão aos animais - que a civilização já teve notícia.

Por falta de uma melhor filosofia de vida, por falta de questionamentos, por perda da sensibilidade e de defesas mentais, o homem labuta até a exaustão pelo viciado costume de colocar sempre em primeiro lugar as preocupações, não para resolvê-las, mas apenas para ter com que se preocupar. Não deixa de ser uma fuga à convivência consigo mesmo e deficiência no controle de seus pensamentos, já que lhe falta um objetivo maior de vida. Com um objetivo maior de vida, saberia que os problemas devem ser colocados na vida e não a vida nos problemas. Em outras palavras, os problemas fazem parte da vida, eles fazem o ser crescer. Por isso, diz-se que a vida é luta, luta que constitui o maior incentivo da vida.

Enredando a vida nos problemas, o homem perde a prerrogativa do uso do seu livre-arbítrio, restando então se queixar de tudo e de todos. É uma das causas do fanatismo, por deixar o ser cego, sem liberdade de pensar por si mesmo. Em conse-

⁹⁷ Ibid, p. 70.

quência, comete os maiores absurdos contra seu semelhante. Se for amarelo, odeia os brancos, se branco, odeia os negros, e assim por diante; porque o coração humano, numa civilização competitiva, tende mais ao ódio que à amizade.

“E tende ao ódio porque se sente insatisfeito, porque sente profundamente, talvez mesmo de modo inconsciente, que deixou, de certo modo, de apreender o sentido da vida, e que talvez outros, mas não nós, conseguiram assegurar para si próprios as boas coisas que a natureza oferece para a satisfação do homem. [...] Sabe que há, quase ao seu alcance, algo melhor do que ele próprio; contudo, não sabe onde procurá-lo, nem a maneira de o encontrar. Desesperado, lança-se tomado de cólera contra os seus semelhantes, os quais se acham igualmente perdidos, igualmente infelizes. Atingimos uma fase de evolução que não é a fase final. Devemos passar por ela rapidamente, pois, se não o fizermos, morreremos quase todos pelo caminho, enquanto outros se sentirão perdidos numa floresta de dúvida e de medo. [...] Para encontrar o caminho que o afaste desse desespero, o homem moderno deve alargar o coração, como alargou o espírito. Deve aprender a transcender a si próprio e, ao fazê-lo, adquirir a liberdade do Universo.”⁹⁸

Cabe aqui citar a máxima, por todos os seres humanos sentida, mas não compreendida nessa cultura em que vive:

“As coisas essenciais à felicidade humana são simples, tão simples que as pessoas sofisticadas não podem chegar a admitir o que realmente lhes faz falta.”⁹⁹

Como pode o fanático ou a ignorância buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como não sabe se haverá recompensa no futuro para o que faz no presente, busca o prazer imediato. Desconhece todo o aspecto transcendente que sua vida pode e deve tomar; sem tal conhecimento, não sabe o que realmente falta-lhe.

⁹⁸ Ibid, pp. 88-89.

⁹⁹ Ibid, p. 87.

O homem sempre pressentiu a existência de algo mais além do que seus sentidos físicos lhe fornecem; essa é a razão de identificar-se com a divindade que o criou. A falta de conhecimentos superiores aos correntes o fez cometer equívocos: a princípio adorou o sol e a lua e temeu o trovão, essa voz desconhecida dos deuses; pouco depois, tributou um culto divino às almas dos antepassados e aos espíritos dos seus chefes guerreiros que mais temerem em vida; e, mais tarde, deixou-se dominar pela magia, pela feitiçaria e pelo fetichismo. Hoje, apesar de todo o progresso material a que chegou a nossa civilização, em sua imensa maioria a humanidade apresenta uma mistura de todos esses cultos e fetiches.

Nessa linha de raciocínio, é sintomático que os primeiros filósofos, surgidos com o advento da escrita e consequente colocação no pergaminho da mitologia grega, como Xenófanes, no século VI a.C., observaram a semelhança dos defeitos e deficiências dos deuses ali representados com as dos homens. Concluíram que talvez não passassem da imaginação do próprio homem; que os teria criado à sua imagem e semelhança, visto que nascem, falam e vestem como os homens. A prova está que os africanos os concebem pretos e de nariz achatado; os indianos e chineses, amarelos e de olhos amendoados; e os nórdicos, ruivos e de olhos azuis.

Os homens de boa vontade, na falta de outras, procuram explicações na cultura da violência, na dissolução da família, no vazio existencial da sociedade moderna, quando não na facilidade legal de acesso a armas de formidável poder de fogo, no caso dos Estados Unidos. Permanece, portanto, a perplexidade diante de uma doença que parece tipicamente contemporânea, mas não é, protagonizada por desequilibrados que não querem apenas matar e, muitas vezes, suicidar-se em seguida. Sonham fazê-lo com o maior estardalhaço possível, ansiando pela notoriedade póstuma.

Outro aspecto é o quinhão representado pelos hábitos arraigados.

O sofrimento engendrado pelas sucessivas guerras na história da humanidade transforma-se em hábito e resignação, duas das características maléficas da cultura vigente, encontradas no arquétipo do ser humano. Will Durant traz-nos dois exemplos:

*“Conselho que a mãe mexicana dá ao seu filho: ‘Filho, vieste ao mundo para sofrer; sofre, pois, suporta e cala.’ e ‘A religião não medra em meio à prosperidade material’”.*¹⁰⁰

Agostinho já conhecia essa propensão ao sofrimento, como indica uma de suas máximas:

*“Faz parte da fé popular o culto das relíquias e dos mártires.”*¹⁰¹

Outra característica do arquétipo criado pelo homem devido aos seus arraigados hábitos: a da submissão. A respeito, chama-nos também a atenção Durant:

“A literatura [da antiga religião da Babilônia] que se salvou abunda em hinos cheios de apaixonada submissão, com que o semita procurava controlar e ocultar seu orgulho. Muitos apresentam o caráter de ‘salmos de penitência’:

“Meu Deus, meus pecados são sete vezes sete, perdoa meus pecados!

“Perdoa meus pecados, que são sete vezes sete, ó minha deusa!

“Perdoa meus pecados e me humilharei diante de ti...”

“Tais salmos e hinos eram às vezes cantados pelos sacerdotes, às vezes pela congregação, às vezes por ambos, em estrofe e antístrofe. O que há neles de mais estranho é que, como em toda a literatura da Babilônia, aparecem escritos na antiga língua sumeriana, a qual servia

¹⁰⁰ DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, *Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 439.

¹⁰¹ AGOSTINHO, São. *Confissões*. Folheto Introdutivo, São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973, p. 110.

às igrejas da Babilônia e da Assíria, exatamente como o latim serve à igreja católica de hoje. E como no hinário católico, em que a língua viva aparece interlinearmente com o latim, nesses hinos sumerianos vinha a tradução interlinear em babilônio e assírio. A forma desses hinos serviu de modelo para os salmos dos judeus e a liturgia católica, e o seu conteúdo pressagiava o tom pessimista e pecaminoso dos judeus, dos primitivos cristãos e dos modernos puritanos. O senso do pecado, embora não interferisse vitoriosamente na vida da Babilônia, enchia seus cantos, e impunha uma nota que sobreviveu em todas as liturgias semitas e antissemitas derivadas. ‘Senhor’, clama um hino, ‘meus pecados são tantos, grandes são os meus desatinos!... Eu me afogo na aflição, já não posso erguer a cabeça; volto-me para o meu misericordioso Deus e para ele apelo, e gemo!... Senhor, não repilas de ti o teu servo!’”¹⁰²

O acima exposto por si só já é capaz de explicar a razão por que vive o ser humano em um círculo vicioso de guerras, de insensatez, de sofrimentos, de fanatismos de toda a ordem e, enfim, de ignorância completa a tudo que diga respeito a si mesmo, à Criação e a Deus. Porque criou o hábito – que se transformou em tradição – de conformar-se com o sofrimento; amoldado ao sofrimento, moldou Deus de acordo com ele, e o teme como os primitivos temiam o deus do trovão e aos demais deuses.

Esse de se acostumar a tudo fez com que, aos poucos, o ser humano foi perdendo toda sensibilidade à vida; recordo-me de uma crônica brilhante da escritora e jornalista Marina Colasanti, intitulada *Texto para reflexão*:

“Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra visão que não seja as janelas ao redor. E por não ter vista, logo se acostuma a não olhar mais para fora, a não abrir mais as janelas. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, o ar, a amplidão.

¹⁰² DURANT, obra citada, pp. 250-251.

“A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado, porque está na hora. A tomar café correndo, a ler o jornal no ônibus, porque não pode perder tempo. A comer sanduíche, porque não dá para almoçar. A sair do trabalho, porque já é noite; a deitar e dormir pesado, sem ter vivido o dia.

“A gente se acostuma a andar na rua e a ver cartazes. A abrir revistas e ver anúncios. A ligar a TV e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser conduzido, desnorteadado, lançado na infundável catarata de produtos. A gente se acostuma à poluição, às salas fechadas de ar condicionado e cheias de cigarro, à luz artificial e seu ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam da água do mar. À lenta morte dos rios. A não ouvir passarinhos e não ter galo de madrugada, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

“A gente se acostuma a muitas coisas para não sofrer — em doses pequenas, tentando não perceber. Vai afastando uma dor aqui, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente se senta na primeira fila e torce o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha os pés e sua o resto do corpo. A gente se acostuma... Para não ralar na aspereza, preservar a pele, evitar feridas, sangramentos. A gente se acostuma para poupar a vida. A vida que, aos poucos, se gasta. E que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.”¹⁰³

Assim como as antigas, a cultura atual louva essas tradições e as respeita, não apenas por temor, mas porque as considera valores espirituais, mesmo sabendo que são provenientes de uma transmissão oral, de geração em geração, de lendas de interesses escusos que asseguram a predominância de uma verdadeira casta no seio da sociedade.

As tradições inculcam, em todos os seres humanos, algo extremamente pernicioso do qual raramente dão-se conta: o medo, que não os permite ousar e questionar sobre a razão da

¹⁰³ COLASSANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 9.

vida e sobre o mistério que a envolve. E, fundamentalmente, por que continua mistério?

Entretanto, a grande característica da natureza espiritual do ser humano é que é ela enseja-lhe uma constante insatisfação quanto aos seus conhecimentos, fazendo-o buscar sempre conhecimentos de maior hierarquia. Infelizmente, o desvio que sofreu a humanidade ao longo de sua existência foi de tal ordem que seus dirigentes sempre buscaram preservar o *status quo* das massas, limitando suas aspirações às mais elementares, às básicas à conservação de sua espécie. O resultado é que “*são seres que carecem de aspirações e que, no caso de tê-las, as nutrem com ilusões, confiando ao acaso suas conquistas.*”¹⁰⁴

Essa é a razão por que o homem sofre e não atina jamais a descobrir as causas de seu sofrimento; suas adversidades a todo instante oferecem-lhe oportunidades de ouro para receber suas lições. Não obstante, não as aproveita e chega a ponto de, muitas vezes, na falta de um melhor “bode expiatório”, culpa a Deus por suas dificuldades.

Vive-se em uma cultura decadente, porque fez do homem o único ser na Criação que foge à luta, quando a luta é lei da vida. A prova está que todas as espécies lutam pela sua sobrevivência.

Ocorrem-me várias imagens a respeito. Certa ocasião em que percorria uma estrada, observei pequenas árvores encravadas em uma superfície quase a prumo de uma montanha rochosa, e procurei avaliar o inaudito esforço de sobrevivência daqueles pequenos seres para vencerem a falta quase que absoluta de água e sais minerais daquela região. Relacionei essa

¹⁰⁴ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Deficiências E Propensões Do Ser Humano*, São Paulo, Editora Logosófica, 1976, p. 190.

imagem com outra. Lembrei-me do esforço que devem fazer as plantinhas que conseguem romper um piso, ou um muro de arrimo de concreto armado, em prol de sua sobrevivência. O homem, sendo o único que desfruta da prerrogativa do uso do livre-arbítrio, tornou-se covarde, apático às coisas que lhe dizem respeito como ser superior e, em vez de lutar, chora queixando-se da vida.

A adversidade é um dos grandes agentes morais usados pelo Pensamento Universal para corrigir desvios, sacudir as mentes humanas. A injustiça de Deus só aparece aos olhos da ignorância ou inconsciência; pensamentos dessa natureza são as causas pelas quais cometem os seres humanos tantos erros e faltas, pois simplesmente nada mais são do que fuga à responsabilidade de as haver cometido.

Suas mentes não conseguem atinar a existência de leis universais que controlam todo o criado, não são capazes de entender a linguagem do Criador, advertindo-os da necessidade de uma mudança de rumo quanto aos seus objetivos de vida.

Ao contrário do pensamento de Nietzsche, Deus não está morto, pelo contrário, encontra-se vivo e indicando-nos a todo instante que devemos mudar o enfoque das coisas, ou melhor, mudar as lentes do nosso entendimento – com a mente limpa de preconceitos e hábitos arraigados -, para que alcancemos a razão essencial da existência humana, única forma do homem deixar definitivamente de viver em um círculo vicioso, chocando cabeça com cabeça.

Enfrentando-a com a inteligência que Deus lhe deu, o homem pode aproveitar seus erros, passados e futuros, para melhor conhecer-se e vencer suas deficiências. O grande obstáculo que se antepõe é a dificuldade de alguém se dar conta de

seus próprios erros, pois a cultura que tem recebido ensina ao homem sempre a buscar suas dificuldades no externo e jamais em seu interior.

Como é fácil de deduzir, a adversidade aumenta com os erros, faltas, distrações e imprudências que o próprio comete, e diminui com os acertos, com a eliminação de seus defeitos, com ações inteligentes e labores construtivos, com atos úteis, generosos e amplos, e, por fim, com a sua constante superação.

Portanto, o homem não deve protestar contra a adversidade, mas enfrentá-la com a reflexão, com a mente exercendo sua função reitora sobre seus pensamentos; parece então que a adversidade se retira, perde forças. Todos nós temos já experiência dessa grande verdade.

Infelizmente, a cultura vigente não tem ensinado o homem a desenvolver sua inteligência. Prova está que, no desenrolar de seus dias, meses, anos e séculos, vem cometendo erros repetidos, apesar dos seus efeitos negativos a todo instante indicarem-lhe o quanto de insensatez eles contêm, pelos prejuízos que vêm acarretando a si mesmo e à humanidade em geral.

É difícil encontrar o caminho certo, porém o homem realmente inteligente o procura; é quando de fato mostra-se inteligente, ao contrário do insensato ou néscio que, pouco inteligente, em geral se satisfaz com muito pouco.

Não nos queixemos, injustamente, frente a qualquer situação difícil, porque nela há parte de nossa própria culpa.

Atentemos como é ainda é tão atual o que, a respeito, Montaigne já afirmava:

“Somos todos mais ricos do que pensamos; mas ensinam-nos a pedir e a apelar para os outros, em vez de recorrer a nós mesmos. O ho-

mem não sabe contentar-se com satisfazer suas necessidades. Prazer, riqueza, mando sempre abarca mais do que pode; sua avidez é incapaz de moderação.”

“Estas expressões comuns, ‘passatempo’ e ‘passar o tempo’, espelham bem a maneira de viver dessa gente prudente que imagina não haver melhor emprego para a vida. Deixam-na passar, esquivam-se, ignoram-na como se fosse coisa nociva e desprezível. Eu, porém, penso de outro modo, acho-a agradável e valiosa, mesmo em seus últimos momentos. A natureza no-la deu em condições tão favoráveis que somente por nossa culpa pode tornar-se pesada e inútil: ‘A vida do insensato é desagradável, inquieta; pois só tem por objetivo o futuro.’(Sêneca)”

Logo adiante Montaigne mostra grande sabedoria. Vale a pena ouvi-lo:

“No presente que Deus nos oferece, não há nada indigno de nosso cuidado; de tudo teremos de prestar contas em todas as suas minúcias. O Criador, ao dar ao homem a missão de se conduzir, fê-lo de um modo expresso, severo e franco. Como as palavras alheias têm mais peso do que as que dizemos, insistimos nesse ponto com a opinião de Sêneca: ‘Não é tolice fazer com negligência e mau humor o que se tem obrigação de fazer? Empurrar o corpo para um lado e a alma para o outro é dividir-se em prol de dois movimentos contrários.’”¹⁰⁵

Em 23 de janeiro de 1952, em uma conferência em Montevideu, Uruguai, González Pecotche (*Raumsol*) nos observou algo extremamente importante existente no arquétipo humano concebido por Deus:

“O Criador deu à criatura humana uma capacidade de sofrimento que lhe permite resistir aos maiores males. Deu-lhe uma fortaleza de espírito capaz de suportar a mais cruel adversidade, para que com isso resista à ação do mal e evite o seu extermínio. [...]”

¹⁰⁵ MONTAIGNE, Michel de. *ENSAIOS*, São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973, pp. 502--503.

De maneira que não deverá nunca imputar ao Criador nenhuma classe de mal, nem sequer suspeitar que possa haver uma falha em qualquer das manifestações universais. Deve-se, também, pensar que Deus não pode dar aos homens um paraíso terrestre, pois se hoje, lutando como devem lutar, passam o dia sem pensar em nada, como seria se houvesse dado tudo servido em uma bandeja? De maneira que essa capacidade de sofrimento, que Deus deu ao homem, deve lhe permitir estar sempre em atividade, em movimento, estimulando a mente de tal modo que, em momentos de sofrimento, a ache tão acessível quanto quando a vida sorria. Isso quer dizer que, em meio do sofrimento, o homem pode encontrar um ponto de contato com a sensibilidade universal.”

“Agora bem; supondo que haja sido o próprio Deus o autor do mal, quem é o homem para julgá-lo? Conhece-se esse mal, em última instância, não é um bem para o homem? Porém admitamos que também criou o mal e pensemos se não deu ao homem todos os elementos para viver no bem e para compreender, através do mal, que o bem ajuda a compreender a necessidade de caminhar retamente, sem se equivocar, aproveitando todas as possibilidades de chegar até o Criador; que, por esse meio, abrem-se ao seu passo muitos caminhos, caminhos que formam um só caminho, sempre aberto às possibilidades do homem.

“Ademais, o mal não é absoluto; o mal é relativo...”

Eis, mais ainda, uma verdade que põe a descoberto o grande equívoco dos homens.

González Pecotche chama-nos bem a atenção que nem sempre tem o homem capacidade de entender um infortúnio que lhe aconteça; precipitadamente, julga-a quase sempre como um mal. Com esse julgamento, a sua mente fecha-se e deixa de aproveitar um ensinamento que dele poderia advir.

Em outras palavras, a cultura de sofrimento em que vive o homem – com raras exceções -, suprime-lhe a capacidade inteligente de refletir, analisar, de raciocinar, de julgar e, inclusive, de recordar.

Dei ênfase à recordação porque, em seu peregrinar pelo mundo, o homem recorda-se mais facilmente de seus momentos de infelicidade a tal ponto que, aos momentos felizes, sua mente incontinentemente interpõe recordações de momentos felizes. Esse momento mental é experimentado por todos que vivemos nessa decadente cultura; tenho certeza que o leitor entende o que quero dizer, porque com certeza já passou por essa experiência.

Em seus ensinamentos, González Pecotche adverte, também, que o ser humano deve deixar de ser carneiro, pois tem a cumprir uma alta finalidade no decorrer de sua vida. Para isso, deve bastar-se a si mesmo e saber que esse ser que está criando pertence tão somente a ele, porque é ele quem o está formando e educando no conhecimento superior; e é ele quem se preocupa em brindar-lhe essa felicidade tão necessária para que sua vida resplandeça e se torne mais ampla.

Em síntese, o ser humano tem uma enorme responsabilidade quanto à sua vida, responsabilidade que não tem o direito de delegar a ninguém.

Ouçamos, diretamente, o que a respeito González Pecotche escreveu em 1943:

“Há que formar um novo mundo mental, livre das aberrações dogmáticas que esterilizam as potências criadoras do espírito. É necessário dar à razão humana a hierarquia que lhe corresponde. E isso será possível se, em vez de subtrair do homem as responsabilidades que lhe incumbem, prostrando-o na indiferença e na inércia, se lhe ensine a compreender a vida em suas funções específicas, morais, físicas e sociais, sem prejuízo das derivadas de sua colocação geográfica etc.”¹⁰⁶

¹⁰⁶ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsof*). *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo III, São Paulo, Editora Logosófica, 1980, p. 122.

A propósito, o mesmo já diziam Antístenes (444-371 a.C.) e Diógenes (c. 412-323 a.C.), filósofos gregos, o primeiro fundador e, o segundo, seu discípulo da Escola dos Cínicos, diziam que a felicidade completa somente poderia ser alcançada por meio da autossuficiência.

Infelizmente, o homem pouco aprende com a sua história e com os grandes mestres que teve a História. Porque sucessivamente os poderes temporal e espiritual subtraem-lhe da memória histórica as reflexões que fizeram; principalmente, a juventude não os estuda em seus currículos escolares e os meios de divulgação muito pouco os mencionam, além de que muitas dessas reflexões foram subtraídas à posteridade com as sucessivas queimas de seus escritos.

O resultado é que o ser humano tornou-se incapaz de resolver seus mais elementares problemas; quando os resolve; resolve pela metade, tanto que, passado um tempo, voltam cada vez com mais força, como se fossem vírus. Por isso, cabe a advertência de que não importa o quão belo e fascinante seja, um problema tem que ser resolvido. Um problema é um problema, mesmo que nos traga um breve conforto. Só existe uma maneira de lidar com um problema: atacando-o de frente. Nessas horas, não se pode ter piedade, nem ser tentado pelo lado fascinante que qualquer conflito carrega consigo.

Como exemplo de problemas, dos grandes, que individualmente o ser humano tem que enfrentar, insere-se os concorrentes aos seus hábitos e tradições.

Cabe aqui o alerta de Spinoza, segundo Henry Thomas:

“Deixai os cemitérios do passado! Olhai, diante de vós, para os bosques do futuro! ‘Os olhos do homem estão colocados em sua testa, e não atrás da cabeça. [...] Já ultrapassamos as despóticas tradi-

ções de outrora. [...] Há novas terras, novos homens, novas idéias'. Cessemos de imitar os nossos irmãos do Velho Mundo. Pois, 'que é a imitação senão um retrocesso do espírito? Construí o vosso próprio mundo. Não há limites para as possibilidades do homem'¹⁰⁷

Como lenitivo, transcrevo o pensamento de González Pecotche, escrito em 15 de março de 1962, em uma mensagem aos seus discípulos de Buenos Aires:

“Quando esta seja uma realidade, quando os seres humanos compreendam que os velhos moldes mentais - conceitos e idéias petrificadas - não só não servem para a época atual senão que são um estorvo para a alma humana, alma que anseia novos lenitivos e, de modo especial, uma nova palavra orientadora e veraz, de imediato começará a sentir-se com todo o rigor de uma verdade invencível e sem rodeios, que se está frente a um dos acontecimentos mais importantes, auspiciosos e transcendentais da história: o nascimento de uma nova civilização. Civilização que, por sua vez, irá deslocando as anteriores já caducas, já que suas idéias, conceitos e crenças não respondem aos reclamos, cada dia mais insistentes, da alma e do coração humanos.”

Penso também ser conveniente realçar a advertência que faz Goethe à humanidade, na boca de Mefistófeles:

“Agora estamos novamente no limite de nosso bom senso, exatamente onde os seres humanos perdem a razão. Por que fazes acordo conosco se não podes cumpri-lo? Desejas voar e não te sentes seguro ante a vertigem? Nós que te procuramos ou tu que nos invocaste?”¹⁰⁸

Penso ser pertinente repetir o que foi exposto no Capítulo 1 desta quarta parte. Nesse trabalho imortal de Goethe, *Fausto* representa bem o rumo equivocado tomado pela humanidade

¹⁰⁷ THOMAS, Henry, THOMAS, Dana Lee. *Vidas de Grandes Filósofos*, Porto Alegre, Editora Globo, 1944, p. 193.

¹⁰⁸ GOETHE, Johann Wolfgang von. *FAUSTO*, Biblioteca Universal, São Paulo, Editora Três, 1974, p. 219.

quando procurou o diabo para realizar com ele o acordo da venda de sua alma, buscando com essa alienação a sua felicidade – exatamente como até hoje faz o homem, com as exceções que confirmam a regra. Mas, um dia, abriu os olhos à aberração de sua atitude e arrependeu-se.

Goethe, grande filósofo, otimista, sabia que a humanidade um dia se libertaria da tirania a que leva o seu rumo equivocado. Assim como *Fausto*, está na hora da humanidade libertar-se das correntes que a prendem à ignorância, e avançar em direção da luz capaz de libertá-la.

A escravidão espiritual humana, paralelamente ao progresso material, tem trazido muitas dificuldades, adversidades e infelicidade ao ser humano. Não estaria o Criador demonstrando ao homem o absurdo a que leva o caminho que tem trilhado, e talvez já seja hora de uma mudança de rumo?

É paradoxal que a espécie humana, dotada de inteligência e sensibilidade privilegiadas – pelo menos como foi concebida por Quem a criou -, tenha que se admirar da sociabilidade dos insetos, que se sacrificam voluntariamente em prol de sua comunidade, como a abelha, a formiga e o cupim são excelentes exemplos.

Quem é o arquiteto, engenheiro, compositor e pintor responsável por essa natureza tão harmoniosa, senão Deus, o onipresente, onipotente e o onisciente “cuja Vontade Cósmica articula-se, com absoluto equilíbrio, em todos os movimentos que se operam em sua incessante atividade.”¹⁰⁹

Penso ser também pertinente encerrar esse capítulo como Toynbee cerrou seu imortal livro, *A Humanidade e a Mãe-Terra*:

¹⁰⁹ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*), *O mecanismo da vida consciente*, São Paulo, Editora Logosófica, 1992, 8ª ed., 1989, p. 41.

“Como espírito, o homem possui consciência, distingue entre o bem e o mal e, em suas ações, efetua escolhas. No campo ético, onde as escolhas do homem são entre o bem e o mal, suas opções resultam em uma contabilidade de crédito e débito morais. Não sabemos se essa conta é fechada na ocasião do óbito de cada ser humano de vida tão breve, ou se (como creem os hindus e os budistas) continua em aberto durante uma série infinda de reencarnações. Para a rede de relações entre seres humanos encarnados constituintes da social humana, a conta está ainda em aberto e assim continuará enquanto a humanidade permitir que a biosfera permaneça habitável.

“Assassinará a humanidade a Mãe-Terra ou a redimirá? Poderia matá-la, fazendo um mau uso de seu crescente poder tecnológico. Alternativamente, poderá redimi-la vencendo a cobiça suicida e agressiva que, em todas as criaturas vivas, inclusive o próprio homem, tem sido o preço do dom da vida recebido da GRANDE MÃE. É esse o enigma com o qual hoje se defronta o Homem”¹¹⁰.

Até quando a história da humanidade estará atrelada à ambição, hipocrisia e maquiavelismo dos que se autodenominam “benfeitores da humanidade”? Até quando será a história da decadência da sensibilidade humana? Enfim, até onde irá a estupidéz humana?

¹¹⁰ TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e A Mãe Terra, Uma História Narrativa Do Mundo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1982, Orelha da edição.

EPÍLOGO

Confesso ao leitor que quando iniciei este trabalho, que me demandou oito anos de pesquisas, perquiria respostas a profundas inquietudes que me perseguiram desde a juventude; fundamentalmente, quanto à razão das guerras, apesar das misérias humanas delas decorrentes. Aos poucos, foram surgindo-me na mente uma triste imagem, qual seja, que a história da humanidade também é uma história da irresponsabilidade humana e da insensatez humana.

É importante, porém, acrescentar que principalmente após o vertiginoso progresso material alcançado na última metade do último século do segundo milênio, que história da humanidade torna-se de fato a história da insensibilidade humana, o que de pior pode acontecer ao ser humano, pois sem sentimentos não há como eliminar a desenfreada ambição a que estamos todos assistindo. Nem possibilidade de retorno à pureza da alma, como foi concebida pelo Criador.

É incontestável que, se os homens de hoje tivessem mais sentimentos, não se matariam tanto. Desconhecendo tudo que diga respeito a si mesmo, quanto ao seu futuro como ser imortal é inconsequente no alcance do que faz.

A ignorância e a crença, de que curta e efêmera é a sua vida, faz que o homem cultive o egoísmo e a ambição.

Daí o pensamento várias vezes manifestado por Schopenhauer de os seres humanos são como porcos-espinhos em noite gelada – não podem nem se aproximar demais, para não espetar os outros, nem se afastar demais, para não morrer de frio.

Digno de nota é a tese defendida por Einstein de que as estradas para os campos de concentração foram abertas pelo ódio, porém foram pavimentadas pela indiferença.

Não é apenas o ódio a responsável pelas guerras, mas fundamentalmente a indiferença dos homens, cuja insensibilidade

o faz ser considerado um “*animal predador*”, aliás, o único realmente predador na Criação.

O resultado não poderia ser outro senão o que transparece nos séculos e séculos de sofrimentos e desencantos.

Que lição Deus aponta ao ser humano que este não consegue entender?

Desde os primórdios da civilização, não estariam as Leis assinalando ao homem o quanto de equivocado é o caminho por ele encetado?

Já não teria chegado o momento do homem ser menos egoísta e menos ambicioso? Já não teria chegado o momento do homem usar a inteligência e a sensibilidade, que Deus lhe dotou, para descobrir a razão de sua vida e sua existência, e ser mais desprendido e mais desinteressado pelos bens materiais?

Desde a Antiguidade, com diferenças de forma, mas não de conteúdo, as mesmas situações vêm se repetindo, como se faltasse inteligência ao ser humano.

Grandes historiadores já chamaram a atenção sobre esse círculo vicioso em que vive a humanidade, apesar do progresso material. Sucederem-se as mesmas situações, desde a Antiguidade. Passam-se os governos e os regimes, e os problemas ficam.

Pensa-se em resolvê-los com guerras e, após os conflitos armados, sobrevém o assombro provocado pela incompreensão frente ao martírio inútil e a desolação sem conta.

Será que, assim como os que nos precederam, lançaremos sobre os ombros das gerações que nos sucederão o peso de todas as questões que não fomos capazes de resolver com inteligência e decisão?

Há uma evidente dificuldade em analisar a História escrita, visto que a maior parte dela é suposição e o resto é preconceito, como disse muito bem Will Durant.¹¹¹

Além de propositadamente descrita e interpretada pelos vencedores, com os preconceitos dos que a analisam e a apresentam, a História escrita deve ser lida quase que por entre linhas.

Claramente, algumas vezes, veladamente outras, alguns historiadores permitem que surjam as figuras humanas mais proeminentes da História. É assim que a humanidade toma conhecimento da existência, por exemplo, na Antiguidade, de um extraordinário faraó no Egito, Ikhnaton, Akhenaton ou Aquenaton.

A verdade é que inúmeros historiadores, muitas vezes com pomposos títulos de “professores de História” e com Ph.D, estudiosos e com conhecimento de causa, timidamente denunciavam os males humanos em sua sofrida História.

Muitas foram as vezes em que dei uma pausa às minhas investigações para meditar sobre o que faz com que um intelectual, compromissado com sua consciência e com a sociedade em que vive, não delate os responsáveis por esse estado intolerável de coisas.

Por que não tornar realidade o sonho, famoso por ser precursor de uma realidade, de Luther King:

“Eu tenho um sonho de que um dia meus quatro filhos vivam em uma nação onde não sejam julgados pela cor de sua pele, mas pelo seu caráter.”¹¹²

¹¹¹ DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, *Nossa Herança Oriental*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 14.

¹¹² Martin Luther King, líder americano da luta pelos direitos civis, em discurso durante a Marcha para Washington, em 1963

É cristalinamente claro que esses historiadores têm consciência dessa permanente irracionalidade e insensibilidade dos dirigentes das nações, em sua história. Se denunciassem o que sabem, abririam caminho para que, eles e outros, buscassem soluções para esses problemas. Perguntava-me por que a maioria deles finge desconhecê-las?

Por conivência com o *status quo*, essa maioria de intelectuais não deixam de ser a grande responsável pela miséria moral, ética, espiritual e, mesmo material em vive uma imensa maioria da humanidade.

Uma das conclusões que ora podemos tirar é que a cultura em que vivemos pouco valor dá às experiências do passado, em consequência, são facilmente esquecidas.

Se a humanidade continuar desprevenida e indiferente, como até o presente, a história da humanidade continuará dando voltas. Possivelmente daí provenha o fato de que o homem dê tantas voltas quando se propõe fazer algo ou adotar alguma decisão.

Não consigo aceitar que por pusilanimidade, por timidez, por conveniência ou mesmo por corrupção não denunciem esse *status quo*. Qualquer que seja a razão, fazem-me lembrar outra vez Shakespeare, quando afirma que “*há algo de podre no reino da Dinamarca*”.¹¹³ Com brilhantes e imensamente saudáveis exceções, concluo que foram contaminados pelo vírus da covardia e da corrupção.

Como chama a atenção o grande pensador e humanista González Pecotche, em uma conferência em Montevidéu, em 5 de outubro de 1960:

¹¹³ SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta, Macbeth, Hamlet, príncipe da Dinamarca, Otelo, o mouro de Veneza*. São Paulo, Editora Abril S.A., 1978, *Hamlet*, Ato I, Cena IV, p. 221.

“Nenhum temeroso fez algo a serviço da humanidade; foram sempre os valentes...”

É evidente que, para ser valente, é necessário ter valor; aliás, valente e valor têm a mesma origem etimológica. A valentia sempre foi necessária a todos que conseguiram acrescentar algo à história do pensamento humano.

A propósito, é de certo modo é paradoxal que, no decorrer da História da Civilização, os hereges tenham sido sempre os responsáveis pela melhoria de vida dos religiosos e da evolução em geral da humanidade. Foram exemplos edificantes de valentia, de convicção e de fé no ser humano, na humanidade em geral e em Deus.

Assim também pensava o filósofo e poeta Josiah Royce (1855-1916). Por motivo de um falecimento, costumava escrever:

“Nós morremos enquanto Tu permaneces.

“A Eternidade é Tua.

“E, na eternidade, seremos lembrados não como pontos insignificantes deste mundo, mas como folhas sadias que, em um certo momento, floresceram nos ramos da Árvore da Vida.

“Estas folhas caem da árvore, mas não caem no esquecimento.

“Porque Tu sempre Te lembrarás delas”.

Ao contrário dos valentes, os intelectuais comprometidos com o poder, os que, de uma ou outra forma usufruíram sua proximidade e dele se locupletaram, foram e têm sido sistematicamente esquecidos pela História, visto que nada ou pouca coisa deixaram de herança para a Humanidade.

Aqueles que se sacrificaram, muitas vezes com a própria vida, pelo ideal de uma humanidade melhor, preencheram bri-

lhante e ricamente as páginas de seus eternos livros; preencheram feitos que dessas páginas transbordam para as páginas da História das Civilizações.

Vivemos em uma cultura que torna o homem tão egoísta, que o torna também imediatista, já que é uma cultura que premia os favorecidos pela fortuna, assim como castiga os infelizes. Nesse aspecto, o passado só tem valor enquanto ajuda o ser a amalhar. Em consequência, torna-o ingrato quando o bem recebido é imaterial. Daí o ditado popular tão em voga: “*Águas passadas não tocam moinhos*”.

Não existem argumentos para defender a barbárie. Não podemos perder jamais de vista como Stalin, Adolf Hitler e Mao-Tsé-Tung assumiram o poder e o que fizeram para conservá-lo. Para, tendo-os na mente e na consciência, não permitir que surja um novo sanguinário ditador — desculpe a redundância, já que todo ditador é sanguinário.

Um recurso comum a ditadores, como esses, é prometer o paraíso nos discursos, alimentando a população de frases tão fortes quanto vazias que não traduzem o inferno que a aguarda.

Em seu livro *Mein Kampf*, Hitler deixa claro seu ódio aos estrangeiros, mas evidentemente não informa que, se chegasse ao poder, mataria 6 milhões de judeus. Lênin costumava definir o Estado como uma instituição construída para exercer a violência. Dizia que, se antes essa violência era exercida sobre todo o povo por um punhado de ricos, agora, a violência deve ser organizada para servir ao povo.

Quem seria capaz de interpretar esse pensamento como um aviso sobre a matança generalizada que a União Soviética conheceria nos anos seguintes?

Outro exemplo. Entre 1975 e 1979, o general Político Pot, do Camboja, e seu Khmer Vermelho decidiram transferir a população das cidades para o campo à força como forma de reeducação ideológica. Mataram nada menos que 25% dos habitantes do país. Em termos proporcionais, foi o maior genocídio do planeta.

O mais importante não é saber se Stálin e Mao-Tsé-Tung trucidaram mais ou menos pessoas do que Hitler, mas como conseguiram fazê-lo. Nesse sentido, fácil é concluir que qualquer sacrifício por parte da intelectualidade não só é válida quanto essencial, para que essas experiências jamais se repitam na face do planeta.

Estará a humanidade livre desses sanguinários ditadores? Penso que não. Assim como *O PRÍNCIPE* de Maquiavel é estudado, muitas mentes doentias também estudam cientificamente Goebbels, Ministro do Povo e da Propaganda de Hitler. A humanidade não está livre de, repentinamente, dar-se conta da existência de um poder totalitário em qualquer país, por mais democrático que aparente ser.

Será que é infundada a minha preocupação? Apreciemos de perto a chamada *democracia* que acontece no mundo.

Correntemente define-se a democracia como um regime de governo que se caracteriza, em essência, pela liberdade do ato eleitoral, pela divisão dos poderes e pelo controle dos poderes de decisão e de execução.

Para haver liberdade do voto, a democracia exige que não haja pressão sobre os eleitores, que o voto seja secreto, que os candidatos aos cargos eletivos sejam sinceros, que a contagem dos votos seja honesta e livre de corrupção.

Como não haver pressão sobre os eleitores, carentes das mínimas condições de sobrevivência econômica e baixa instrução, que recebem uma imensa pressão da mídia por parte dos candidatos, em sua maior parte, corruptos e, por isso mesmo, aquinhoados financeiramente?

Com o grande desenvolvimento ocorrido com a propaganda e o marketing, os eleitores votam em produtos prontos e acabados, feitos sob medida para atender à demanda, sob a orientação de pesquisas de mercado como se os candidatos a cargos eletivos fossem produtos de consumo.

As idéias, os planos, a probidade e todas as demais qualidades imprescindíveis aos homens públicos dão lugar aos truques publicitários.

Pensar em sinceridade das proposições dos candidatos a cargos eletivos seria ingenuidade. E é assim que são eleitos aqueles que comandam os destinos dos países.

Foge à compreensão dos homens racionais entenderem o que leva um político a investir milhões em uma campanha, para concorrer a um cargo público que deveria ser ocupado com a única finalidade de servir à nação, do qual não decorreriam vantagens pessoais.

É no mínimo paradoxal a voracidade com que os políticos disputam os mandatos com campanhas milionárias, e é no mínimo duvidosa a vontade extremada deles de trabalhar pela sociedade.

Infelizmente, não existe alguma salvaguarda no Código de Defesa do Consumidor caso elejamos um dos produtos vendidos por esses marqueteiros que venha mostrar-se defeituoso após as eleições.

Por outro lado, vive-se em uma democracia cujo exercício da política é prerrogativa exclusiva dos partidos. De acordo com essa concepção, à sociedade cabe cooperar, quer dizer, dar uma aparência de honestidade à democracia, de decência, para aplaudir e concordar.

A mídia conhece a força dos pensamentos, e manipula as multidões com esse conhecimento; e a sociedade, estática, permanece como múmias ambulantes, a tudo assistindo e permitindo essa manipulação.

As crianças e os jovens assistem, noite e dia, simulações de violência, de maus tratos, de corrupções dos que lhes deveriam dar o exemplo, de desvios sexuais, enfim, de tudo o que possa servir de mercadoria de venda para a mídia.

O resultado não poderia ser outro senão essa decadência moral e espiritual.

Esse é o coroamento de erros que vêm de longe, muito longe, já a perder de vista, e que jamais foram devidamente analisados e corrigidos.

Na verdade, assim como a liberdade, a democracia é uma conquista; quem a recebe de mão-beijada não a merece e a perde da mesma forma que a recebe. Isso é um verdadeiro axioma, que as revoluções ao longo da história sempre comprovaram com seus fracassos.

As classes menos favorecidas vivem, portanto, em um aparente beco sem saída, pois não podemos esquecer que a liberdade é o maior bem que um homem pode receber.

Nesse sentido, o regime democrático é a forma de governo que mais convém ao ser humano. Mas precisamos de uma real democracia, não de uma aparente democracia, como a que vive-

mos, em que as massas ignorantes, que constituem a maioria de qualquer nação, só podem escolher aqueles que a enganam melhor, que prometem o que não podem nem pensar em cumprir.

-.-.-.-.-.-

Como se pode ser feliz, tendo consciência da infelicidade alheia? Como ser feliz, tendo dificuldade de compartilhar essa felicidade com o seu semelhante? Como pode uma criança desenvolver-se mentalmente sã, dando-se conta das injustiças sociais cometidas pelos adultos, seus supostos mestres?

O julgamento moral é uma constante na mente dos jovens. Ao contrário do que se pensa, seu comportamento antissocial não resulta de ausência de preocupações com o certo eu errado, mas de conflitos entre comportamentos observados no mundo que os cerca.

Nós, como adultos, confundimos a mente dos jovens com nosso comportamento hipócrita ou imoral. Os jovens não são amorais ou imorais, mas se chocam com as contradições que presenciam.

Por exemplo, só podem aprender civismo em uma escola que pratique justiça, tolerância, equidade e generosidade, não em uma que, simplesmente, tenha uma aula específica de civismo. Os alunos aprendem pelo que a escola pratica muito mais que pelos sermões em aula.

A escola tem de ensinar pelo exemplo. Se o professor trata o aluno rico de forma diferente da que trata o pobre, falece o aprendizado de equidade. Se o professor chega atrasado, a lição de pontualidade vai à direção oposta.

A boa literatura está eivada de julgamentos morais e situações conflituosas. É função de a escola discutir suas impli-

cações. Cada disciplina é uma oportunidade para discutir situações que requeiram julgamentos morais. O currículo de cidadania é currículo de todas as disciplinas, sem exceção.

A cidadania exerce-se com o exercício da justiça, da paz, da responsabilidade, com moderação e cortesia. Para que a juventude caminhe nesse sentido, faz-se necessário o exemplo dos adultos.

Deve haver, pois, consciência maior de que não se pode ser feliz em sua plenitude se o nosso vizinho passa necessidades.

A propósito, surge-me na mente um diálogo que constantemente tinha com a minha sogra, já octogésima, muito preocupada com a sua saúde e em viver mais. Toda vez que dizia que é importante ter saúde, perguntava-lhe para quê?. Respondia-me que a saúde é importante para se viver mais. Para fazer o quê? Retrucava-me. Aborrecia-se porque não sabia a resposta.

Assim acontece com os jovens. Por que se preocupar com o mais além se julgam que viver mais é simplesmente importante para se comer mais, divertir-se – com os entretenimentos que a sociedade de consumo oferece -, se o progresso é puramente material, sem nenhuma preocupação com a natureza espiritual humana?

Apesar dos avanços da ciência, esta continua articulada com a busca desenfreada do ter, em vez do ser. Vive-se em uma cultura em que a ciência e a técnica avançam por um caminho equivocado, acenando às pessoas a acharem que podem ter tudo, comprar tudo, fabricar tudo. O resultado é que perseguem a felicidade, mas tornam-se infelizes.

O século XX foi um longo século quanto ao desenvolvimento da informação, progresso científico e material, porém apesar de

se haver criado as bases materiais para resolver o problema milenar da miséria, foi uma experiência perdida quanto à solução dos problemas sociais; pior, foram os problemas agravados ao invés de resolvidos, o que dá aos intelectuais uma maior responsabilidade.

Com a informática, as mudanças ocorrem numa estonteante velocidade; seu único pré-requisito é a educação.

Quer isto dizer que a globalização e a aplicação de novas tecnologias podem ser vistas como uma ameaça ou como uma oportunidade. Como oportunidade, a globalização da informação via internet é uma arma poderosíssima a ser usada por todos que pensam a favor do futuro da humanidade.

O que acontece de mais marcante no mundo pós-industrial é que o ser humano vive uma aceleração das mudanças; a tecnologia permite, hoje mais do que nunca, ao homem pensar a seu respeito: quem é, quem será e como deve ser a sua cultura.

Para o ser humano ser feliz, não há alternativa, é preciso aceitar o desafio da vida, ter forças para mudar o que lhe incomoda, adaptar-se ao que requer conviver, como com a doença, a velhice, a morte. Por outro lado, não aceitar de pés juntos que haja *mistérios* que a mente humana não possa desvendar, tirar a venda que a encobre.

Como já dissemos, um problema é um problema; mesmo que nos traga conforto, só existe uma maneira de lidar com ele: atacando-o de frente, sem piedade. Certa é, portanto, a máxima popular “*a grandes males, grandes remédios*”, quer dizer que quanto mais grave o mal, quanto maior o perigo, tanto mais enérgicas devem ser as providências contra ele.

Os tempos de nossa vida são as páginas do livro de realizações que vamos enriquecendo ao longo da nossa existência;

correntemente, pouquíssimos delas têm consciência, mas nem por isso deixam de existir, da mesma forma que acontece com os movimentos da Terra em que pisamos.

Mais dia ou menos dia, o homem há de encetar uma verdadeira revolução, colocando-se no leito de que se desviou apenas por ignorância.

Devemos nos recordar, a propósito, que assim como o conhecimento precede a ignorância, a humanidade também precisa passar pela adversidade para se dar conta de que deve buscar outro caminho, já que o que vem trilhando já deu o que tinha de dar.

As novas tecnologias estão mudando o homem, já que dizem respeito ao armazenamento, ao processamento e à distribuição de informações. Caem os limites da produção e da expressão, com o favorecimento da inventividade e da experimentação. Favorece a que cada vez mais e cada vez maior camada popular aprenda a pensar, a pensar fazendo, aplicando e observando o resultado.

Ensinar a todos a pensar para que possa exercer a verdadeira cidadania, constitui na história da humanidade uma verdadeira revolução, em que a intelectualidade está chamada a desempenhar um papel primordial. Como se trata de romper um círculo vicioso que já envolve a vida humana há milênios, sair dele requer uma energia tal que só pode ser alcançada com a união das consciências individuais.

Da intelectualidade, requer-se ainda mais: uma paciência inteligente e perseverante para educar pelo menos uma parte da humanidade para que aprendam a resolver individualmente seus problemas, deixando de ser ovelhas e meros espectadores para serem também atores de suas vidas. Sem esse requisito,

essa revolução fracassará como fracassaram todas as experiências anteriores.

Em razão do que se o vem ensinando, principalmente na cultura ocidental, o ignorante pergunta-se, no íntimo do seu ser: “*Que tenho a ver com as gerações futuras, se nunca vou conhecê-las? Quando eu morrer, tudo estará acabado, e não me importa o que dirão meus descendentes.*” Em outras palavras, além de todas as deficiências humanas, o homem vive em uma sociedade que cultiva também a irresponsabilidade. Por ignorância e inconsciência quanto à razão de sua vida.

Portanto, há uma imprescindível necessidade de que se ensine a pensar na razão maior da vida, em pensar na existência, na transcendência da vida.

Sem a menor dúvida, a vida é superior a esta puramente material que vive o homem. Mesmo por que não pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos desconexos a ela. Pelo contrário, a existência deve ser um processo linear.

Não olvidemos que o Criador deu a cada ser todo o equipamento necessário para que, com esforço e dedicação, cumpra a sua sublime missão, tornando-se à Sua imagem e semelhança. No decorrer desse processo, o homem irá se tornando menos insensato e, com o seu exemplo de esforço, refletido em cada ato e palavra, tornar-se-á um verdadeiro servidor da humanidade.

Essa cultura há de dar lugar a uma que preserve os valores morais e éticos humanos, em que ninguém necessite esconder jamais seus pensamentos dos demais e que cultive a autenticidade. Deixará, então, de ser dissimulado e cínico. Deixará de

usar uma máscara para cada ocasião, para cada ambiente em que viva.

O século XVIII foi o século das Luzes, da filosofia da razão; o século XIX, da revolução industrial e da filosofia socialista de Marx; o século XX, da tecnologia, da razão aplicada; o século XXI está sendo o da informática. Com ajuda dos intelectuais, este e os próximos séculos poderão trazer a solução definitiva dos problemas sociais, com o surgimento de um novo conceito de democracia, a real e não a aparente.

Nela, seus dirigentes preocupar-se-ão em ensinar aos cidadãos a pensarem por si mesmos, a serem melhores, quererem o bem ao seu próximo, e não a se enganarem a si próprios, dando-lhe o cobertor velho, ou uma esmola cujo valor não lhes farão falta.

Nos séculos vindouros, sem a menor dúvida, o homem conhecer-se-á mais intimamente, terá mais confiança em si mesmo e poderá, então, *amar ao seu semelhante*. Amar ao seu semelhante não em palavras, mas em atos. O amor deixará de ser um mandamento vazio.

Pelo seu extraordinário valor, permita-me o leitor encerrar este trabalho com um pensamento de González Pecotche, conhecido espiritualmente como *Raumsol*:

“Conseguir que as gerações futuras sejam mais felizes que a nossa será o mais grandioso prêmio a que se possa aspirar. Não haverá valor comparável ao cumprimento dessa grande missão, que consiste em preparar para a humanidade futura um mundo melhor.”¹¹⁴

¹¹⁴ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (Raumsol). *Introdução Ao Conhecimento Logosófico*, São Paulo, Editora Logosófica, 1996, p. 252.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, São. *Confissões*. São Paulo, Editora Abril S.A., 1973.

AGOSTINHO, São. *Confissões*. Folheto introdutivo. São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

ALFONSO MACE, Eduardo Federico. *Pitágoras*. México: Editorial Orion, México.

BARSA 98. *Enciclopédia Virtual*.

CÂMARA, Dom Hélder. *Evangelho com Dom Hélder*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1987.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1992,

DURANT, Will. *História da Civilização*, 1ª Parte, *Nossa Herança Oriental*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____ *A Filosofia De Spinoza*. Tecnoprint Gráfica S.A., 1965,

EINSTEIN, Albert. *COMO VEJO O MUNDO*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2ª edição, 1981.

ENCARTA 99. *Enciclopédia Virtual*.

JAPIASSU, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de FILOSOFIA*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2ª Edição, 1993.

GARAUDY, Roger. *Deus É Necessário?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

_____ *Rumo a Uma Guerra Santa? O Debate Do Século.*
Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *FAUSTO*, Biblioteca Universal. São Paulo, Editora Três, 1974.

GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo (*Raumsol*). *Introdução Ao Conhecimento Logosófico*. São Paulo, Editora Logosófica, 1996.

_____ *O Senhor de Sándara*. São Paulo, Editora Logosófica, 2ª ed., 1992.

----- *O mecanismo da vida consciente*. São Paulo, Editora Logosófica, 8ª ed., 1989.

_____ *Logosofia, Ciência E Método*. São Paulo, Editora Logosófica, 1992.

_____ *Curso De Iniciação Logosófica*. São Paulo, Editora Logosófica, 1990.

_____ *Diálogos*. São Paulo. Editora Logosófica, 1995.

_____ *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo I. São Paulo, Editora Logosófica, 1980.

_____ *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo II. São Paulo, Editora Logosófica, 1980.

_____ *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo III. São Paulo, Editora Logosófica, 1980.

_____ *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo IV. São Paulo, Editora Logosófica, 1980.

_____ *Colección De La Revista Logosofia*, Tomo V. São Paulo, Editora Logosófica, 1980.

_____ *Revista De Logosofia (RL)*, Rosário (Argentina), Escuela Raumsólica de Logosofia, fevereiro/1942.

_____ *Deficiências E Propensões Do Ser Humano*. São Paulo, Editora Logosófica, 1976.

_____ *O Espírito*. São Paulo, Editora Logosófica, 1978.

_____ *Conferencias*, Volume I. São Paulo, Editora Logosófica, 1987.

_____ *Conferencias*, Volume III. São Paulo, Editora Logosófica, 1987.

_____ *Aquarius*. Rosário (Argentina), Escuela Raumsólica de Logosofia, 1931.

_____ *Aquarius*. Rosário (Argentina), Escuela Raumsólica de Logosofia, 1933.

_____ *Aquarius*. Rosário (Argentina), Escuela Raumsólica de Logosofia, 1934.

GUILHERME DE ALMEIDA, *As palavras do Buddha*. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint Ltda.

GUILHERME DE ALMEIDA, *BUDA*.

HUBERMAN, Leo. *História Da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1973.

JACKSON, W.M. *Encyclopedia e Dicionario Internacional*. Rio de Janeiro.

JARBAS MATTOS. *O sentido da vida no mundo em crise*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1999.

JUDAICA, *Enciclopédia*. Rio de Janeiro, Editora Tradição S/A, 1967.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O PRÍNCIPE*. São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

_____ *O PRÍNCIPE*, Folheto introdutivo. São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

MASTER DIGITAL. *Enciclopédia*.

MONTAIGNE, Michel de. *ENSAIOS*. São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

NICOLAU EMÉRICO. *O Manual DOS INQUISIDORES*. Lisboa, Fernando Ribeiro de Mello, Edições Afrodite, 1972.

PIRENNE, Henri. *História Econômica E Social Da Idade Média*. Editora Mestre Jou.

PRITKIN, Walter B. *Breve Introdução à História Da Necedade Humana*. São Paulo (?), 1932.

RÉMONT, Renê. *O século XIX – 1815-1914*. Rio de Janeiro, Editora Cultrix, 1976.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*, São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

RUSSELL, Bertrand. *Porque Não Sou Cristão*. São Paulo, Livraria Exposição do Livro, 1960.

_____ *A Conquista Da Felicidade*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta, Macbeth, Hamlet, príncipe da Dinamarca, Otelo, o mouro de Veneza*. São Paulo, Editora Abril S.A., 1978.

_____ As alegres comadres de Winsor, Medida por medida, O sonho de uma noite de verão, O mercador de Veneza, A megera domada. São Paulo, Editora Abril S.A., 1978.

THOMAS, Henry, THOMAS, Dana Lee. *Vidas de Grandes Filósofos*. Porto Alegre, Editora Globo, 1944.

THOMAS, Henry. *História da Raça Humana através da Bibliografia*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2ª Edição, 1959.

TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e A Mãe Terra, Uma História Narrativa Do Mundo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1982.